



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

**PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NA ESQUIZOFRENIA:
UMA PERSPECTIVA COGNITIVA DA LINGUAGEM**

NELSON FERREIRA DE SOUSA JUNIOR

NATAL
2010

**PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NA ESQUIZOFRENIA:
UMA PERSPECTIVA COGNITIVA DA LINGUAGEM**

POR

NELSON FERREIRA DE SOUSA JUNIOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem. Área de Concentração: Linguística Aplicada.

Orientador: Marcos Antonio Costa

Natal

2010

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial Especializada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).
NNBSE-CCHLA

Sousa Junior, Nelson Ferreira de.

Processos de construção do sentido na esquizofrenia: uma perspectiva cognitiva da linguagem / Nelson Ferreira de Sousa Junior. – Natal, RN, 2010.

135 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio Costa.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Área de Concentração: Linguística aplicada.

1. Construção do Sentido – Dissertação. 2. Linguística Cognitiva – Dissertação. Simulação Semântica – Dissertação. 3. Esquizofrenia – Dissertação. I. Costa, Marcos Antonio. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 81'33

NELSON FERREIRA DE SOUSA JUNIOR

PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NA ESQUIZOFRENIA:

Uma perspectiva cognitiva da linguagem

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Estudos da Linguagem. Área de Concentração: Linguística Aplicada.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Antonio Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Orientador

Profa. Dra. Maria Margarida Martins Salomão
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Paulo Henrique Duque
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Profa. Dra. Neusa Salim Miranda
Universidade Federal de Juiz de Fora
(Suplente)

Profa. Dra. Janaína Weissheimer
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(Suplente)

SUMÁRIO

Lista de figuras	v
Lista de quadros	vi
DEDICATÓRIA	vii
AGRADECIMENTOS	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT	x
INTRODUÇÃO	1
1 PERSPECTIVAS ACERCA DAS RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM E ESQUIZOFRENIA	5
2 REFERENCIAL TEÓRICO	9
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
3.1 Início da coleta de dados	17
3.2 Primeiro foco: acionadores de <i>frames</i>	23
3.3 Segundo foco: descrição de gravura	24
3.4 Terceiro foco: injunção.....	25
3.5 Quarto foco: exposição de opinião	26
3.6 Quinto foco: relato acerca de desenho animado	26
4 ANÁLISE	29
4.1 Tarefa 1: cartões com palavras	29
4.1.1 O cartão “TELEVISÃO”	29
4.1.2 O cartão “VIAJAR”	31
4.1.3 O cartão “ALEGRE”	33
4.1.4 Relacionando os cartões	35
4.1.5 Algumas considerações sobre a tarefa 1	36
4.2 Tarefa 2: descrição de gravura	37
4.2.1 Algumas considerações sobre a tarefa 2	44
4.3 Tarefa 3: imagens em movimento	45
4.3.1 Algumas considerações sobre a tarefa 3	49
4.4 Tarefa 5: julgamento-opinião	50

4.4.1	Algumas considerações sobre a tarefa 4	55
4.5	Tarefa 5: ações da experiência pessoal	56
4.5.1	Algumas considerações sobre a tarefa 5	66
5	CONCLUSÃO	67
	REFERÊNCIAS	69
	ANEXO 1: Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)	73
	ANEXO 2: <i>corpus</i> linguístico de Abner	76
	ANEXO 3: <i>corpus</i> linguístico de Bachir	93
	ANEXO 4: <i>corpus</i> linguístico de Domini	113

Lista de figuras

Figura 1: representação de esquemas sensório-motores	12
Figura 2: o processo de compreensão	13
Figura 3: equipamento para coleta	18
Figura 4: local da coleta	19
Figura 5: espaço para atividades conjuntas dos pacientes	20
Figura 6: cartões com vocábulos para estímulo	24
Figura 7: gravura para estímulo em descrição	25
Figura 8: reflexo motor de Bachir diante de “TELEVISÃO”	30
Figura 9: movimento gestual indicativo de ORIGEM-CAMINHO-META	33
Figura 10: novo movimento gestual indicativo de ORIGEM-CAMINHO-META	33
Figura 11: Domini realiza gesto de abanar	34
Figura 12: gesticulação de Bachir com esquema PARTE-TODO	40
Figura 13: Bachir faz gesto associado à relação vital causa-efeito	42
Figura 14: Bachir faz gesto associado ao esquema ESCALA	42
Figura 15: Bachir simula o roteiro “tomar banho antes de dormir”	42
Figura 16: gestos de Domini simulando um esquema CONTÊINER	43
Figura 17: Domini relacionando as personagens da figura	43
Figura 18: gestos de Abner simulando o esquema ORIGEM-CAMINHO-META	45
Figura 19: Abner simulando uma sequência de ações	46
Figura 20: gestos de Abner simulando o esquema ORIGEM-CAMINHO-META	46
Figura 21: Bachir simula uma sequência de ações	47
Figura 22: Bachir novamente simula uma sequência de ações	48
Figura 23: Bachir move as mãos simulando uma sequência de ações	49
Figura 24: ilustração acerca do julgamento realizado por Abner	52
Figura 25: ilustração acerca do julgamento realizado por Bachir	54
Figura 26: ilustração acerca do julgamento realizado por Domini	55
Figura 27: Abner simula esquema CONTÊINER	57
Figura 28: Abner faz movimento de abrir, simulando a ação	57
Figura 29: Abner simula esquema PARTE-TODO	58
Figura 30: Abner simula o esquema ESCALA	59
Figura 31: Abner simula uma ação relacionada ao esquema CONTÊINER	59
Figura 32: Abner faz movimentos simulando uma ação	60

Figura 33: Bachir simulando a ação de escrever	62
Figura 34: Bachir simula roteiro “estudar”	63
Figura 35: Domini simula roteiro “prece”	64
Figura 36: Domini simula roteiro “assalto”	65
Figura 37: Domini simula a ação de escrever	65

Lista de quadros

Quadro 1: rotina dos pacientes	21
Quadro 2: datas e atividades de coleta	24

Ao Grande Senhor,
Criador de tudo e de todos:

יְהוָה

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Internacional de Neurociências de Natal Edmond e Lily Safra, na pessoa de seu Diretor, Prof. Dr. Sidarta Ribeiro, e à pesquisadora Natália Bezerra Mota, sem os quais não surgiriam as perguntas para esta pesquisa.

À minha amada esposa, Angélica Vieira Cavalcanti de Sousa que, por meio de seu incentivo, cuidado e sabedoria, me proporcionou refrigério durante esta caminhada.

À minha mãe, Juciléa Pires dos Santos, porque sem a força de seus braços há muito teria caído.

À Dra. Sandra Uchoa e ao Dr. Leandro Silva, profissionais éticos e competentes que viabilizaram esta pesquisa junto ao Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes.

À Profa. Dra. Heloísa Feltes, da Universidade de Caxias do Sul, por suas preciosas considerações, que muito acrescentaram a este trabalho.

Aos colegas de pós-graduação e aos colegas do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em especial à Profa. Dra. Janaína Weissheimer, obrigado pela atenção e carinho.

À Profa. Dra. Maria Margarida Martins Salomão, da Universidade Federal de Juiz de Fora, que engrandeceu esta dissertação com seus conselhos.

Ao Prof. Alexsandro Lino da Costa, colega atento e perspicaz na revisão deste texto, obrigado por sua gentileza e agilidade.

E aos meus orientadores, Prof. Dr. Marcos Antonio Costa e Prof. Dr. Paulo Henrique Duque, prova de que a amizade sincera é capaz de grandes proezas.

RESUMO

Muito ainda há para se compreender acerca das relações entre cultura, cognição e linguagem. Tendo como ponto de partida a perspectiva corporificada da linguagem, pode-se perceber que os sentidos gerados e utilizados nas produções discursivas são construídos e negociados não apenas linguisticamente, um vez que envolvem também estereótipos, esquemas, *frames* etc. Por sua vez, essas estruturas cognitivas adviriam das experiências e interações dos sujeitos inseridos num ambiente sócio-historicamente construído. Tendo isso em mente, o que ocorreria caso alguém tivesse uma alteração na percepção desse ambiente? Esta dissertação teve como objetivo a compreensão de processos de construção do sentido, tendo em vista a ativação de *frames*, na fala de pessoas diagnosticadas como esquizofrênicas em situação de internação, isto é, indivíduos que têm um afetamento na percepção de seu entorno social. Visando tal foco, gerou-se um *corpus* da fala de três pacientes com esquizofrenia, internos do Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes, sob uma abordagem metodológica qualitativa de pesquisa, utilizando-se dos pressupostos teóricos e analíticos da Linguística Cognitiva, mais especificamente da perspectiva da Simulação Semântica. Vislumbra-se, portanto, a compreensão de aspectos relacionados aos processos de construção do sentido na fala de pessoas com esquizofrenia, entendendo-se que a linguagem está integrada à cognição e à cultura. Então, a alteração na maneira como as experiências são percebidas afetam a produção linguística. Por fim, entendendo que a desestruturação mental ocasionada pela afetação esquizofrênica acarreta numa mudança nos modos de percepção da *realidade* pelo indivíduo, pode-se inferir a implicação desses fatores para com a linguagem e, subsequentemente, a interferência de tais questões sobre o sentido na fala de pacientes diagnosticados com esquizofrenia.

Palavras-chave: Construção do sentido, Linguística Cognitiva, esquizofrenia.

ABSTRACT

There is still a lot to be said about the relationship between culture, cognition and language. Within an embodied cognition perspective to language, it may be understood that the senses generated and used in discourse are built and negotiated not only linguistically, since they also involve stereotypes, schemes, frames, etc. These cognitive structures, in turn, would emerge from subjects' experiences and interactions with a socio-historically constituted environment. With that in mind, what would happen if someone had an altered view in the perception of such environment? The objective of this master's thesis was to understand the process of meaning construction, aiming at the activation of frames, in the discourse of people who have been diagnosed as schizophrenic and have been hospitalized, that is, individuals who have their socio-environmental perception affected. With that aim in mind, a speech corpus was generated with three schizophrenic patients from Professor Severino Lopes Psychiatric Hospital. The data were collected and analyzed qualitatively, based on the theoretical and analytical premises of Cognitive Linguistics, more specifically, of Simulation Semantic perspective. Therefore, it was possible to identify aspects related to meaning construction processes in the discourse of schizophrenic patients, understanding that language is integrated with cognition and culture. Therefore, the alteration in the way experiences are perceived by schizophrenic patients affect the linguistic production of these subjects. Finally, if we take into consideration that the mental disturbance caused by schizophrenia results in a change in perception of reality by these individuals, we can infer an implication of such factors in language and, subsequently, the interference of such issues in the meaning construction processes in the discourse of patients diagnosed with schizophrenia.

Key-words: Meaning construction, Cognitive Linguistics, Schizophrenia.

INTRODUÇÃO

“Tudo o que o louco encerra no coração, ele faz transparecer em seu rosto, o exprime em suas palavras” (ROTTERDAM, 2008, p. 65).

Nesta dissertação, objetiva-se compreender os processos de construção do sentido, tendo em vista a ativação de *frames* (individuais e sociais) na fala de pessoas diagnosticadas como esquizofrênicas em situação de internação, sob uma abordagem qualitativa de pesquisa, utilizando-se dos pressupostos teóricos e analíticos da Linguística Cognitiva (cf. LAKOFF, 1987; FAUCONNIER, TURNER, 2002; DUQUE, COSTA, 2009).

A elaboração do objeto desta pesquisa se deu em decorrência das observações preliminares de que certas características presentes na esquizofrenia interferem claramente na produção linguística dos que são acometidos por essa patologia, alterando, por vezes, os aspectos semânticos de suas produções discursivas como atestam Kiang (2005), Mitchell e Crow (2005), Sousa Junior et al. (2007) e Urresta (2009).

Por sua vez, os aspectos semânticos das produções discursivas se configuram a partir das experiências diárias das pessoas. Essas experiências podem ser entendidas como fundamentais para a própria sobrevivência humana, como, por exemplo, a percepção de uma borboleta em voo, uma colisão automobilística, a textura de um objeto, a temperatura de um alimento, a fragrância de uma pétala ou o odor de uma indústria, entre outras. O indivíduo constrói, desse modo, *informações* acerca do mundo, que entremeiam os processos linguístico-cognitivos. Não se deve crer, pois, que essa construção seja autônoma, uma vez que ela aciona, além de um imbricado aparelho sensório-motor, uma série de valores e padrões culturais.

É interessante ressaltar que os padrões culturais estão relacionados a uma memória social, a qual pode ser expressa por meio de *frames* (cf. FILLMORE, 1982). Nesse sentido, a cultura passa a ser vista como um processo resultante da interação entre o ser humano, seus pares e o *habitat*, influenciando o próprio comportamento humano, que é fruto da experiência histórica da humanidade no tempo (cf. TOMASELLO, 2003).

Assim, entendendo-se que seria a partir da percepção da experiência que se organiza o pensamento, surge a questão a propósito do que ocorreria caso alguém tivesse uma alteração na percepção e seus processos subsequentes. Esta dissertação parte, então, de tal questionamento para compreender a influência da percepção sobre a linguagem de pessoas com alterações senso-perceptuais.

Buscando-se um entendimento dos aspectos cognitivos da linguagem humana (Lgg), compreendida por Tomasello (2003) como óbvia e tautologicamente fruto e mecanismo na inter-relação entre os seres humanos, faz-se, então, necessário um caminho interdisciplinar entre os conhecimentos linguísticos e os da biologia, neurologia (numa perspectiva em neurociências) e psicologia. Nas palavras de Salomão (2007, p. 43), isso implica em “novas práticas de cooperação não só na relação interdisciplinar [...] mas dentro das próprias fronteiras da linguística”.

Por sua vez, lembrando-se das experiências apresentadas anteriormente (borboleta em voo, colisão automobilística, textura de um objeto etc.), o fato de elas serem compreendidas a partir dos estímulos sensoriais decorre, numa visão geral (cf. BEAR et al., 2008; LENT, 2005), de o organismo humano ser dotado de um Sistema Nervoso Central (SNC), que abrange o encéfalo e a medula espinhal, dos quais saem ramificações periféricas ligadas a receptores sensoriais (estruturas químicas ou organismos celulares que captam estímulos/dados do meio externo).

Entretanto, pela própria natureza humana dos indivíduos, a compreensão de um mundo externo não reside apenas em percepções de estímulos (denominada de aferência neuronal) e respostas/reflexos imediatos a esses estímulos (eferência neuronal); há entre essas duas ações (como que instantâneas) a inferência/interpretação dos estímulos. Essa inferência, situada entre os estímulos e as respostas, pode ser compreendida, segundo Feldman (2006), em dois aspectos: a) surgimento a partir da recorrência de estímulos de um *ambiente* numa dada base corporal com características individuais, da qual emergirão esquemas sensório-motores (*frames individuais*) que influenciarão novas ou outras percepções e seus reflexos; e b) organização de uma informação factual pelo indivíduo diante desses esquemas, num alcance de dimensões sociais e emocionais pelo indivíduo, entremeadas aos aspectos da memória, consciência, atenção, inteligência, afetividade, volitividade etc.

Ambos aspectos implicam nas mútuas influências entre um *ambiente* e as experiências do indivíduo. Dessa inter-relação, formar-se-ão esquemas tanto na

percepção e interpretação de uma realidade factual quanto na resposta do indivíduo diante dessa realidade materializada em sua produção linguística.

Em contrapartida, percebe-se uma quebra na produção linguística produzida por pessoas diagnosticadas como esquizofrênicas. Note-se que a esquizofrenia é definida pela literatura médica psiquiátrica como um transtorno psicótico que implica a presença de pelo menos dois dentre estes aspectos: delírios, alucinações, fala desorganizada, comportamento amplamente desorganizado ou catatônico (DSM IV-TR, 1995). Esses sintomas expressam uma alteração significativa da configuração cognitiva do indivíduo (cf. ADAD et al., 2000; ARARIPE NETO et al., 2007). Dessa maneira, uma pessoa acometida por tal alteração psicótica apresentará mudanças em suas organizações cognitivas de senso-percepção, que englobam, segundo Dalgalarondo (2000), a emoção, a volição, a atenção, a inteligência, a memória e a Lgg.

Vale salientar que a Lgg, como apontado em estudos neurocientíficos (cf. KANDEL et al., 2000; LENT, 2005; MUSZKAT, 2005; BEAR et al., 2008), está intimamente ligada aos outros aspectos da senso-percepção (emoção, volição etc.), uma vez que o cérebro humano, mesmo que delimitado teoricamente em áreas cerebrais (lobo frontal, occipital, parietal, temporal, entre outros módulos), tem regiões multiexecutivas com uma ampla plasticidade funcional, não havendo uma área ou neurônios exclusivos para a execução de uma única e determinada tarefa (CARMICHAEL, 2003). Essa visão multiexecutiva do cérebro pode ser comprovada, de acordo com Carter et al. (2009, p. 174), através do caráter distributivo da memória, pois, se determinadas informações “fossem armazenadas em uma só área, uma lesão nesse local [...] acabaria com a memória por completo”; mas isso não ocorre, uma vez que “o trauma e a degeneração cerebral são capazes de reduzir as memórias, mas raramente as destroem em sua totalidade”.

Assim, considerando-se tal perspectiva multiexecutiva, se o delírio esquizofrênico afeta a percepção, fica comprometida a construção cognitiva da realidade expressa na Lgg desse sujeito.

A partir dessas ponderações, geraram-se as seguintes questões de pesquisa:

- i) Como a esquizofrenia interferiria na Lgg dos indivíduos?
- ii) Em que implicaria essa interferência na ativação de *frames*?

- iii) Como os *frames-individuais* se relacionam com *frames-sociais* em sua ativação por pessoas com alterações senso-perceptuais?

Outrossim, é sob essas indagações que se desenvolve esta pesquisa, numa compreensão cognitiva da Lgg a partir da análise da produção oral de indivíduos com esquizofrenia. Tendo em vista essa proposta, esta dissertação delinea-se da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, são apresentadas pesquisas que levam em consideração as relações entre a Lgg e a esquizofrenia, indicando-se perspectivas que visam ao diagnóstico, outras que valorizam uma subjetivação do indivíduo e pesquisas que intencionam compreender os processos cognitivos envolvidos.

No segundo capítulo desta dissertação, tem-se a apresentação de um referencial teórico, apresentando a perspectiva corporificada da Lgg relacionada à perspectiva da Simulação Semântica, identificando a simulação enquanto ativação *on-line* de esquemas e *frames*¹ para a comunicação.

No terceiro capítulo, mostram-se os procedimentos metodológicos que viabilizaram a coleta/geração de dados, configurando esta pesquisa num viés qualitativo.

No quarto capítulo, tem-se a análise dos dados, a partir das informações audiovisuais obtidas, comparando-se os *corpora* transcritos da fala de pessoas com esquizofrenia.

No quinto e último capítulo, tem-se a construção de uma conclusão diante dos elementos percebidos na análise, além da indicação de futuros estudos para o tema.

¹ A noção de *frame* traz uma ideia de *emolduramento*, isto é, de certa estabilização que “modela”/formata certa cena comunicativa. Aqui, compreende-se que a *formação de frames* relacionada à experiência do indivíduo dá-se de maneira mais individual, na geração de esquemas (*frames individuais*), e de maneira mais social (*frames sociais*). Assim, neste trabalho, serão chamados os *frames individuais* por esquemas imagéticos/sensório-motores, e os *frames sociais*, apenas por *frames*.

1 PERSPECTIVAS ACERCA DAS RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM E ESQUIZOFRENIA

“O que, porém, procede da boca vem do coração”² (KATA MATTHAION, XV, 18a. In: TESTAMENT, 1994).

Os estudos acerca dos aspectos da linguagem (Lgg) na esquizofrenia são relativamente recentes, remontando ao início do século XX, após a primeira definição dessa patologia por Bleuler em 1911, numa reconfiguração da noção de *dementia praecox* difundida por Kraepelin a partir de 1893 (STOTZ-INGENLATH, 2000).

Assim, os primeiros estudos a respeito da Lgg em esquizofrênicos relacionam-se a elementos de diagnóstico, isto é, em como se poderiam classificar o grau ou tipos desse transtorno mental por meio de uma análise da produção oral dos indivíduos (KUPERBERG, 2010). Nessa perspectiva, a visão do terapeuta sobre a fala da pessoa acometida pela esquizofrenia era valorizada, cabendo, então, à psiquiatria a análise final.

A partir da segunda metade do século XX, passaram a ser consideradas não apenas uma visão de diagnose do paciente pelo psiquiatra, mas a própria visão do paciente sobre si, na construção de uma subjetividade. Nesse caminho, Novaes (1995) usa-se de conceitos de uma Psicanálise lacaniana, aliados a uma Análise do Discurso de linha francesa, para refletir a respeito da construção/apagamento de um *sujeito* no *Discurso* a partir da fala de pessoas com esquizofrenia em contraposição a um documento oficial da área médica para diagnose dos indivíduos. Dá-se, desse modo, uma voz aos sujeitos envolvidos na pesquisa, questionando-se os rótulos outrora impostos, além dos valores sociais do que seria compreensível (sentido) ou não compreensível (não sentido), vistos como critérios discursivos usados para a prática de uma exclusão social sobre o sujeito esquizofrênico.

Nessa mesma linha de pesquisa, Picardi (1997) analisa, também sob um enfoque lacaniano, a fala de pessoas esquizofrênicas, visando identificar critérios de

² τα δε εκπορευομενα εκ του στοματος εκ της καρδιας εξερχονται [...].

normalidade e não normalidade, elementos esses utilizados em sociedade gerando um apagamento social do sujeito com esquizofrenia.

Contudo, ainda prosseguem pesquisas que visam à construção de um diagnóstico mais preciso da psicopatologia a partir da análise da Lgg esquizofrênica. Labigalini (1998), por exemplo, apresenta a validade da análise acústica da fala de esquizofrênicos, realizada por laboratórios de fonoaudiologia, na busca de padrões vocais para caracterização da doença. Por sua vez, Caixeta et al. (1999), aliando estudos da Neuropsicologia aos da Psiquiatria, relaciona o grau de desagregação dislógica à produção de narrativas emocionalmente carregadas, sugerindo uma dificuldade de raciocínio lógico por parte de pacientes com esquizofrenia.

Nos últimos 10 anos, várias outras pesquisas têm surgido sobre as implicações da esquizofrenia sobre a Lgg. Rodriguez-Ferrera et al. (2001), avaliando quantitativamente a *performance* linguística de esquizofrênicos, sugere que um transtorno no processamento formal do pensamento interferiria no desempenho linguístico de pessoas com esquizofrenia. Em contrapartida, Meilijson et al. (2004) questionam a avaliação da Lgg esquizofrênica por meio de testes que visam a uma avaliação formal/lógica da esquizofrenia, propondo métodos de avaliação pragmática da Lgg na doença. Ela sugere que o transtorno psicótico interferiria não primeiramente num processamento formal da Lgg, mas na percepção pragmática de uma realidade pelo indivíduo com esquizofrenia, afetando, posteriormente, outras áreas, indicando que análises meramente quantitativas podem não revelar aspectos fundamentais das relações entre Lgg e esquizofrenia.

Covington et al. (2005) propõem uma análise estruturalista para a esquizofrenia, sugerindo que a Lgg na esquizofrenia deve ser analisada em diferentes níveis: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Eles relacionam, também, a alteração nesses níveis às mudanças genéticas no módulo da Lgg. Contudo, Kircher et al. (2005) apresentam que não há uma organização modular no transtorno esquizofrênico, uma vez que encontram correlatos neurais de produções sintáticas no encéfalo de esquizofrênicos, observando, por meio de ressonância magnética funcional, como determinadas áreas cerebrais eram ativadas enquanto frases iam sendo apresentadas em graus variados de complexidade sintática. Mitchell e Crow (2005), também, avaliam o papel do hemisfério direito do cérebro na construção da Lgg esquizofrênica, sugerindo que há uma dificuldade de troca de informações entre os hemisférios

direito e esquerdo do encéfalo de pessoas com esquizofrenia, o que também contradiz uma visão modular sobre o cérebro, havendo, portanto, uma multifuncionalidade das áreas cerebrais para a realização de tarefas e não um módulo para cada ação.

Por conseguinte, numa perspectiva cognitiva da Lgg, Kiang (2005), através da realização de um estudo de caso, sugere que, sob um enfoque da teoria da mesclagem conceptual de Fauconnier e Turner (1998), os delírios da esquizofrenia seriam o produto de uma integração conceitual de processos semelhantes aos presentes em muitas funções cognitivas normais, porém teriam uma seção desviante na entrada de informações, resultando em integrações e mesclagens³ (*blending*) que seriam consideradas errôneas em comparação a uma normalidade. Kiang (2005) também indica que análises das redes de integração conceitual de pessoas com esquizofrenia podem servir como uma nova técnica psicoterapêutica.

Urresta (2009) corrobora essa visão cognitivista, definindo que os delírios, a partir de propostas de Wittgenstein, seriam expressões verbais de alterações nas percepções durante a formação das experiências diárias do indivíduo, a qual seria vinculada à interação entre os outros indivíduos e suas emoções.

Sendo assim, se a fala de pessoas com esquizofrenia denota um afetamento anterior da apreensão de experiências diárias desses indivíduos, essa produção discursiva se mostra, então, como fonte de dados propícia à investigação linguística. Segundo Dalgarrondo (2000, p. 148), em sua definição fenomenológica e clínica da psicopatologia, a esquizofrenia é considerada uma doença neurológica que carrega, em seu caráter gerador de delírios/alucinações, alterações peculiares da Lgg, “indicativas de como o processo de pensar, a formação e utilização de conceitos, juízos e raciocínios estão profundamente afetados pela desestruturação esquizofrênica”, o que afeta de forma inexorável os processos semânticos da Lgg.

De acordo com Dalgarrondo (2000, p. 149), é possível, então, encontrar no enunciado esquizofrênico as seguintes implicações linguísticas: i) neologismos (criação de novas palavras); ii) estilizações, rebuscamentos e/ou maneirismos (estereotipia da Lgg); iii) jargonofasia/esquizofasia (salada de palavras); iv) criptolalia (fala incompreensível, língua privativa ao doente); v) parafasias (deformações

³ No Brasil, Margarida Salomão traduziu o termo *blending* como mesclagem (MIRANDA, 2000).

fonológicas nas palavras); e vi) graus diversos de afasia nominal (déficit na nomeação de objetos e imagens).

Dessarte, sendo a Lgg tecida numa relação de significação formada a partir da maneira como o indivíduo percebe tudo que o cerca, os problemas perceptuais/inferenciais oriundos da *loucura* esquizofrênica afetariam essas relações de significação, ou seja, os conceitos que o indivíduo esquizofrênico produz podem não ser os mesmos entendidos por seu interlocutor e vice-versa, o que implicaria em associações semânticas divergentes, por vezes conflitantes (a do sujeito com esquizofrenia em oposição à relação referencial realizada por seu interlocutor).

Contudo, não foram observadas ainda pesquisas que envolvam uma compreensão, mais especificamente, da ativação de esquemas e *frames* numa perspectiva da Simulação Semântica, aspectos esses por demais interessantes a novos estudos cognitivos da Lgg. Esta pesquisa se propõe, então, a preencher essa lacuna.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

“A percepção é o conjunto de processos pelos quais é possível reconhecer, organizar e entender as sensações provenientes dos estímulos ambientais” (STERNBERG, 2010, p. 65).

Em algum momento na história, a humanidade iniciou o molde de seu imaginário e, a partir de suas experiências, criou através da formação de padrões seus símbolos, seus mitos, seus valores. Essas vivências tornaram-se possíveis graças à relação (percepção) dos seres humanos com a natureza (ambiente), com seus congêneres (cultura) e, por conseguinte, consigo próprios (autoconsciência). Turner (2009) considera que “os animais – incluindo-nos – vivem, pensam e sentem no aqui e agora”⁴. Contudo, os humanos pensam além do *aqui e agora*, seja na reconstrução de um passado, seja na construção de expectativas de um futuro.

Tais premissas levam em consideração uma perspectiva maximalista para o entendimento do pensamento e Lgg humanos. Assim, uma compreensão de estudos cognitivos mais recentes apresenta a Lgg como uma construção cognitiva inter-relacionada à cultura e à interação (LEITE, 2003; PAREDES, 2003), como apresentado por Duque (2001):

Do ponto de vista da Linguística Cognitiva, a linguagem é meio de conhecimento, conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e estruturas da linguagem são analisadas, não como entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamentos e da experiência cultural, social e individual.

Nesse contexto, entende-se que, mesmo considerando a existência de uma base neural e, portanto, biológica e genética, para o funcionamento da Lgg, essa alude a um *dever*, num certo potencial de ação, sendo construída enquanto comunicação por meio de uma língua gerada nas práticas interpessoais inseridas numa dada cultura. De acordo com Tomasello (1998, p. ix), isso é resultado do fato

⁴ Animals – including us – live, think, and feel in here and now.

de que a “linguagem não é um ‘órgão mental’ autônomo, mas, pelo contrário, é um complexo mosaico de atividades comunicativas e sociais estreitamente integradas com o restante da psicologia humana”⁵.

Assim, essas atividades podem, por vezes, até mesmo modificar as bases neurais. Um exemplo interessante acerca da mudança de bases neurais (consideradas inatas) por meio da experiência diz respeito à construção da epigenética, na observação da existência de alterações, oriundas da experiência, de padrões e metilação⁶ de genes, o que acarreta no esclarecimento de como fatores externos (ambientais) podem influenciar o funcionamento genético (cf. BIRD, 2007).

Nesse sentido, a cognição pode ser concebida como inter-relacionada com a senso-percepção do ambiente, que se relaciona a uma percepção corporal, interpretação dessa percepção e formação de *filtros* (esquemas, *frames*) que servirão posteriormente ao ser, diante de novas percepções corporais. Essa captação inicial dos estímulos percebidos num dado *habitat* é denominada de aferência neuronal.

Diante dos estímulos, existem várias estruturas neurais sensíveis às alterações que cercam o corpo, enviando sinais extremamente velozes para os neurônios. Contudo, ao contrário do que pensaram behavioristas, antes que se gere uma resposta a esses estímulos, denominada de eferência neuronal, há uma intensa sequência de disparos de neurônios entre diversas áreas cerebrais, estabelecendo-se um processamento cognitivo dos estímulos percebidos. Esse processamento traz significado, então, aos estímulos, transformando-os em experiência.

Como considerado anteriormente, essa experiência é socialmente compartilhada e inserida num dado ambiente. Por sua vez, esse ambiente é construído cognitivamente a partir das próprias experiências do indivíduo (ARENDDT, 2000).

Nessa visão, entende-se que as vivências diárias do indivíduo (as quais ocorrem em contextos situados e socialmente compartilhados) durante sua vida,

⁵ Language is not an autonomous “mental organ”, but rather that is a complex mosaic of cognitive and social communicative activities closely integrated with the rest of human psychology.

⁶ Metilação é um termo originário das ciências químicas que, na Neurobiologia, denomina a ligação ou substituição de certo grupo molecular sobre nutrientes que servem de base para o organismo. No caso de sistemas biológicos, a metilação pode estar relacionada à mudança de metais pesados no organismo, regulação da expressão gênica, funções das proteínas e metabolismo de RNA (molécula intermediária na síntese de proteínas).

desde seu nascimento, influenciam seu desenvolvimento na construção de *padrões*, esquemas, estereótipos conceituais, que influenciam seus reflexos, ações/reações em suas novas experiências. Segundo Duque e Costa (no prelo),

Para construir o conhecimento, o processamento cognitivo se dá por meio do acesso às informações estocadas na memória. Essas informações são estabelecidas durante a exposição às experiências, adquiridas através das nossas vivências e intercâmbios socioculturais.

Dessarte, pode-se perceber a intensa interação e mútua influência entre os elementos socioculturais e cognitivos nos seres humanos, configurando o indivíduo, como já observado pela psicologia, como um ser biopsicossocial (REIS, 1999), isto é, um sujeito que contém, de maneira integrada, dimensões sócio-históricas, psíquicas e biológicas.

Segundo Feldman (2006, p. 135), essas dimensões da experiência são significadas através da percepção corpórea do indivíduo, a qual se estabelece por meio de uma estrutura conceptual formada ainda na infância. Essa estrutura surge a partir da recorrência das experiências numa determinada base corporal, estabilizando-se em esquemas imagéticos/sensório-motores.

Assim, por exemplo, uma criança estabilizaria um esquema ORIGEM-CAMINHO-META quando engatinhasse recorrentemente de um ponto para o outro; fortaleceria uma noção de CONTÊINER colocando objetos numa caixa constituindo um *trajetor* e um *marco* (Figura 1A). Desse modo, através de sua experiência corporal, o indivíduo formaria esquemas que evidenciam uma captura de padrões recorrentes de experiências sensório-motoras (BERGEN; CHANG, 2003).

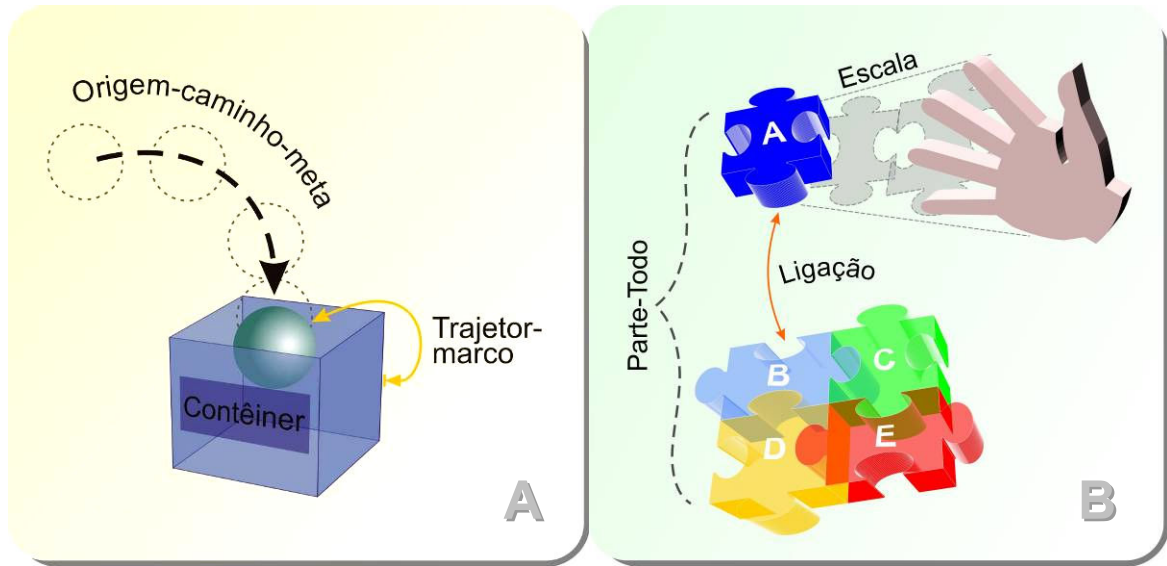


Figura 1: Representação icônica de alguns esquemas sensório-motores (adaptada de BERGEN; CHANG, 2003)

Outros esquemas imagéticos originados na experiência, vistos na Figura 1B, referem-se à percepção do tamanho dos objetos/elementos a partir de uma escala humana (esquema ESCALA), ligação entre elementos de objetos (esquema LIGAÇÃO) e compreensão de que o todo de um objeto é formado pela soma de suas partes (esquema PARTE-TODO).

Dessa forma, a Lgg pode ser vista como fruto de uma construção mental a partir da forma como o mundo é percebido e interpretado; não vindo pronta, dessa maneira, no nascimento do indivíduo, mas sendo organizada por ele a partir das inferências de suas sensações. Pesquisas em neurociências corroboram essa ideia, indicando que “a experiência sensorial pode afetar a organização cerebral e levar ao aprendizado e à memória” (BEAR, 2008, p. 637).

Contudo, os esquemas não são a única maneira de organização da experiência: há coleções coerentes de experiência específicas de uma cultura, seguindo uma convenção, denominadas de *frames*. Enquanto os esquemas expressam uma organização da experiência individual, os *frames* refletem uma ordenação da experiência social.

Para que seja compreendida, por exemplo, uma expressão produzida em 2009 pelo Ministro da Saúde do Brasil, José Gomes Temporão, “Vírus da gripe entrou no Brasil, mas não circulou”, necessita-se do acionamento de um esquema contêiner e o *frame* “gripe suína”, por exemplo. Esse *frame* associa-se a elementos de taxonomia (tipo de vírus, características virais, sua relação com outros vírus),

roteiro (ações contra o vírus, como ele age em humanos, como se proteger dele), cenário (em que ambiente se propaga, se locais arejados ajudam em seu combate) etc. Como se pode ver, vários conhecimentos compartilhados socialmente estão relacionados ao *frame*, sendo ele expressão de uma memória cultural.

Nesse sentido, a significação seria uma ativação de esquemas e *frames* num dado momento interacional, construindo-se *on-line*, resultante de projeções de experiências comunicativo-inferenciais anteriores ajustadas ao contexto no momento da interação. Assim, com a recorrência dessas atividades, estabilizam-se redes de significação que, segundo Turner (2009), estão entremeadas a relações vitais que perpassam o escopo cognitivo humano, trazendo uma compreensão de “tempo, espaço, causa-efeito, representação, analogia e desanalogia, mudança, identidade, singularidade e assim por diante”⁷.

Na perspectiva de compreensão⁸ aqui adotada, um compreendedor ativa *frames*, acionando esquemas e *frames sociais*, a partir do reconhecimento de padrões linguísticos (Figura 2).

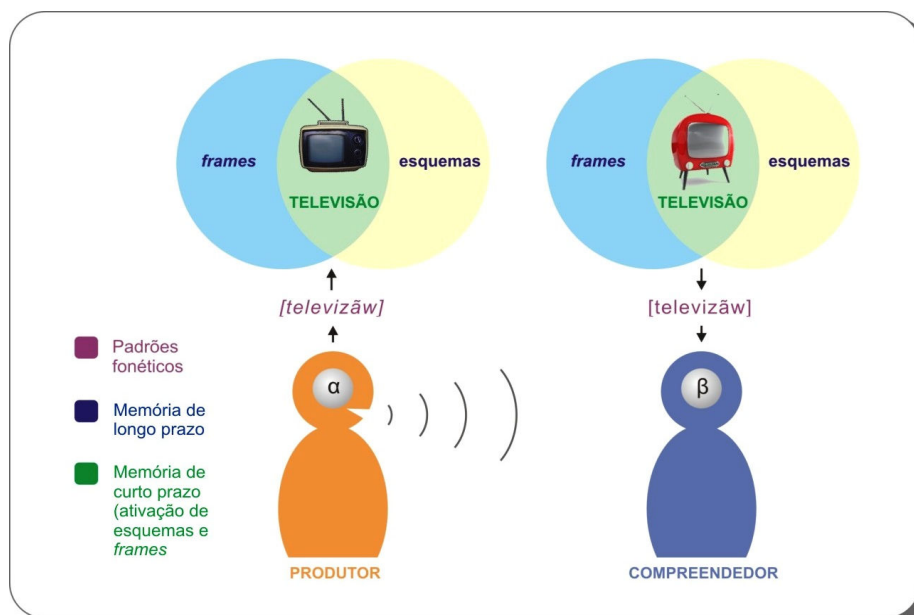


Figura 2: o processo de compreensão

⁷ time, space, cause-effect, representation, analogy and disanalogy, change, identity, uniqueness, and so on.

⁸ Compreensão é a ativação do conhecimento perceptual, motor, social e afetivo na caracterização do conteúdo de enunciados/imagens (BERGEN, 2010[b]).

Todavia, o sequenciamento linear dos processos apontados na figura serve apenas a fins didáticos, uma vez que tais processos se dão em redes paralelas e simultâneas de ativação/inibição de conjuntos neuronais.

Outro ponto relacionado aos aspectos cognitivos da Lgg diz respeito à noção de simulação. Essa ideia advém da observação de que um dos elementos envolvidos na compreensão relaciona-se à ativação de neurônios durante a realização de tarefas reais. Segundo Bergen (2010[a], p. 150),

quando se processam sentenças sobre cenas perceptíveis e ações performáveis, compreendedores da linguagem ativam sistemas perceptuais e motores para simulações mentais de performance desses eventos⁹.

Nesse sentido, quando alguém ouve uma expressão acerca do ato de agarrar uma bola, por exemplo, áreas cerebrais relacionadas aos movimentos das mãos são acionadas. Isso se deve à atuação dos neurônios-espelho (cf. RIZZOLATTI et al., 2007), que reagem a estímulos vistos ou imaginados pelo indivíduo como se ocorressem em seu próprio corpo.

Por fim, tendo em vista esses conceitos, procura-se partir da compreensão dos aspectos linguísticos da fala do indivíduo esquizofrênico, isto é, como a Lgg se instaurou enquanto realização social na mente desse indivíduo, investigando-se as implicações das alterações senso-perceptuais oriundas da esquizofrenia.

Esse seria, portanto, um caminho mais produtivo para a compreensão de processos cognitivos em pessoas com esquizofrenia, já que, como afirma Morato (2000, p. 151), “não há possibilidades integrais de conteúdos cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades integrais de linguagem fora de processos interativos humanos”, o que faz da reflexão da Lgg uma luz para o conhecimento acerca dos processos de construção do sentido.

⁹ When processing sentences about perceptible scenes and performable actions, language understanders activate perceptual and motor systems to perform mental simulations of those events.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“Eu quisera que me suportásseis um pouco em minha loucura; então, suportai-me”¹⁰ (PROS KORINTHIOYS B, XI, 1. In: TESTAMENT, 1994).

Já se mostra bem conhecido o caráter dinâmico que a Lgg contém, a qual se apresenta entremeada à cognição e cultura. Clara é, também, a necessidade de que o trabalho científico não se perca em elucubrações vazias ou em especulações simplórias. Diante desses quesitos, portanto, um dos caminhos que se apresenta relevante para uma construção de saberes é uma postura de pesquisa que parte de fatos e dados empíricos para a descrição e a interpretação. Desse modo, os resultados de uma investigação científica e, até mesmo, o surgimento de novas contribuições teóricas são fruto da análise de dados, os quais foram gerados por meio de procedimentos bem delineados (cf. STRAUSS; CORBIN, 2008).

Nesse sentido, visando uma melhor apreensão da dinamicidade que envolve a Lgg em instâncias e momentos específicos de interação, esta dissertação configurou-se sob uma abordagem qualitativa de pesquisa, do tipo estudo de caso, o qual é definido por Merriam (1988 apud ANDRÉ, 1995, p. 51) da seguinte forma:

os estudos de caso buscam o conhecimento do particular, são descritivos, indutivos e buscam a totalidade. Além disso eles estão mais preocupados com a compreensão e descrição do processo do que com os resultados comportamentais.

Por conseguinte, diante de questões de pesquisa tão amplas (expostas na introdução deste trabalho), percebeu-se a necessidade de se construir um estudo comparativo de dados, com o fim de se ter acesso a um escopo mais sólido de conteúdos passíveis de análise. Delineou-se, desta maneira, nesta pesquisa, o intuito de se refletir acerca de três estudos de caso com *corpora* linguísticos em interseção.

¹⁰ Οφελον ανειχεσθε μου μικρον τη αφροσυνη· αλλα και ανεχεσθε μου.

Assim, intencionando-se uma contemplação significativa de informações, vislumbraram-se os seguintes passos para a coleta de dados:

- i) seleção¹¹ de três pessoas portadoras de esquizofrenia, em situação de internação hospitalar, como participantes da pesquisa;
- ii) observação dos prontuários e históricos dos participantes selecionados;
- iii) compreensão e observação, durante a pesquisa, da rotina dos participantes selecionados;
- iv) entrevista semiestruturada com os participantes individualmente;
- v) gravação de áudio e vídeo das entrevistas;
- vi) transcrição da gravação das entrevistas.

Os passos acima apresentados delineiam-se a partir de necessidades metodológicas de pesquisa, logo, cientificamente justificáveis. Primeiro, por esta se tratar de uma pesquisa orientada metodologicamente por aspectos qualitativos, entendendo-se, então, que os dados coletados a partir das entrevistas de três participantes são mais do que suficientes para que se possam evidenciar alguns elementos relacionados aos processos de construção de sentido desses indivíduos necessitados de internação hospitalar, com um maior desligamento da sociedade em geral, com alterações senso-perceptuais mais regulares, fornecendo, portanto, produções linguísticas mais afetadas pela esquizofrenia.

Segundo, entendendo que o estudo de caso é um modelo profundo de pesquisa, passível à generalização, e estando esse ligado aqui a uma psicopatologia, faz-se necessária, portanto, uma observação referente à vida clínica do participante da pesquisa, ou seja, de seu histórico e prontuário clínicos, bem como uma visão de sua rotina no hospital psiquiátrico.

Terceiro, sendo abertas e extensas as possibilidades de interação socioverbal do participante com o pesquisador, definiu-se modelos semiestruturados de entrevistas que estimulem a ativação de *frames* na produção de variados esquemas discursivos pelos participantes em momentos distintos. Dessas

¹¹ Como veremos a seguir, a seleção dos participantes foi realizada livremente pelo Corpo Clínico do HPPSL sem qualquer influência da parte do pesquisador.

entrevistas, por sua vez, tem-se o registro audiovisual da comunicação, do qual se pode transcrever os *corpora*, como materialização escrita dos dados empíricos, imprescindível à análise e interpretação linguísticas.

3.1 Início da coleta de dados

Frente a essas etapas e sendo os participantes da pesquisa seres humanos considerados vulneráveis (pelo fato de serem avaliados como doentes em interação), a reflexão e apreciação éticas denotaram-se como fundamentais. Para tanto, os procedimentos metodológicos desta pesquisa foram cadastrados junto ao Conselho Nacional de Saúde (CNS), apreciados e aprovados pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CEP-UFRN), obtendo-se o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE), sob o número 0118.0.051.000-09, respaldando como válida e ética esta investigação e seus procedimentos.

Assim, após apresentação do projeto de pesquisa e recebimento de carta de anuência do Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL), as coletas de dados se deram numa sala de atendimento no HPPSL, contando essa com 9m² de área, 2,5m de altura, forro de gesso, com cerâmica branca como piso, 1 (um) condicionador de ar, 2 (duas) cadeiras e 1 mesa; instalada com os equipamentos do pesquisador, sendo esses 1 (uma) câmera fotográfica digital, *Mirage Summer 5MP* com pedestal (Figura 3A), para gravação de áudio e vídeo, 1 (um) gravador digital de áudio, *Panasonic MP3 Recording Zoom mic* (Figura 3B), para gravação direta de voz, e 1 (um) *notebook Epcom mobile* para estímulo em argumentação e narração (Figura 3C).



Figura 3: máquina fotográfica digital (A) para captação audiovisual, gravador digital de áudio (B) e microcomputador portátil (C) para geração de estímulos

O HPPSL funciona em Natal, Capital do Rio Grande do Norte, Brasil, desde 2005 (Figura 4). Sua origem remonta à Casa de Saúde Natal, primeiro hospital psiquiátrico particular da cidade, fundado pelo, então, Prof. Severino Lopes em 1956. Com a morte do professor em novembro de 2002, o hospital muda o nome, tendo seus funcionários e instalações cedidos contratualmente, em 2005, à instituição mantenedora Sociedade Professor Heitor Carrilho, entidade filantrópica beneficente que tem como foco o atendimento, pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e outros planos de saúde particulares, a pessoas com problemas mentais e/ou dependência química. O HPPSL dispõe de 240 leitos, com 160 deles destinados ao SUS, divididos em 10 enfermarias¹² femininas e 22 masculinas, contando com cerca de 60 funcionários.

¹² As enfermarias são as alas do hospital destinadas a cada grau de transtorno mental ou dependência química. Há também diferenças de enfermaria a depender do plano de saúde (SUS e outros convênios). As enfermarias já foram denominadas de celas; contudo, tal terminologia não é aceita hoje pelo HPPSL, pelo fato de não ser bem-vista pela comunidade em geral.



Figura 4: Fachada do Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes

Após a obtenção dessas informações iniciais, de 13 a 27 de julho de 2009, o coordenador desta pesquisa conversou com os funcionários, traçando uma observação do ambiente, buscando entender a rotina e o entorno social dos pacientes no HPPSL. Durante esse período, apreendeu a seguinte rotina geral que os pacientes têm conforme sua escolha, sob prescrição médica¹³:

	Manhã	Tarde	Noite
Domingo	-_Café da manhã (~7h) -_Recreação (~8h às 11h) -_Musicoterapia (~9h)	-_Almoço (~12h) -_Recepção de Visitas (~ das 14h e 30 min às 16h e 30min)	- Jantar (~18h)
Segunda	-_Café da manhã (~7h) -_Atividade física (~7h) -_Recreação (~8h às 11h) -_Aula de Leitura (~9h)	-_Almoço (~12h) -_Musicoterapia (~14h) -_Reza do Terço Católico (~15h)	- Jantar (~18h)
Terça	-_Café da manhã (~7h) -_Atividade física (~7h) -_Recreação (~8h às 11h) -_Aula de Leitura (~9h)	-_Almoço (~12h) -_Recepção de Visitas (~ das 14h e 30 min às 16h e 30min)	- Jantar (~18h)
Quarta	-_Café da manhã (~7h) -_Atividade física (~7h)	-_Almoço (~12h)	- Jantar (~18h)

¹³ “~” indica *aproximadamente*; “h” *horas* e “min” *minutos*.

	-_Recreação (~8h às 11h)		
	-_Aula de Leitura (~9h)		
Quinta	-_Café da manhã (~7h)	-_Almoço (~12h)	- Jantar (~18h)
	-_Atividade física (~7h)	-_Recepção de Visitas (~ das 14h e 30 min às 16h e 30min)	
	-_Recreação (~8h às 11h)		
	-_Aula de Leitura (~9h)		
Sexta	-_Café da manhã (~7h)	-_Almoço (~12h)	Jantar (~18h)
	-_Atividade física (~7h)	-_Musicoterapia (~14h)	
	-_Recreação (~8h às 11h)	-_Terapia Ocupacional (~14h)	
	-_Aula de Leitura (~9h)		
Sábado	-_Café da manhã (~7h)	-_Almoço (~12h)	- Jantar (~18h)
	-_Yogaterapia (~7h)	-_Recepção de Visitas (~ das 14h e 30 min às 16h e 30min)	

Quadro 1: rotina geral para os pacientes do Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL)

O quadro acima indica uma rotina para os pacientes do HPPSL. As atividades ora apresentadas são realizadas em conjunto com todos os pacientes (Figura 5). Vale salientar que os pacientes que possam representar risco, para seu próprio tratamento e saúde ou para os outros, são impedidos dessas atividades em conjunto, permanecendo em sua respectiva enfermaria.



Figura 5: Pátio para atividades conjuntas dos pacientes

Durante essa observação, o maior hospital público do Estado, o Hospital Colônia Dr. João Machado, foi interditado para reformas, gerando um déficit de leitos para internação psiquiátrica em Natal. Este pesquisador, então, observou uma superlotação no HPPSL, com pessoas necessitadas de urgente internação sendo dispensadas por falta de leitos.

Nesse período, por exemplo, uma equipe do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), com um paciente “espumando”, sob contenção numa maca, exigia a internação desse junto ao HPPSL, uma vez que vinham de outro hospital psiquiátrico onde não havia vagas; uma equipe jornalística local se fazia presente e também uma unidade policial, pois o paciente da ambulância já tinha atacado outras pessoas. Diante da cena, à tarde, em meio ao horário de visitas, momento em que os familiares e responsáveis pelos internos enchem o hospital, e com o musicoterapeuta cantando e tocando com os outros pacientes no pátio, apontaram-se as seguintes impressões no caderno para notas de campo: “Hospital é *carnaval...* (religião, música, arte...), mentes pensantes em devassidão (fragmentação dos sentidos/caleidoscópio mágico). Corredores lotados. Risos cortados/rápidos. Saudações parcimoniosas... Arca, Babel. Múltiplos desejos e intenções *resvaladas*”.

Por fim, conseguiram um dos leitos reserva para aquela pessoa. E o movimento, de certa forma até alegre, do HPPSL quebrou paradigmas tidos por este pesquisador quanto a instituições psiquiátricas. Aquele hospital psiquiátrico não seria, portanto, tão triste ou tenebroso como antes se altercava.

Após esse momento de observação inicial, esperou-se a aprovação desta pesquisa pelo CEP-UFRN para que se pudesse ter contato direto com os pacientes e se iniciasse a seleção dos participantes e a realização das entrevistas. Em 10 de dezembro de 2009, esta pesquisa foi aprovada pelo CEP-UFRN, dando-se início de fato à coleta.

Assim, os pacientes foram selecionados¹⁴ após atestada a sua liberação, pelo médico responsável, para responder a pesquisa e consultados seus responsáveis pelos psicólogos do HPPSL¹⁵, os quais lhes informaram acerca das intenções da pesquisa de forma clara e detalhada. Os responsáveis pelos participantes concordaram voluntariamente e assinaram o Termo de Consentimento

¹⁴ Segundo critérios do Corpo Clínico do HPPSL sem a intervenção deste pesquisador.

¹⁵ Sandra Maria de Vasconcelos Uchoa e Leandro Silva.

Livre e Esclarecido (TCLE) em conjunto com a cessão dos direitos de imagem e de proteção do prontuário médico para esta pesquisa.

No dia 14 de dezembro, foi realizada uma coleta piloto com dois prováveis participantes¹⁶, Emir e Abner, quando se testou a qualidade do áudio e vídeo e a disposição dos equipamentos para a captação dos dados, por meio de uma entrevista livre não estruturada a respeito de como eles se sentiam no HPPSL. Após a decisão pela disposição dos equipamentos e móveis na sala durante as entrevistas, essas foram executadas. Emir, no entanto, não pôde participar da pesquisa pelo fato de ter recebido alta antes do início das coletas.

Dessa forma, foram selecionados Abner, Calebe e Bachir para as entrevistas; contudo, após seu segundo encontro, Calebe não quis continuar com as entrevistas, saindo, desse modo, da pesquisa. Para sua vaga, Domini foi incluso na coleta, configurando o quadro de datas e focos de entrevista a seguir¹⁷, segundo os meses e dias de interação:

	Dezembro/ 2009				Janeiro/ 2010					
	14	16	23	30	04	07	14	17	18	21
Emir	PLT									
Abner	PLT	CRT		DES	INJ	OPN	REL			
Bachir			CRT	DES	INJ	OPN	REL			
Calebe		CRT		DES						
Domini							CRT	DES	INJ/ OPN/ REL	

Quadro 2: dias e focos das coletas do *corpus*

Com relação à anamnese dos participantes, após conversas com familiares e médicos responsáveis, foram observados os históricos médicos dos pacientes, chegando-se a algumas definições quanto a seu transtorno psíquico, apresentando todos eles o aspecto crônico da doença e, portanto, um maior embotamento para com a percepção de seu entorno social. Abner apresenta um quadro de

¹⁶ Por uma questão ética, os participantes sempre serão aqui citados com nomes fictícios.

¹⁷ Definição de siglas do quadro quanto aos direcionamentos das entrevistas: PLT – coleta piloto; CRT – cartões com palavras; DES – descrição de gravura; INJ – injunção; OPN – opinião/julgamento; REL – relato sobre desenho animado.

esquizofrenia paranoide com surtos psicóticos associados à agressividade, gerando-se delírios e alucinações visuais e auditivas. Bachir é diagnosticado como portador de esquizofrenia catatônica, ligada a certo grau de ecolalia, e apresenta certos delírios paranoides. Domini, por sua vez, apresenta uma esquizofrenia paranoide, associada a surtos de verborragia.

Sendo assim, de 16 de dezembro de 2009 a 21 de janeiro de 2010, sempre no período da tarde (entre 14h e 30 min e 17h e 30 min), foram realizadas as entrevistas, focando-se a composição de um *corpus*, segundo padrões habitualmente aprovados pela comunidade científica para a transcrição da conversação (GONZALEZ-MARQUEZ et al., 2006).

3.2 Primeiro foco: acionadores de *frames*

Sob uma perspectiva corporificada da significação e, por conseguinte, da compreensão, entende-se que a construção do sentido estaria intimamente ligada à formação, manutenção e atualização de mapas sinestésicos¹⁸ estabilizados por meio da recorrência de experiências do indivíduo. Sendo, desse modo, bem difundida a noção de que o ruído cognitivo causado pela esquizofrenia na percepção influencia de modo significativo a configuração sinestésica do indivíduo, é possível inferir a influência dessa alteração tanto em esquemas conceptuais bem como, principalmente, em *frames*.

Para tanto, buscando-se averiguar como *frames* são acionados por pessoas com esquizofrenia a partir de seu contato com elementos lexicais, foram apresentados a Abner (A), Bachir (B) e Domini (D) cartões contendo as palavras “TELEVISÃO”, “VIAJAR” e “ALEGRE” (Figura 6). Inicialmente foi apresentado um cartão por vez a cada um dos participantes e depois todos os cartões, sendo-lhes indagado se haveria alguma associação entre os vocábulos.

Assim, objetivou-se perceber como acionadores de *frames* relacionados a substantivos, verbos e adjetivos estão diretamente relacionados ao conteúdo da simulação (cf. BERGEN, 2010[b]). Na configuração dos *frames*, os substantivos

¹⁸ Feldman (2006) define tais mapas sinestésicos (oriundos das sensações corporais/sinestésias) como “mapeamentos metafóricos” (*metaphorical mappings*), uma vez que esses servem de suporte para a construção dos esquemas conceptuais que servirão às projeções metafóricas necessárias à construção do sentido.

estariam envolvidos mais diretamente com taxonomias e categorias; os verbos, com roteiros; e os adjetivos, na construção de cenários.



Figura 6: cartões utilizados para realização da tarefa 1

3.3 Segundo foco: descrição de gravura

No decorrer da pesquisa, foi mostrado para A, B e D, em encontros distintos, um estímulo pictórico que, contendo várias personagens em ações distintas num cenário (Figura 7), acaba carregando várias relações de categorização compartilhadas socialmente. Intencionou-se, então, observar como aspectos relacionados à compreensão de *símbolos* compartilhados socialmente, tendo em vista sua inserção numa semiologização do contexto¹⁹, seriam apresentados numa produção descritiva realizada por pacientes diagnosticados com esquizofrenia.

¹⁹ Salomão (2009) apresenta o conceito de *semiologização do contexto* repudiando uma polarização entre linguagem e contexto, entendendo que a interação verbal, por exemplo, se dá por meio de pistas semióticas relacionadas a “configurações cognitivas e instruções semiológicas”, as quais trazem, assim, um enquadramento, isto é, um foco no plano das diversas semioses em interação presentes no ambiente social.



Figura 7: gravura de estímulo para conversação tendo em vista uma produção descritiva do participante (adaptada de ANÔNIMO, 2002, p. 4, 5)

3.4 Terceiro foco: injunção

A respeito da compreensão de uma ação e como ela seria realizada por um agente, Talmy (2000) apresenta uma noção de enquadramento força-e-dinâmica (*force-dynamic framework*), que se relaciona ao direcionamento/modalização da ação e seus elementos (agente, objeto etc). Contudo, ele mesmo afirma a respeito de uma relação primitiva de causalidade (p. 428), proveniente das experiências diárias das pessoas. Essa relação vital, oriunda da experiência, é definida por Fauconnier e Turner (2002) como relação de causa-efeito, sendo resultante da observação e ação de agentes sobre elementos de um mundo, percebendo-se, assim, um efeito.

Nessa linha, pode-se compreender que padrões discursivos, que tenham como foco a explicação de procedimentos de ação (injunção), envolveriam vários elementos ligados à experiência pessoal. Visando, então, o acesso à compreensão de como esses elementos da ação se inserem na fala de pessoas que têm certa alteração na percepção das experiências, foi perguntado a A, B e D, em dias distintos, o que gostavam de fazer, consertar ou construir, e como eles poderiam

explicar seus procedimentos para com essas ações. Essas se relacionariam, enquanto ligadas à injunção, a *frames* de roteiro (conjunto de ações em sequência) e de *taxonomia* (propriedades de categorização de objetos), utilizando-se também de esquemas na ativação de *frames*.

3.5 Quarto foco: exposição de opinião

Pode-se entender que um julgamento, enquanto compreensão e expressão de uma opinião, diz respeito a uma capacidade humana de definir o que seriam formas mais apropriadas ou não à sequência de ações em foco. Ele envolve, então, relações de percepção de causa em eventos. Segundo Fauconnier e Turner (2002, p. 83), a compreensão de causa e efeito faz parte de uma propriedade básica de trabalho de nossos sistemas perceptuais e sensoriais. Nesse sentido, para que um indivíduo construa determinada opinião ou julgamento acerca de algo ou algum evento, é fundamental um foco sobre uma sequência de ações.

Desse modo, visando à construção de um entendimento a respeito de como os aspectos de foco relacionar-se-iam à compreensão de um evento por pacientes com esquizofrenia, foram realizadas entrevistas com A, B e D, em que foi apresentado um trecho de um desenho animado que mostrava uma menina em problemas com um policial por causa de um jogo de beisebol. A animação apresentou uma menina jogando beisebol na rua com seu cãozinho; então, ela acertou sua bola num policial, fazendo com que ele quase engolisse o telefone pelo qual falava com seu superior. O policial, então, gritou agressivamente com a menina, ordenando que ela fosse brincar no parque. No parque, a menina continuou seu jogo, mas acertou acidentalmente o olho do mesmo guarda anterior, agora próximo a uma árvore. Ele se exasperou, tomou o taco da menina e jogou-o no chão, este bateu na bola que, por sua vez, acertou o outro olho dele; então, o policial gritou novamente com a menina, ordenando que ela brincasse de outra coisa.

3.6 Quinto foco: relato acerca de desenho animado

Em sua revisão de literatura, no âmbito dos estudos neuropsicológicos a respeito da inter-relação entre compreensão e relato de histórias, Mar (2004) afirma que a compreensão, a produção de histórias e cada um dos subprocessos que as

envolve influenciam fortemente a experiência humana e vice-versa. Sob tal perspectiva, poder-se-ia entender, também, que múltiplos aspectos da narrativa estão relacionados à percepção de sistemas simbólicos compartilhados socialmente, inseridos numa relação de semiologização do contexto. Esses sistemas seriam compostos basicamente por dimensões de: tempo, cenário, causa, motivo e personagem/objeto. Sendo, então, uma narrativa composta por esses elementos, torna-se necessária para sua compreensão uma atividade de simulação, numa associação dessas dimensões na ativação de esquemas e *frames*, construindo-se daí sentidos. Assim, a simulação utiliza-se dos padrões da experiência pessoal para uma (re)construção interna dessas dimensões de narrativa.

Visando a entender como processos de compreensão relacionados à simulação estariam afetados pela alteração esquizofrênica, isto é, pela alteração de padrões da experiência (de mapas sinestésicos, por exemplo), foi apresentado a A, B e D um desenho animado, do estilo mudo (apenas com fundo musical), para que esses, após assisti-lo, pudessem recontar a narrativa²⁰, apresentando, assim, sua compreensão da história.

A história se inicia com uma pantera cor-de-rosa indo a um pátio a céu aberto com vários carros usados, uma loja automobilística. A pantera, então, toca num carro e o carro se desmancha. Depois, o vendedor mostra um pequeno carro conversível na cor azul que tem vários botões no painel. Assim, a pantera se encolhe e entra espremida no carro. Ela aperta um botão que faz subir uma antena, depois faz descer. Depois, liga o rádio, que é muito alto, fechando os olhos com o barulho. Como o carro parece ter vida própria, a pantera se interessa, dando muito dinheiro para o dono da loja. Ela então leva o carro para uma garagem e o pinta de rosa com um *spray*. O carro tosse com a tinta, desmaiando com o cheiro da tinta. Após isso, a pantera pega o carro e sai nele para um passeio. Ela para com o carro num semáforo vermelho ao lado de outro carro com um grande e comprido motor, tendo o motorista um capacete de corrida. Quando o semáforo fica verde, o carro de corrida arranca fortemente, cobrindo a pantera e seu carro com fumaça. Após rodopiarem e tossirem, a pantera e o carro vão para outro semáforo vermelho, parando ao lado de uma idosa num carro bem antigo. A senhora, quando sai com o

²⁰ Este entrevistador, em todas essas entrevistas, disse aos informantes não conhecer a história, virando-se, não olhando para a tela, para que, assim, eles pudessem recontá-la.

carro ao semáforo verde, também solta fumaça sobre a pantera e seu carro, fazendo-os tossir, irritando o carro da pantera cor-de-rosa. O carro da pantera, então, acelera para alcançar a velhinha, a qual, ao se ver desafiada, aperta um botão, transformando seu carro antigo num supercarro, empinando-o e acelerando grandemente. O carro da pantera, contra a vontade do dono, se empina e inicia um *racha* (corrida urbana) com a idosa, que, ao sair da cidade, joga a pantera e o carro de um penhasco. O carro da pantera abre, então, um paraquedas, acabando por descer na loja de carros usados onde foi comprado. A pantera, então, sai do carro e pega seu dinheiro de volta, devolvendo o veículo.

4 ANÁLISE

“Respeitar a loucura não é decifrar nela o acidente involuntário e inevitável da doença; é reconhecer esse limite inferior da verdade humana, limite não acidental, mas essencial” (FOUCAULT, 2008, p. 157).

4.1 Tarefa 1: cartões com palavras

4.1.1 O cartão “TELEVISÃO”

O substantivo “TELEVISÃO”, sendo apresentado a Abner (A), resultou na expressão “bom de assistir” [Abner, Cartões, 16], e, após incentivado pelo entrevistador, A amplia o primeiro EM, já apresentado, com “assistir filme” [Abner, Cartões, 22]. Indagado sobre o motivo dessa associação, A respondeu “passar o tempo” [Abner, Cartões, 30], consentido, posteriormente, apenas com a cabeça às perguntas relacionadas ao cartão. As réplicas de A, então, diante das questões do entrevistador, apresentam-se reduzidas. Assim, organizaram-se as seguintes expressões de A motivadas pelo cartão:

- (1) bom de assistir
- (2) assistir filme
- (3) passar o tempo

Verificam-se, portanto, propriedades de taxonomia não bem delineadas na fala de A. Isso pode ser considerado devido ao fato de (1), (2) e (3) não apresentarem maiores descrições ou justificativas acerca das propriedades pertencentes à “TELEVISÃO”, mesmo que A tenha sido insistentemente motivado a explicar mais suas respostas. Isso pode indicar uma não concatenação entre esquemas e *frames* relacionados à manutenção do sentido ativado/construído.

O informante Bachir (B), por exemplo, simula um esquema CONTÊINER:

- (4) é meio umas coisa [zão] sai lá de dentro [Bachir, Cartões, 17]

Em 4, o participante B não consegue se explicar e, como reflexo motor, repete cinco vezes um gesto (Figura 8), isto é, a ideia de que algo que sai de um recipiente, no caso “TELEVISÃO”. Isso evidencia uma dificuldade, por parte de B, no estabelecimento de relações entre esquemas e *frames*.



Figura 8: reflexo motor de Bachir diante de “TELEVISÃO”

Incentivado a ampliar sua explicação acerca do item apresentado no cartão, B afirma:

(5) é uns desenho animado [Bachir, Cartões, 23]

Por sua vez, em (5), B focaliza o *frame* “programa de tv”, e parece abandonar o esquema contêiner na construção de sua fala, uma vez que a construção (5) não se organiza com base nesse esquema.

Tanto que, mesmo diante da insistência para que se explique, o informante conclui:

(6) tô sabendo não [Bachir, Cartões, 27]

Verifica-se uma tentativa frustrada do informante em manter o *frame* evocado pelo item “TELEVISÃO”. Isso evidencia dificuldades no acionamento de esquemas e *frames* num mesmo instante, o que compromete a manutenção do *frame*.

Quanto ao informante Domini (D), ao ser motivado pelo cartão, afirma:

(7) dez/ é só a nota e pronto/ dez [Domini, Cartões, 6]

Em (7), infere-se que D apresentou “dez” como uma avaliação, não se definindo quaisquer outros elementos que integram o *frame* “televisão”. Por sua vez, quando motivado a falar mais sobre o que pensa a respeito da palavra, D oferece mais alguns detalhes:

(8) a::/ um técnico passando muitos programas de ciência [Domini, Cartões, 8]

No trecho (8), tem-se novamente uma não visualização do cenário como um todo. O informante apresentou um aspecto do *frame*, no caso, um “técnico”, muito provavelmente um programador. Note-se que são focalizados “programas de ciência”, o que pode estar relacionado a uma possível preferência por parte do informante.

Posteriormente, quando motivado a se explicar, D silencia-se. Pode-se deduzir, assim, a respeito da dificuldade de D em lidar com esquemas genéricos e *frames* mais abrangentes. Apesar disso, pode-se vislumbrar em (8) um roteiro, relacionando um participante (“técnico”) que realiza uma ação (“passando”) sobre um *objeto* (“programas de ciência”).

4.1.2 O cartão “VIAJAR”

Ao ser apresentado o cartão “VIAJAR”, A afirmou:

(9) é bom

(10) já viajei já/ umas três vez já /.../ pra juazeiro [Abner, Cartões, turnos 38 e 40]

É possível perceber em (9) e (10) um *embotamento*²¹ na fala de A, determinando-se apenas a realização da ação (“já viajei já”), a quantidade de

²¹ Embotamento é um termo utilizado pela Psicologia e Psiquiatria que descreve a ausência ou apagamento de elementos na realização de uma tarefa ou comportamento (DALGALARRONDO, 2000).

realizações (“três vez já”) e o alvo da ação (“juazeiro”). Assim, a fala de A apresentou focos de roteiro sem delineamentos, evidenciados por uma apresentação parca, ainda que estimulado, do cenário.

Ao ser questionado sobre a finalidade da viagem, A respondeu:

- (11) só:: andar mesmo /.../ conhecer o lugar/ né [Abner, Cartões, turnos 48 e 50]

Novamente a fala de A mostra-se despojada de explicações e as próprias finalidades sobre a viagem apresentam fracas justificativas. É interessante salientar que A exercia a profissão de motorista, antes de seu surto psicótico.

Em relação ao informante B, quando motivado por “VIAJAR”, obteve-se:

- (12) lembra passear pelas árvores da cidade no caminho pra cá [Bachir, Cartões, 35]

Em (12), fica clara a ativação e conjugação dos esquemas origem-caminho-meta e contêiner, evidenciando-se os componentes desses esquemas: trajetória (“pelas árvores da cidade”) e meta/contêiner (“pra cá”). O apagamento do componente origem/contêiner se justifica pelo fato de o lugar onde o informante se encontrava ser o próprio ponto de partida para o esquema. Esses esquemas vinculam-se ao *frame* “passeio”. O verbo viajar, nesse caso, pode ter facilitado a manutenção do EM, uma vez que, de acordo com o Princípio da Correspondência (GOLDBERG, 1995, 2006), trata da integração entre verbos e construções; mesmo que um papel participante não seja preenchido pela construção, ele é recuperado pela estrutura argumental de um verbo recorrente.

O informante B realizou um gesto que parece indicar o esquema acionado (Figura 8).



Figura 9: movimento gestual indicativo de ORIGEM-CAMINHO-META

Como visto na figura 8, B parece simular gestualmente sua compreensão acerca de “VIAJAR”. Quando estimulado a ampliar a fala anterior, B se esforça para delinear o EM, contudo não atinge plenamente o objetivo, como podemos ver a seguir:

- (13) andar passeando bosque/ devagar bosque [Bachir, Cartões, 39]

Ao não conseguir realizar o pareamento entre forma/sentido, sua construção linguística se mostra carente de elementos de ligação acionadores dos esquemas imagéticos, por isso B novamente recorre à produção de gestos (Figura 9).



Figura 10: novo movimento gestual indicativo de ORIGEM-CAMINHO-META

Quando foi apresentado “VIAJAR” a B, diferentemente do que aconteceu na primeira interação, envolvendo “TELEVISÃO”, não se evidenciaram problemas de articulação entre esquemas e *frames* em sua fala.

O participante D recorre à citação, o que oculta possíveis deficiências da sua produção:

- (14) eu vou parafrasear Olavo Bilac/ viajar é desdobrar a vida no meio [Domini, Cartões, 12]

Dessa forma, D encerra sua fala pondo o cartão de lado.

4.1.3 O cartão “ALEGRE”

No que diz respeito ao cartão “ALEGRE”, o informante A apenas disse:

- (15) quando a gente tá alegre é porque tá bem [Abner, Cartões, 54]

Em (15), o informante recorre a uma construção proverbial alicerçada na noção de causa-efeito. Vale lembrar que a expressão de causa-efeito é uma relação vital resultante da observação e ação de agentes sobre elementos de um mundo.

De modo similar, B apresentou sua compreensão de “ALEGRE” também ligada a uma relação de causa-efeito com foco na experiência pessoal:

- (16) alegre porque:: fiquei bom já/ mandaram eu brincar na rua [Bachir, Cartões, 43]

Quando é apresentado o mesmo cartão ao entrevistado D, ele diz:

- (17) agora faço um leque assim/ as mulher que se abana as/ por que:: as mulheres abanam assim”/ tanta dor de dente” [Domini, Cartões, 20]

Em (17), o informante D parece associar “ALEGRE” à lembrança de sua namorada, através de fragmentos que mais uma vez remetem a experiências pessoais. Junto às expressões linguísticas, D realizou gestos que simulam a ação de se abanar com um leque (Figura 10), acionando, dessa forma, o *frame* “mulher” (“mulher que se abana”), ligando essa propriedade a uma relação de causa-efeito (“por que se abanam assim” – “tanta dor de dente”).



Figura 11: gesto de abanar

Após vários incentivos e solicitações por parte do entrevistador, D expressa:

- (18) quando os cara faz esses negócio assim é se abanando ((risos)) [Domini, Cartões, 24]

Em (18), evidencia-se uma dislogia discursiva que, segundo Caixeta et al. (1999, p. 695), evoca

uma disfunção da memória de trabalho/sistema supervisor atencional que induziria tanto a uma perda das conexões normais entre os fragmentos do discurso como a uma ausência de planificação estratégica das linhas globais do enunciado.

Nesse sentido, na fala do informante D, há o abandono da relação que vinha sendo construída entre “namorada”, “mulher” e o ato de abanar, verificando-se a perda das conexões normais entre (18) e (17) e a dificuldade na manutenção temática.

4.1.4 Relacionando os cartões

Evidenciada a quebra de sequencialidade nas construções discursivas dos informantes, resolveu-se apresentar simultaneamente os três cartões a fim de se verificar em que medida essa dislogia discursiva afetaria a perspectiva do indivíduo com esquizofrenia.

Em vez de estabelecer a relação solicitada, os informantes A e B apontaram através de gestos, respectivamente, para “VIAJAR” e “TELEVISÃO”. Apesar da insistência do entrevistador, A e B limitaram-se a focalizar os cartões escolhidos, expressando suas predileções relacionadas a experiências pessoais, conforme explicitado em (19) e (20):

- (19) porque eu gosto de viajar [Abner, Cartões, 72]

- (20) porque eu gosto de assistir desenho animado /.../ tv globinho [Bachir, Cartões, 61 e 63]

Vale ressaltar que, num dado momento, B aponta para o cartão “ALEGRE” e, ao ser questionado sobre o motivo de sua ação, responde:

- (21) porque e::u gosto de ve/ é ficar bom/ passeando/ vendo as árvores [Bachir, Cartões, 71]

Verifica-se em (21) que o informante parece relacionar o exercício ao anterior e repete a fala realizada naquela tarefa, o que acontece em consequência da dislogia do discurso.

Já D conseguiu associar os cartões de forma rudimentar, como atesta (22):

- (22) sei não/ televisão/ televisão/ viajar pode ficar assim/ viajar na sua imaginação/ se imagina passando aqui fora ((fala incompreensível))/ essa aqui vem do coração hein'/ alegria vem do coração /.../ é um estado de espírito que é preciso andar/ dar o espírito de espírito que é preciso ser vivido/ concorda" [Domini, Cartões, 26 e 28]

No caso de D, a dislogia discursiva se dá parcialmente, uma vez que algumas conexões normais são estabelecidas, associando “televisão” e “viajar” (por meio da “imaginação”); “imaginação” e “alegria” (ambas originadas no “coração”). No entanto, não há uma planificação estratégica das linhas globais do enunciado, uma vez que o informante perde o foco em seu curto discurso, comprometendo a manutenção temática.

4.1.5 Algumas considerações sobre a tarefa 1

Ao se verificarem as produções discursivas de A, B e D, verbais e gestuais, durante a tarefa relacionada aos cartões, chegou-se a algumas conclusões preliminares.

Os pacientes diagnosticados com esquizofrenia apresentam dificuldades em acionar *frames*, uma vez que a relação entre esquemas e *frames sociais* se mostra comprometida.

Esses pacientes tendem a não simular completamente os conteúdos acionados pelas palavras no que diz respeito ao acionamento de *frames*: no caso de “TELEVISÃO”, apresentaram problemas quanto às taxonomias e às categorias relacionadas à palavra; já com relação a “VIAJAR”, exibiram dificuldades quanto à organização de roteiros; e no que concerne a “ALEGRE”, evidenciaram lacunas

quanto à caracterização de cenários. Por não conseguirem acionar *frame* como um todo, tendem a focalizar aspectos ou elementos dos *frames*.

Como consequência dessa dificuldade de simulação, os pacientes apresentam fragilidades no estabelecimento de conexões temáticas na cadeia discursiva. São essas fragilidades que evidenciam uma disfunção da memória de trabalho que ocasionaria uma perda das conexões normais entre os fragmentos do discurso e uma ausência da planificação estratégica das linhas globais do enunciado.

4.2 Tarefa 2: descrição da gravura

Após o informante A ser perguntado sobre o que via na figura, primeiro realizou o gesto de apontar para o cão, murmurando “hum” [Abner, Descrição, 6]. Depois de estimulado, apresentou elementos pontuais (como a personagem observando as gravuras de um livro):

(23) o povo lendo aí /.../ o povo lendo/ né” [Abner, Descrição, turnos 10 e 12]

Observou-se que A percebeu os elementos isoladamente da imagem como um todo, sem maior concatenação entre eles, não definindo o foco de sua observação, como em:

(24) tem um brincando [Abner, Descrição, turno 19]

Somente quando questionado, o informante A realizou a delimitação. Apontando para o cão na gravura, diz:

(25) um cachorrinho [Abner, Descrição, turno 20]

Além disso, o informante não estabelece ligações entre as personagens em si ou entre as personagens e objetos. O informante se refere ao casal que manipula uma tigela com amêndoas como:

(26) querendo olhá na comida /.../ olhando aqui [Abner, Descrição, turnos 23 e 25]

Sendo assim, o informante tende a expressar os elementos da gravura isoladamente, como também ocorre em (27):

(27) ((rápido)) tem um cheirando aqui uma rosa [Abner, Descrição, turno 29]

Outro indício de que o informante considera os elementos isoladamente é o fato de que, mesmo a gravura apresentando um cenário de praça típico de um dia ensolarado, o participante afirma:

(28) tá chovendo/ né” [Abner, Descrição, turno 33]

Provavelmente isso se deva ao fato de o participante focalizar ou pontos escuros na parte superior da gravura (parecidos com gotas de chuva) ou a forma de se vestir de algumas personagens (roupas de frio) ou outro aspecto qualquer tomado isoladamente.

Ainda na tentativa de verificar como o informante estabelecia relações entre as pessoas e o cenário apresentados na gravura, solicitou-se uma descrição das personagens ali envolvidas. Obteve-se a seguinte descrição:

(29) tem um véi aí né” /.../ tem mulher também [Abner, Descrição, 47 e 51]

O informante mostrou algumas personagens sem, contudo, vinculá-las ao cenário. Dessa forma, a descrição não foi realizada de maneira eficiente. A situação das personagens e as cores da gravura foram definidas de maneira bem vaga, como em (30):

(30) estão bem /.../ as cores tão boa [Abner, Descrição, turnos 37 e 43]:

A descrição realizada por A não expressou, dessa maneira, a associação com estereótipos sociais que poderiam ser relacionados às personagens da gravura, o que mais uma vez reforça a dificuldade na construção de *frames*.

Ao ser questionado sobre qual seria o ambiente em que ele mais gosta de ficar, A informou ser “uma praia” [Abner, Descrição, turno 61]. Quando solicitado a fornecer mais detalhes, o informante completou:

(31) bonito/ né” /.../ tem mais gente/ gente lá [Abner, Descrição, turnos 63 e 65]

Como se pode ver em (31), A não apresentou detalhes do cenário. Procurou-se investigar se o problema não estaria no cenário escolhido (“praia”) pelo participante, perguntando-se, então, se haveria outro lugar de sua preferência, ao que ele respondeu:

(32) eu gosto de ficar lá na frente da casa/ lá sentado olhando /.../ observando as coisa [Abner, Descrição, turnos 75 e 77]

Verifica-se em (32) que o participante mencionou um lugar (“a frente da casa”), mas não o descreveu. E mesmo sendo questionado acerca de como era a frente dessa casa, A respondeu apenas:

(33) bonita ela [Abner, Descrição, 79]

Para tentar descobrir se o informante relacionaria participantes ao lugar mencionado, foi-lhe questionado sobre as atividades realizadas pelas pessoas naquele cenário. Ele respondeu de forma vaga:

(34) ficam passando: indo pra:/ pras aula [Abner, Descrição, 82]

O informante não acrescenta outros detalhes, em especial, com relação às pessoas envolvidas com o cenário apresentado. Limita-se a mencionar pessoas que passam nas proximidades do lugar. O que se sabe é apenas que existe uma casa, caracterizada como bonita, na frente da qual ele se senta para olhar as pessoas indo para as aulas. Conclui-se, portanto, que A não integra participantes, nem menciona roteiros relacionados ao cenário.

Quando a mesma figura foi apresentada ao informante B, esse foi mais detalhista na sua produção:

- (35) *é:/ um cachorro com um cachorro né' /.../ um neguinho/
um vendedor de cachorro-quente/ é:/: um estudante /.../
((silêncio)) é:/: tomando café/ né"/ um homem [Bachir,
Descrição, turnos 6, 8 e 12]*

Pode-se perceber, assim, uma compreensão de B sobre as personagens da gravura, relacionando-as aos possíveis papéis sociais que elas representam, o que indica que a identificação é realizada considerando-se a composição das personagens (avental, carrinho, sanduíches ou rapaz observando um livro) para a construção, por exemplo, de “um vendedor de cachorro-quente” ou “um estudante”.

A fim de verificar a compreensão do informante acerca do contexto, foi-lhe solicitado, então, uma descrição do ambiente apresentado pela gravura, ao que ele respondeu:

- (36) *numa sala/ né" /.../ um jardim/ né" /.../ eles tão numa:/
nu:m/ numa:::/ num catimbim/ né" /.../ um jardinzinho
/.../ tão numa /.../ numa festinha de são/ né" /.../ num
piquenique/ né" [Bachir, Descrição, turnos 26, 28, 30,
32, 34, 36 e 38]*

O participante B aponta muitas vezes para a gravura e, tentando simular o cenário, produz um gesto (Figura 12). Com isso, ele parece juntar as personagens, suas características e ações num mesmo contexto, definindo-o por meio de um neologismo – “catimbim”, o que pode ser compreendido como um esquema PARTE-TODO.



Figura 12: gesticulação de Bachir com esquema PARTE-TODO

O informante B descreve a figura por meio de uma sequência de palavras que revelam a tentativa de construção de um ambiente, com características de uma

sala (um lugar em que várias pessoas se encontram), um jardim (um lugar que tem grama, folhas e flores), uma festinha (evento que remonta um cenário onde pessoas vendem sanduíches e outras namoram) ou um piquenique (evento que remonta um cenário onde as pessoas se alimentam). Porém as falas de B indicam que ele não consegue reunir essas características para a construção de um só evento relacionado a um único cenário. Depois, ao ser perguntado sobre o que lhe chamaria mais a atenção, B expressa:

(37) atenção é:/ esses daqui/ esses dois namorados /.../ os dois tá curtindo/ né”/ tá olha as:/ a:: fruta na vasilha [Bachir, Descrição, turnos 42 e 46]

Em (37), o informante B deixa transparecer uma dislogia do discurso em relação à conexão normal, uma vez que ele pretendia focalizar um casal de namorados, mas, por não conseguir manter o foco, acaba desviando-o para “as fruta na vasilha”.

Ainda com relação à descrição de cenários, perguntou-se para o informante se havia algum lugar de sua preferência, a que ele respondeu:

(38) é/ é lá em cima no quarto /.../ é lá em cima onde eu tô lá /.../ é que é calmo/ um calorzinho bo:m /.../ num calor/ calor da sala /.../ o sol chega esquenta lá e fica um calor bom [Bachir, Descrição, turnos 60, 64, 66, 70 e 72]

Observa-se que B constrói o cenário a partir de experiências sensoriais agradáveis que possui a respeito do local e, ainda que incentivado, mais detalhes sobre o lugar não são fornecidos. Verifica-se, assim, a construção da relação vital causa-efeito acompanhada de gestos: “calmo” por causa do “calorzinho bom” (Figura 13), “calor bom” porque “o sol chega” e “esquenta lá” (Figura 14). Além disso, na tentativa de descrever o contexto, B realizou gestos que provavelmente simulam sensações térmicas associadas ao esquema ESCALA, em que a gradação do calor afeta o corpo proporcionando-lhe uma sensação boa.



Figura 13: Bachir faz gesto associado à relação vital causa-efeito



Figura 14: Bachir faz gesto associado ao esquema ESCALA

Após estimulado, o informante B prossegue a descrição, apresentando alguns elementos novos de roteiro e de cenário relacionados ao *frame* “quarto”:

- (39) toma banho/dor:me /.../ [hãms] tem só as cama de dormir/ unir/ o banheiro [Bachir, Descrição, turnos 76, 80]

Em (39), a fala de B vem acompanhada de gestos que, possivelmente, simulam o roteiro “tomar banho antes de dormir” (Figura 15).



Figura 15: Bachir simula o roteiro “tomar banho antes de dormir”

Ao ser convidado a descrever a gravura, o informante D respondeu enfaticamente:

(40) não sei descrever é nada aqui /.../ sei não [Domini, Descrição, turno 2]

No entanto, contrariando essa resposta, o informante toma a gravura nas mãos e a observa detidamente. Quando indagado sobre o que via na imagem, D, enfim, expressou:

(41) desenho das pessoa /.../ o desenho das pessoa/ parece aqueles desenho animado da televisão [Domini, Descrição, turnos 6 e 10]

Na tentativa de compreensão da figura, D simula gestualmente o esquema CONTÊINER, numa tentativa de reunir as informações da gravura num todo compreensível (Figura 16). Posteriormente, aponta para cada uma das personagens, associando-as a “desenho animado”, acionando, dessa forma, os esquemas LIGAÇÃO e PARTE-TODO (Figura 17).



Figura 16: gestos de Domini simulando um esquema CONTÊINER



Figura 17: Domini relacionando as personagens da figura a personagens de desenho animado (esquemas LIGAÇÃO e PARTE-TODO)

Logo em seguida, D desiste da tarefa e empurra a imagem para longe dele, solicitando enfaticamente ao pesquisador:

(42) não/ guarda/ leva [Domini, Descrição, turno 14]

E, questionado sobre o motivo de sua recusa, prossegue:

(43) num dá certo nada não /.../ num dá certo nada não /.../
num tô vendo nada aí /.../ nada

Devido ao abandono da tarefa, não foi possível obter mais informações do participante.

4.2.1 Algumas considerações sobre a tarefa 2

Ao se verificarem as produções discursivas de A, B e D, verbais e gestuais, motivadas por um estímulo pictórico, concluiu-se preliminarmente que os pacientes diagnosticados com esquizofrenia apresentaram melhor desempenho na compreensão desse tipo de estímulo. Observou-se, por exemplo, que os informantes conseguiram associar minimamente *frames* a esquemas, chegando, inclusive, a relacionar *frames* distintos.

No entanto, verificou-se, também, que alguns problemas relacionados à tarefa anterior se mantiveram. Percebeu-se alguma dificuldade na construção de cenários. O contexto das ações ainda não se mostra bem delimitado, tendo em vista que *frames* completos não são construídos. A exemplo do que aconteceu na tarefa 1, a descrição, mesmo de objetos e personagens, é destacada e não concatenada por completa num cenário.

Apesar da dificuldade de acionar *frames* a partir de estímulos pictóricos, os pacientes conseguiram estabelecer algumas conexões entre *frames* e esquemas, uma vez que a gravura auxilia o processo de simulação, fornecendo pontualmente os aspectos do *frame* (como personagens e suas características, elementos do cenário e indicadores de roteiros). Acredita-se que essa melhora na compreensão se deva ao caráter estático da gravura. Sendo assim, torna-se necessário investigar se imagens em movimento teriam influência sobre a compreensão. Com esse intuito, configurou-se a tarefa 3.

4.3 Tarefa 3: imagens em movimento

Após a exibição de um episódio do desenho animado “Pantera Cor-de-rosa”, os informantes foram incentivados a relatar o que haviam acabado de assistir, para com isso investigar-se a compreensão de cenas em sequência narrativa.

Quanto ao participante A, após estímulos, ele relatou:

- (44) foi quando ((tosse))/ quando ela não queria deixar a pantera pode passar /.../ e a: ((pigarro)) pantera ligou o carro e daí acabou três fica a rodinha /.../ ela empina todinha ela /.../ ela andou com a velha /.../ termino:u o carro no ferro-velho /.../ na sucata [Abner, Narrativa, turnos 10, 14, 20, 22, 30 e 32]

Em (44), verifica-se que o informante apresentou seu relato presumindo o conhecimento prévio do interlocutor acerca do desenho, o que pode explicar a não construção dos *frames* relacionados à história exibida.

Outro ponto observado diz respeito a não compreensão da história como um todo. O informante relata trechos em que se observam quebras de expectativas, como, por exemplo, o fato de uma senhora idosa num carro antigo conseguir ultrapassar o carro novo da pantera, o fato de o carro da pantera agir como se tivesse vida própria, o fato de um carro recém-restaurado terminar “no ferro-velho”. Não se evidencia, todavia, uma sequencialidade das ações.

Simultaneamente à fala, o informante A produziu gestos que simulam o esquema ORIGEM-CAMINHO-META em “quando ela não queria deixar a pantera pode passar” (Figura 18), expressando o deslocamento dos carros.



Figura 18: gestos de Abner simulando o esquema ORIGEM-CAMINHO-META

Cumprе ressaltar que, ao realizar seus gestos, A se mantém de cabeça baixa como se estivesse simulando os movimentos descritos na cena. Em seguida, o informante realizou a gesticulação correspondente à “pantera ligou o carro e daí acabou três fica a rodinha”, simulando uma sequência de ações, como se constata na Figura 19.



Figura 19: Abner faz movimento de ligar o carro (1), move a mão da direita para a esquerda (2 e 3) e gira o indicador em círculos (4, 5, 6 e 7), simulando uma sequência de ações presentes na história

Em “ela empina todinha ela”, o informante mais uma vez simula um esquema ORIGEM-CAMINHO-META (Figura 20).



Figura 20: gestos de Abner simulando o esquema ORIGEM-CAMINHO-META

Por fim, A não apresentou, mesmo que solicitado, o início da história ou a construção de um contexto que serviria de fundo para as ações apresentadas. Quanto à conclusão da narrativa, o informante apenas focalizou o lugar onde

ocorreu o desfecho (“ferro-velho”, “sucata”). Assim, vê-se que o informante apresentou em sua fala as ações isoladas, sem se preocupar com a construção de um início e um contexto que sirva de fundo para o estabelecimento de uma sequência narrativa global.

Após a exibição do desenho, o informante B construiu sua fala se utilizando de elementos bem semelhantes aos de A:

- (45) a pantera pegava o carro vinha e fazia/ subia ((fala incompreensível)) /.../ ela andou com o carro/ o carro falava e ela andava [Bachir, Narrativa, turnos 10 e 14]

No exemplo (45), vê-se uma sequência de ações realizada pela pantera. Simultaneamente a essa fala, B realizou gestos com a mão direita (Figura 21) que simulam as ações da pantera: “pegava o carro” (move a mão em círculos), “vinha e fazia” (move a mão em círculos), “subia” (levanta a mão); e, com relação à fala incompreensível, o informante movimentou a mão para baixo e para cima.



Figura 21: Bachir move sua mão direita em círculos (1, 2 e 3), depois a sobe e desce duas vezes (4, 5, 6 e 7), espelhando uma simulação relacionada à compreensão de uma sequência de ações

Observa-se que o informante B apenas apresentou as personagens principais da animação (a pantera e o carro), evidenciando o fato de o carro ter vida própria como uma fala (“o carro falava”). Como se pode ver, o participante B relata

ações que indicam uma quebra de expectativa, chamando-lhe mais a atenção, como em “ela andou com o carro”, “o carro falava e ela andava” (Figura 22).



Figura 22: Bachir move as mãos de um centro para fora (1 e 2), num crescendo (3, 4, 5 e 6), depois faz movimento da direita para a esquerda (7 e 8), simulando uma sequência de ações

Na Figura 22, verificam-se gestos que simulam as ações da pantera relacionadas aos esquemas CONTÊINER (a pantera entra no carro e a fala sai do carro) e ao esquema ORIGEM-CAMINHO-META (a pantera anda no carro de um ponto para outro).

Como ocorrido com o informante anterior, quando o participante B foi solicitado a contar como a história começou, esse afirmou que não lembrava [Bachir, Narrativa, turno 20]. Contudo, ao ser pedido que contasse como a história terminou, esse produziu:

(46) ((fala incompreensível)) a pantera foi embora [Bachir, Narrativa, turno 22]

O informante B iniciou (46) produzindo uma fala incompreensível acompanhada de gestos, depois expressou a ação final da pantera (“foi embora”). Esses gestos expressam um processo de simulação dos esquemas acionados para a compreensão da sequência de ações apresentadas na história (Figura 23).



Figura 23: Bachir move as mãos de um centro para fora, num crescendo, depois levanta e abaixa a mão direita, numa simulação relacionada à compreensão de uma sequência de ações

Os gestos de B, então, aludem a esquemas que foram acionados para a compreensão do desenho animado, os esquemas ESCALA e ORIGEM-CAMINHO-META, relacionados às ações da pantera. Mais uma vez, B não apresentou a construção de um cenário em sua fala, ainda que estimulado a fazê-lo.

Com relação ao informante D, após a exibição do desenho, esse afirmou que nem prestou atenção, expressando uma opinião em termos de causa-efeito, dizendo que o desenho não tinha mensagem, sendo, portanto, muito ruim. D não apresentou nenhum outro argumento ou explicação para sua rejeição a desenhos.

4.3.1 Algumas considerações sobre a tarefa 3

Ao se verificarem as produções discursivas de A, B e D, verbais e gestuais, motivadas por um desenho animado, concluiu-se preliminarmente que os pacientes diagnosticados com esquizofrenia evidenciam uma dificuldade em descrever cenas em movimento. Observou-se, por exemplo, que os informantes conseguiram apresentar esquemas relacionados a sequências de ações, contudo sem apresentar um contexto na construção de uma coerência narrativa.

Verificou-se que alguns problemas relacionados à tarefa anterior se mantiveram, como a dificuldade na construção de cenários. O contexto das ações ainda não se mostra delimitado, tendo em vista que *frames* não são apresentados. Sendo assim, o relato de A apresentou sequências isoladas de ações não concatenadas por um cenário.

Vê-se que esses problemas de compreensão se devem ao caráter não estático da animação. Sendo assim, observa-se sua dificuldade de acionar *frames* a partir de estímulos em movimento, uma vez que os pacientes não evidenciaram

estabelecimento de algumas conexões entre *frames* e esquemas. Os pacientes simulam, também, os esquemas gestualmente, mas não apresentam *frames*. Confirmou-se, então, que a melhor compreensão da tarefa anterior deveu-se ao caráter estático da gravura. Contudo torna-se necessário investigar se imagens em movimento tendo seu foco direcionado pelo entrevistador, na realização de um julgamento sobre uma sequência de ações específica, teriam influência sobre a compreensão. Com esse intuito, configurou-se a tarefa 4.

4.4 Tarefa 4: julgamento-opinião

Quando o informante A, após assistir às sequências de ações específicas, foi perguntado sobre quem ele achava que estaria certo ou errado na história, ele produziu:

(47) se jogasse a outra dentro do parque ela tinha razão/ né'
[Abner, Opinião, turno 4]

Em (69), o participante apresentou uma resposta que talvez indique a menina como errada (“ela”), sendo o “jogar dentro do parque” como uma causa para o efeito de “ter razão”. Contudo, quando indagado do porquê, solicitando-se mais argumentos para essa afirmação, A fica em silêncio absoluto, respondendo com uma outra pergunta, não apresentando nenhuma explicação:

(48) e ela tava lá” [Abner, Opinião, turno 10]

Depois, repetida a pergunta sobre quem estaria certo ou errado, A indica que o policial estaria errado [Abner, Opinião, turno 12]. Assim, após estimulado a explicar mais sua opinião, A expressou:

(49) na primeira/ e:/ela tá errada/ né'/ primeira vez /.../ na
segunda/ ((rápido)) ela tava certa [Abner, Opinião,
turnos 18 e 20]

Percebeu-se que, em (49), o informante A apresentou seu julgamento/opinião. Então, o participante foi perguntado sobre por que na primeira vez a menina estaria errada e na segunda vez certa, ao que ele produziu:

(50) tava jogando na rua [Abner, Opinião, turno 22]

Em (50), o informante expõe a causa para a construção de sua opinião, todavia, quando solicitado a explicar o que implicaria “jogando na rua”, qual o porquê dessa definição, A não responde, ficando em total silêncio, mesmo após mais solicitações por parte do entrevistador.

Posteriormente, A foi perguntado sobre a causa de a menina estar certa na segunda vez, ao que respondeu:

(51) se tá dentro do campo podia:: jogar/ né” [Abner, Opinião, turno 32]

No fragmento (51), o informante apresentou a causa de a menina estar certa na segunda vez; contudo novamente A não explica argumentos para essa assertiva ao ser indagado.

Após isso, o entrevistador perguntou para o participante sobre quem estaria errado na primeira vez, ao que A respondeu que era “ela” [Abner, Opinião, turno 36]. Depois, A foi questionado sobre quem estaria errado na segunda vez, ao que disse:

(52) o policial/ que veio olhar ela jogando [Abner, Opinião, turno 38]

O participante A expõe, então, a causa de o policial estar errado na segunda vez, entretanto, mais uma vez, não define argumentos para essa expressão quando questionado. É possível que essas respostas de A, diante das questões, exponham uma preservação de um elemento essencial para a construção de uma opinião: relações de causa-efeito (Figura 24).



Figura 24: ilustração acerca do julgamento realizado por Abner

Desse modo, apesar da ausência de maiores detalhes quando solicitado, o informante A apresenta um melhor desempenho descritivo em relação à tarefa anterior, inclusive na apresentação de cenários (“rua”/“campo”), relacionando-os a um tempo para a ação (“primeira vez”/“segunda vez”).

Já o participante B, após lhe serem exibidas as sequências de ações específicas, apresentou ecolalia. Esse problema, segundo estudos em psicopatologia (DALGALARRONDO, 2000), remete ao caso em que o indivíduo apenas repete a fala de seu interlocutor sem realmente entender o que se está dizendo, havendo, então, a perda de uma fala espontânea.

Verifica-se, então, que o informante B repete enunciados do entrevistador nos [Bachir, Opinião, turnos 8, 14, 15, 18, 22, 24, 30, 26 e 32]. Outro dado interessante é que B nega lembrar-se da história [Bachir, Opinião, turno 10], mesmo tendo afirmado anteriormente que havia gostado do desenho animado – “legal” [Bachir, Opinião, turno 6] – e tendo dito que havia prestado atenção – “prestei” [Bachir, Opinião, turno 8] –, o que evidencia, nesse trecho, certo grau de ecolalia na fala de B.

Depois, quando B foi perguntado sobre quem estaria errado na história, ele respondeu “a menina” [Bachir, Opinião, turno 36]. E, quando questionado sobre o porquê disso, B expressou:

(53) foi jogar bola dentro do parque [Bachir, Opinião, turno 38]

Há, então, a possibilidade de se definir (53) como uma causa para a menina estar errada; contudo B não expôs maiores explicações, mesmo quando solicitado, assim como ocorreu com o informante A.

Depois, o informante B, ao ser questionado, afirmou recorrentemente que o policial estava certo [Bachir, Opinião, turnos 44, 46 e 50]; todavia, logo após, ele também afirmou que a menina está certa:

(54) a menina tá certa/ né” /.../ porque ela não entende/ né”
[Bachir, Opinião, turnos 54 e 58]

Verifica-se, então, em (54) que B apresenta uma causa plausível para o fato de a menina estar certa.

O participante B apresenta, então, um julgamento/opinião ligado a uma relação de causa-efeito, contudo, após solicitado a explicar melhor sua afirmação de que a menina estaria certa, ele retoma (53), motivo que utilizou para julgá-la antes como errada:

(55) tava brincando dentro do parque [Bachir, Opinião, turno 68]

Logo depois, B disse que a menina estava errada porque “tava brincando” [Bachir, Opinião, turno 92]. Pode-se ver, assim, “dentro do parque” como causa tanto para o efeito de errado (53) quanto para o de certo (55). Outros problemas também surgem, porque B respondeu que o policial estava errado, sem apresentar a causa para esse julgamento [Bachir, Opinião, turnos 74 e 76], e, em outro momento, B afirmou que o policial estava certo [turnos 84 e 86], apresentando a seguinte causa:

(56) tava olhando já ((pausa)) no parque [Bachir, Opinião, turno 94]

Talvez essa confusão se deva ao fato de o participante B não relacionar as ações da menina e do policial a um tempo (“primeira vez”, “segunda vez”), apresentando, inclusive, problemas na relação de causa-efeito (Figura 25). Contudo o informante B realiza um melhor desempenho descritivo em relação à tarefa anterior, mesmo com ecolalia, apresentando *frames* mais completos relacionados a esquemas ORIGEM-CAMINHO-META e CONTÊINER, como em: “foi jogar bola dentro do parque” e “tava brincando dentro do parque”.



Figura 25: ilustração acerca do julgamento realizado por Bachir

Já o informante D, após assistir à sequência de ações específicas, apresentou desde o início uma barreira para com o desenho, construindo, após questionamentos do entrevistador:

- (57) eu tenho tanta raiva de desenho animado /.../ num traz nenhuma mensagem pra gente /.../ desenho vem é ser mal/ nem tem razão/ né” [Domini, Opinião, turnos 2, 4 e 6]

É possível observar, em (57), uma categorização de desenho animado relacionada à experiência pessoal de D (“eu tenho tanta raiva”). Por sua vez, essa

opinião com relação à animação é explicada por D em termos de causa-efeito (Figura 26).



Figura 26: ilustração acerca do julgamento realizado por Domini

O participante D, mesmo assistindo atentamente à animação, se recusa a explicar ou apresentar uma opinião/julgamento acerca do que viu, ainda que insistentemente estimulado pelo entrevistador, produzindo enfaticamente [Domini, Opinião, turnos 10, 12 e 14]:

(58) ad/ me abstenho sem dizer nada /.../ eu num sei
não/.../ não/ nada a declarar

4.4.1 Algumas considerações sobre a tarefa 4

Ao se verificarem as produções discursivas de A, B e D relacionadas à produção de opinião sobre sequências de ações específicas, concluiu-se preliminarmente que os pacientes diagnosticados com esquizofrenia evidenciam uma melhor conexão entre esquemas e *frames*.

Observou-se que os informantes conseguiram apresentar esquemas relacionados a sequências de ações, além de apresentar *frames* mais completos, evidenciando-se personagens (o policial/ a menina) e roteiros (estava olhando/ estava brincando). Entretanto verificou-se que alguns problemas relacionados a tarefas anteriores se mantiveram, como a ausência da construção de cenários. O

contexto das ações ainda não se mostra delimitado, ainda que certos *frames* sejam apresentados (“rua”/ “parque”).

Vê-se que problemas na relação entre *frames* e esquemas se minimizam quando associados a sequências de ações específicas, mas, ainda assim, é possível observar certa dificuldade dos pacientes em acionar *frames* quando são focalizadas ações que não se referem à experiência pessoal. O que é evidenciado pela dificuldade dos informantes em avançarem além de relações de causa-efeito em suas construções sobre opiniões. Sendo assim, torna-se necessário investigar se um relato de ações oriundas da experiência pessoal geraria a apresentação de *frames* completos. Com esse intuito, configurou-se a tarefa 5.

4.5 Tarefa 5: ações da experiência pessoal

Quando o informante A foi questionado sobre o que gostava de fazer, consertar ou construir, ele expressou:

(59) e:u: mexo com moto [Abner, Injunção, turno 3]

Foi-lhe, então, perguntado como se fazia isso, e, após estimulado, ele respondeu:

(60) na hora a gente troca umas pecinha aí:/ pra trocar umas pecinha /.../ ((rápido)) rapaz/ é meio duro/ viu/ primeiro tem que abrir o negócio/ né' /.../ tem que desmontar e ir olhando [Abner, Injunção, turnos 8, 10 e 12]

É possível perceber no fragmento (48) que A apresentou um *frame* relacionado a “mexer com moto”, definindo uma hora de ação (“na hora a gente troca”) e certo objeto a ser manipulado (“umas pecinha”). O participante A também apresentou uma sequência de ações: primeiro “abrir o negócio”, depois “desmontar” e, após, “ir olhando”. O informante também realizou um movimento gestual que espelha uma simulação relacionada ao movimento de abrir, provavelmente relacionado ao esquema CONTÊINER – dentro/fora (Figura 27).

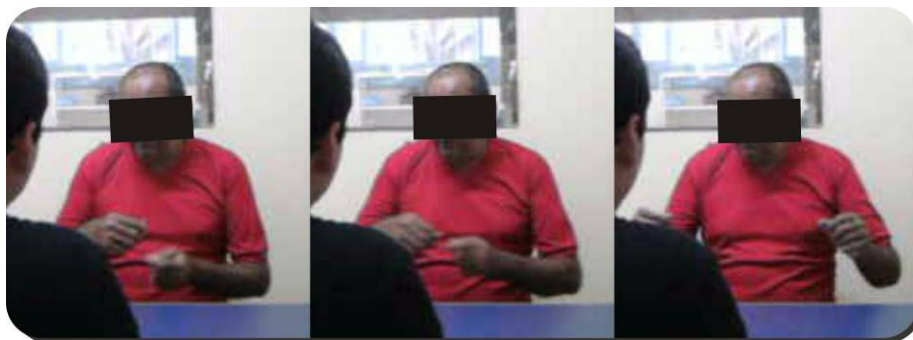


Figura 27: Abner movimenta as mãos simulando o esquema CONTÊINER

Quando o participante foi solicitado a explicar esse roteiro, ele definiu um instrumento para a ação – “com uma chave” e “tem chave para desmontar” [Abner, Injunção, turnos 16 e 18] –, simulando-a por meio da realização de um movimento de “*abrir com uma chave*” (Figura 28).



Figura 28: Abner faz movimento de abrir, simulando a ação

Porém, quando lhe foi pedido que descrevesse melhor como se desmontaria uma moto, A produz:

- (61) é só/ só é pegar a moto/ aí e:/eu te ensino /.../ é/ mas é/
mas assim e:/eu num ensino não [Abner, Injunção,
turnos 20 e 22]

Em (49), o informante A recusou a explicação, o que evidencia sua dificuldade na ativação de *frames* que não sejam relacionados a uma experiência pessoal.

O participante prossegue afirmando que “*tinha uma motobicicleta*” [Abner, Injunção, turno 24] e, depois de questionado sobre o que mais gostava de mexer na moto, produz:

(62) rapaz/ é só a moto dar um prego que e:/eu desmonto o motor [Abner, Injunção, turno 26]

No trecho (50), é possível inferir a necessidade da experiência pessoal para a realização da ação de A. Quando questionado como se faria isso, ele respondeu:

(63) com chave/ com um bocado de chave /.../ chave:/ chave dez/ chave onze/ treze/ chave catorze [Abner, Injunção, turnos 30 e 32]

Novamente, o participante A apresentou o instrumento para a ação, e não um roteiro, como esperado pelo entrevistador. Mesmo assim, em (51), o informante realizou um gesto que reproduz, possivelmente, uma simulação relacionada a um esquema PARTE-TODO, indicando a quantidade de chaves necessárias para a ação (Figura 29).



Figura 29: Abner simula esquema PARTE-TODO

Em (51), ao indicar os tipos de chaves necessárias ao desmonte do motor, o informante A produziu uma simulação relacionada ao esquema ESCALA (Figura 30), indicando o tamanho das chaves em relação às próprias mãos.



Figura 30: Abner simula o esquema ESCALA

Por conseguinte, numa nova tentativa de obter mais informações sobre o procedimento de desmonte do motor, o entrevistador pergunta a finalidade das chaves, ao qual A respondeu objetivamente [Abner, Injunção, turno 34]:

(64) é pra desmontar o motor

Em (52), A realizou novamente uma simulação relacionada ao movimento de abrir, relacionado ao esquema CONTÊINER – interior/exterior (Figura 31).



Figura 31: Abner simula uma ação relacionada ao esquema CONTÊINER

Mais uma vez, é perguntado ao participante o que ele faz com as chaves, numa tentativa de obter maiores detalhes de roteiro, ao que ele diz:

(65) vou girando os parafusos

Outra vez o participante não relacionou a pergunta a um *frame*, referindo-se a uma ação isolada. O informante também realizou uma simulação da ação de girar parafusos, mas não evidenciou uma sequência de ações (Figura 29).



Figura 32: Abner faz movimentos simulando uma ação

Depois, o informante foi indagado a respeito da dificuldade de se desmontar um motor, ao que respondeu:

- (66) rapaz/ pra mim num é não/ mas quando eu não sabia era difícil /.../ agora e:/eu aprendi sozinho mesmo a mexer /.../ o carro deu prego/ [eu fui] desmontando devagarinho/ desmontei/ dei um jeito/ desmontei e montei de novo /.../ quando num vou eu mesmo: montar/ os cara vive tomando dinheiro [Abner, Injunção, turnos 40, 42, 44 e 48]

Verifica-se, em (54), que A produziu um relato de experiência pessoal, apresentando mais características relacionadas ao *frame* “mexer um motor”, como consertar, resolver o problema (“dei um jeito”) e encerrar a ação de mexer (“montei de novo”). É possível até vislumbrar personagens associadas ao roteiro: “os cara” que “vive tomando dinheiro”. Nessas personagens, percebe-se uma relação de causa-efeito, tendo como causa: “quando num vou eu mesmo montar”.

Esses detalhes apresentados por A se devem ao fato de suas ações se relacionarem a *frames* associados a experiências pessoais, ou seja, originárias de sua experiência concreta. Contudo não há nenhum outro detalhe adicional como: a) qual foi o problema do carro; b) quando e em que local ocorreu; c) quanto tempo durou a ação; d) como ele deu um jeito no carro; e e) quanto tempo durou a ação de montar novamente.

Um pouco depois, o participante A inicia um momento delirante e, após dizer há quanto tempo não montava mais motor, ele explica:

- (67) no último momento/ sai equivocado cara ruim demais /.../ agora se eu levantar ali ele apanha/ viu” /.../ se

errar uma peça ele bota o dedo no cu do outro [Abner, Injunção, turnos 52, 54, 58, 60, 63 e 65]

Em (55), vê-se que o informante abandona o tema da conversa, não apresentando uma continuidade com relação ao tema anterior. Verifica-se, então, uma projeção delirante entre o tema da injunção (“peça”) e a agressividade sobre um “ele”, surgindo uma relação de causa-efeito. Por fim, A não explica qual peça seria essa, a que fim serviria, o que estaria relacionado a esse “errar”, quem seria esse “ele” que colocaria o dedo no “outro” ou quem seria esse “outro”.

Pode-se perceber, então, a falta de detalhes descritivos ou de um delineamento de cenário relacionado à sua fala, apresentando-se *frames* incompletos associados a experiências pessoais.

Quando o informante B foi indagado sobre o que gostava de fazer, consertar ou construir, esse negou saber realizar essas tarefas por três vezes [Bachir, Injunção, turnos 6 e 8]. Mas, ao ser novamente questionado sobre o que gostava de fazer, ele afirmou:

(68) eu estudo /.../ lá no senai [Bachir, Injunção, turnos 8 e 10]

O informante B indica, assim, que estudava, trazendo elementos de sua experiência pessoal. Assim, quando perguntado sobre como seria o “senai”, B respondeu:

(69) é aula de desenho/ matemática/ português [Bachir, Injunção, turno 16]

Verifica-se na fala de B, em (69), a presença de detalhes que construiriam o *frame* “estudo”. Depois, ao ser motivado a responder mais sobre o que faria no “senai”, B disse:

(70) escrevia no caderno/ né’ [Bachir, Injunção, turno 18]

Em (70), B apresenta uma tarefa relacionada ao frame “estudo”, além de associá-la a uma simulação do ato de escrever (Figura 33), relacionada a um esquema ORIGEM-CAMINHO-META.



Figura 33: Bachir simula a ação de escrever

Contudo, quando B foi solicitado a explicar mais sua ação, ele respondeu apenas:

(71) as palavras [Bachir, Injunção, turno 20]

Para verificar se esses elementos se referiam apenas ao *frame* “estudo”, foi mais uma vez perguntado a B se ele gostava de fazer mais alguma coisa, ao que ele repetiu que era “estudar” [Bachir, Injunção, turno 24]. Porém, quando solicitado a explicar mais, B disse:

(72) só lá no colégio/ colégio/ co/ [Bachir, Injunção, turno 28]

Em (72), o participante B apresenta a mesma recusa que o informante A fez acerca de elementos não relacionados a experiências pessoais, indicando que a explicação, isto é, a produção de um padrão discursivo com foco específico na injunção, só seria possível na *vida real*, na experiência concreta, na ativação de *frames* relacionados ao que é da ordem do factual.

Novamente, insistiu-se para que B definisse como seria esse colégio; contudo B somente respondeu “senai” [Bachir, Injunção, turno 30], não definindo se haveria salas, qual seria o tamanho do colégio etc. Foi-lhe, então, mais uma vez perguntado como se estudaria, ao que B respondeu:

(73) escrevendo/ escrevendo /.../ escrevendo/ só isso mesmo [Bachir, Injunção, turnos 38, 40]

Perguntado sobre o que deveria ser usado, então, para se estudar, B definiu “caderno e lápis” [Bachir, Injunção, turno 42]. E, quando questionado sobre a finalidade deles, apresentou:

(74) escreve o que a professora tá passando/ né” [Bachir, Injunção, turno 46]

É possível perceber, então, após vários estímulos, certo *frame* relacionado ao “estudo” (professora que passa conteúdos para que os alunos escrevam num caderno com um lápis). Contudo não se apresenta o que essa professora estaria “passando” ou como ela realizaria essa ação, oralmente ou escrevendo numa lousa, por exemplo.

Por fim, após nova solicitação, Bachir disse:

(75) primeiro passava no quadro /.../ no quadro para fazer [Bachir, Injunção, turnos 50 e 52]

O informante B, assim, esboça a apresentação de uma sequência de ações, evidenciando a ativação de um roteiro; todavia, não mostra um segundo ou terceiro passos, expressando apenas um “primeiro” passo, realizando uma ação (“passava”) com uma finalidade (“para fazer”). O informante B também realiza uma simulação desse roteiro (Figura 34), produzindo o gesto de escrever (“passava no quadro”) seguido do esquema ORIGEM-CAMINHO-META (“para fazer”).



Figura 34: Bachir simula o roteiro “estudar”

Quando o participante D foi questionado sobre o que gostaria de montar, consertar ou fazer, ele respondeu:

- (76) eu particularmente/ gosto mais de ler gosto bastante/ eu tava lendo a bíblia/ tão importante [Domini, Injunção, turnos 2 e 4]

Em (76), D indica que estava lendo a Bíblia momentos antes da entrevista. Contudo, depois, D iniciou um processo denominado, pelos estudos em psicopatologia, de logorreia ou verborragia (DALGALARRONDO, 2000), numa compulsão de fala, como se, desse modo, D desejasse dar vazão a todas as suas informações armazenadas sobre determinado assunto. Assim, D fala por quase cinco minutos sem parar [Domini, Injunção, turno 12], utilizando-se de uma citação de possíveis mandamentos da Bíblia cristã. Em vários momentos produziu uma fala incompreensível. O participante também simulou gestualmente alguns *frames*, que foram associados às falas a seguir:

- (77) *Domini* é o homem da bíblia
 (78) a pessoa irado pega vai roubar armado
 (79) dá de comer aos que têm fome/ dá de beber aos que têm sede

Em (77), verifica-se que os gestos apresentados por D são relacionados ao *frame* “prece” (Figura 35), uma vez que D cruza os dedos e movimentava as mãos para cima e para baixo.



Figura 35: Domini simula *frame* “prece”

Em (78), vê-se um roteiro relacionado a “assalto” (Figura 36). O informante D faz, então, um gesto de atirar com um revólver e depois afasta as mãos com as palmas abertas.



Figura 36: Domini simula *frame* “assalto”

Em (79), observa-se um *frame* relacionado à “escrita sagrada” (Figura 37), pois, ao “citar” o mandamento bíblico, D faz gesto de escrever.



Figura 37: Domini faz gesto de escrita

Por fim, D encerra bruscamente:

- (80) ((enfaticamente)) pronto/ ficar aqui no Gênesis que é um dos poucos mandamentos do livro /.../ os mandamentos do gênesi eu acho que eu já citei tudo/ se houver outra oportunidade a gente conversa mais [Domini, Injunção, turnos 12 e 14]

Assim, percebe-se o uso de certos enquadres compartilhados socialmente por D, entretanto sem maiores detalhes, uma vez que D encerra a entrevista e se levanta, indo embora.

Vale salientar que D parece não levar em consideração uma possível ausência de conhecimento prévio do assunto por parte de seu interlocutor. O

informante D apresentou “mandamentos do livro”, em (68), afirmando que eles se inserem “no Gênesis”, mas não indicou suas características ou seu contexto.

4.4.1 Algumas considerações sobre a tarefa 5

Ao se verificarem as produções discursivas de A, B e D, verbais e gestuais, relacionadas à solicitação de explicação a respeito de alguma ação da experiência pessoal, conclui-se que os pacientes diagnosticados com esquizofrenia evidenciam uma melhor conexão entre esquemas e *frames*. Observou-se que os informantes conseguiram apresentar esquemas relacionados a sequências de ações, além de apresentarem *frames* mais completos, evidenciando-se personagens e roteiros.

Contudo verificou-se que alguns problemas relacionados a tarefas anteriores se mantiveram, como a dificuldade na construção de cenários. O contexto das ações ainda não se mostra delimitado, ainda que certos *frames* sejam apresentados.

Vê-se que problemas na relação entre *frames* e esquemas se minimizam quando associados a experiências pessoais dos participantes. Sendo assim, observa-se uma maior facilidade dos pacientes em acionar *frames* a partir de elementos da experiência concreta, associando-se, também, sua simulação gestual de esquemas a *frames*.

5 CONCLUSÃO

“Uma porta se abre e se fecha/ Com muito longo suspiro/ Mas saberei algum dia/ O segredo de seu coração?” (KALDARAS apud LACARRIÈRE, p. 459)

Tendo em vista as cinco produções discursivas de Abner, Bachir e Domini, verbais e gestuais, configurando-se qualitativamente em 15 *corpora* linguísticos para análise, conclui-se que indivíduos diagnosticados com esquizofrenia apresentam dificuldades em acionar *frames*, uma vez que a relação entre esquemas e *frames sociais* se mostra comprometida.

Desse modo, pacientes com esquizofrenia tendem a não simular completamente conteúdos relacionados a *frames*, uma vez que os informantes apresentaram problemas quanto às taxonomias, exibiram dificuldades quanto à organização de roteiros e evidenciaram lacunas quanto à caracterização de cenários. Por não conseguirem acionar *frames* como um todo, tendem a focalizar aspectos ou elementos dos *frames*.

Como consequência dessa dificuldade de simulação, os indivíduos apresentam fragilidades no estabelecimento de conexões temáticas na cadeia discursiva. São essas fragilidades que evidenciam uma disfunção da memória de trabalho que ocasiona uma perda das conexões normais entre os fragmentos do discurso e uma ausência da planificação estratégica das linhas globais do enunciado.

Tais conclusões confirmam-se junto aos achados de Palmer et al. (2010), que, ao avaliarem aspectos relacionados à memória de 127 pessoas com esquizofrenia, sugeriram que um déficit na memória de trabalho estaria relacionado à gênese dessa psicopatologia.

Essas considerações se confirmam quando observados os diferentes desempenhos dos informantes A, B e D a depender das tarefas. Os pacientes tendem a ter um melhor desempenho em atividades que apresentam uma sequência de ações específicas. Isso foi observado nas produções de opinião a partir do desenho animado, uma vez que o foco da história foi dado pelo entrevistador, não sendo muito exigida a memória de curto prazo (relacionada à manutenção da

ativação de *frames*). Há também um melhor desempenho dos participantes em tarefas relacionadas à experiência pessoal, observando-se problemas no relato de ações não associadas a uma experiência concreta.

Vale ressaltar a preservação dos esquemas sensório-motores nos pacientes com esquizofrenia, devido ao fato de esses serem mais estabilizados do que os *frames*, utilizando, portanto, elementos da memória de longo prazo.

Sendo assim, sugerem-se novos estudos que levem em consideração a avaliação das memórias (de longo prazo e de trabalho) de indivíduos com esquizofrenia, relacionando esses dados a tarefas que envolvam a ativação de esquemas e *frames*. Faz-se necessária a realização desta pesquisa com um grupo controle, uma vez que, mesmo que esta pesquisa tenha sido iniciada como estudo de caso, acabou se configurando como uma pesquisa experimental. Em outro viés, pode-se estudar como os problemas relacionados à ativação de esquemas e *frames* afetam a aprendizagem na esquizofrenia.

Segundo Burns (2006), os indivíduos com esquizofrenia estão desnivelados em relação ao social, “incapazes de compreender e responder corretamente os sinais sociais, vulneráveis frente às distintas formas de estresse originadas em seu complexo ambiente social”.

Vê-se, então, que o déficit senso-perceptual da esquizofrenia afeta o acionamento de *frames*, principalmente elementos de cenário, não havendo uma associação satisfatória com os esquemas, resultado de uma disfunção na percepção da cultura pelo indivíduo. Logo, comprova-se o fator de indissociabilidade da tríade linguagem-cognição-cultura na construção do sentido.

REFERÊNCIAS

- ADAD, M. A. et al. Aspectos neuropsicológicos da esquizofrenia. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 22, supl. 1, p. 31-34.
- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. 11. ed. Campinas: Papirus, 1995.
- ANÔNIMO. Quinque sensus. *Aduléscens*, Recanati, v. 20, n. 1, p. 4-5, 2002.
- ARARIPE NETO, A. G. A. et al. Fisiopatologia da esquizofrenia: aspectos atuais. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, supl. 2, p. 198-203, 2007.
- ARENDDT, R. J. J. O desenvolvimento cognitivo do ponto de vista da enação. *Revista Psicologia Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 199-215, 2000.
- BAUER, M. W; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BEAR, M. F. et al. *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. Trad. Carla Dalmaz et al. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BERGEN, B. K. Grammatical aspect and mental simulation. *Brain & Language*, San Diego: 2010[a].
- _____. Embodied Grammar and Humor. In: BRONE, G. et al. (Ed.). *Cognitive Linguistics and Humor Research*. Berlin: Mouton de Gruyter, Gibbs, R. W., Wilson, N. L., & Bryant, G. A., 2010[b].
- BERGEN, B. K.; CHANG, N. Embodied construction grammar in simulation-based language understanding. In: ÖSTMAN, J. O.; FRIED, M. (Ed.). *Construction Grammar (s): cognitive and cross-language dimensions*. Amsterdã/Filadélfia: Johns Benjamins, 2005.
- BIRD, A. Perceptions of epigenetics. *Nature*, n. 447, 2007.
- BURNS, J. La hipótesis del cérebro social em la esquizofrenia. *World Psychiatry*, v. 4, n. 2, p. 77-81, 2006.
- CAIXETA, M. et al. Aumento da dislogia do discurso em narrativa emocionalmente carregada na esquizofrenia. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, v. 57, n. 3, p. 695-700, 1999.
- CARMICHAEL, S. T. Plasticity of cortical projections after stroke. *Neuroscientist*, v. 9, p. 64-75, 2003.
- CARTER, R. et al. *O livro do cérebro*. Trad. Frances Jones. São Paulo: Duetto, 2009.
- COVINGTON, M. A. et al. Schizophrenia and the structure of language: the linguist's view. *Schizophrenia Research*, v. 77, p. 85-98, 2005.
- DALGALARRONDO, P. *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*. São Paulo: Artmed, 2000.
- DUQUE, P. H. Teoria dos protótipos, categoria e sentido lexical: primeira parte. *Revista Philologus*, ano 7, n. 21, 2001.

DUQUE, P. H.; COSTA, Marcos A. Cognitivismo e Estudos da Linguagem: novas perspectivas. In: SEMANA DE HUMANIDADES, 17., 2009, Natal, *Anais...* Natal: UFRN, 2009. Disponível em <<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT13/13.5.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2010.

DUQUE, P. H.; COSTA, M. A. *Linguística Cognitiva*: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências. No prelo.

FAUCONNIER, G. Mental spaces, language modalities and conceptual integration. In: TOMASELLO, M. et al. (Ed.). *The new psychology of language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

FAUCONNIER, G.; TUNNER, M. Conceptual integration networks. *Cognitive Science*, v. 22, n. 2, p. 133-187, 1998.

_____. *Analysis versus global insight: how and why do we blend cause and effect?* New York: Basic Books, 1999.

_____. Compression and global insight. *Cognitive Linguistics*, v. 11, n. 3/4, p. 283-304, 2000.

_____. *The Way We Think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. Cambridge: University Press, 2002.

FELDMAN, J. A. *From Molecules to Metaphors: a neural theory of language*. Cambridge: Bradford MIT press, 2006.

FOULCALT, M. *História da loucura: na idade clássica*: Trad. José Teixeira Coelho. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Estudos: 61)

GONZALEZ-MARQUEZ, M. et al. (Ed.). *Methods in cognitive linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006.

KIANG, M. Conceptual Blending theory and psychiatry. *Cognitive Science Online*, v. 3, n. 1, p. 13-24, 2005.

KIRCHER, T. T. J. et al. Neural correlates of syntax production in schizophrenia. *British Journal of Psychiatry*, v. 186, p. 209-214, 2005.

KUPERBERG, G. R. Language in schizophrenia part 1: an introduction. *Language and Linguistics Compass*, v. 4, n. 8, p. 576-589, 2010.

LACARRIÈRE, J. *Grécia: um olhar amoroso*. Trad. Irene Ernest Dias e Véra dos Reis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago/London: the University of Chicago Press, 1987.

LABIGALINI, J. T. *A voz na esquizofrenia*. Monografia (Especialização em Fonoaudiologia Clínica) – Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica, São Paulo, 1998.

LENT, R. *Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociência*. São Paulo: Atheneu, 2005.

- MEILIJSON, S. R. et al. Language performance in chronic schizophrenia: a pragmatic approach. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, v. 47, p. 695-713, jun. 2004.
- MIRANDA, N. S. *A configuração das Arenas comunicativas no discurso institucional: professores versus professores*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- MITCHELL, R. L. C.; CROW, T. J. Right hemisphere language functions and schizophrenia: the forgotten hemisphere? *Brain*, v. 128, p. 963-978, 2005.
- MORATO, E. M. Vigotski e a perspectiva enunciativa da relação entre linguagem, cognição e mundo social. *Educação & Sociedade*, ano 21, n. 71, p. 149-165. jul. 2000.
- MUSZKAT, M. Dinâmica do Conhecimento. *Revista Viver Mente & Cérebro*, esp. como o cérebro aprende, Duetto editorial, Rio de Janeiro/São Paulo, n. 8, p. 40-47, dez. 2005.
- NOVAES, M. *Os dizeres da esquizofrenia: uma cartola sem fundo*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- PALMER, B. W. et al. Do people with schizophrenia have differential impairment in episodic memory and/or working memory relative to other cognitive abilities? *Schizophrenia Research*, v. 116, p. 259-265, 2010.
- PICARDI, F. *Linguagem e esquizofrenia: na fronteira do sentido*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- REIS, J. Modelo metateórico da Psicologia da Saúde para o séc. XXI: interação ou integração biopsicossocial? *Revista Análise Psicológica*, Lisboa, v. 3, n. 17, p. 415-433, 1999.
- RIZZOLATTI, G. et al. *Mirrors in the Brain: how our minds share actions, emotions, and experience*. London: Oxford, 2007.
- ROTHEMBERG, R. E. *Medicina e saúde: guia prático*. Trad. Marisis Aranha Camargo. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 1 v.
- ROTTERDAM, E. *Elogio da Loucura*. Trad. Ciro Mioranza. 2. ed. São Paulo: Escala, 2008.
- SALOMÃO, M. M. M. *O Processo Cognitivo da Mesclagem na Análise Linguística do Discurso*. Projeto Integrado de Pesquisa. UFJF/UERJ/UFRJ, 1999.
- SALOMÃO, M. M. M. Lanterna de proa: sobre a tradição recente nos estudos de linguística. *Gragoatá*, n. 23, p. 52, Niterói, Editora da UFJF, 2007.
- SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão dos estudos da linguagem. *Revista Veredas*, v. 3, n. 1, p. 61-79, 2009.
- SINGER, W. Neuronal synchrony: a versatile code for the definition of relations? *Neuron*, Cambridge, v. 24, p. 49-65, set. 1999.
- SOUSA JUNIOR, N. F. et al. O discurso e a construção do sujeito: considerações sobre a linguagem a partir da análise de aspectos da fala de pacientes esquizofrênicos. In: COLÓQUIO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, 1., 2007, Natal, *Anais...* Natal: UFRN, 2007. 1 CD-ROM.

STERNBERG, R. J. *Psicologia Cognitiva*. 5. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

STOTZ-INGENLATH, G. Epistemological aspects of Eugen Bleuler's conception of schizophrenia in 1911. *Medicine, Health and Philosophy*, v. 3, p. 153-159, 2000.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. *Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics*. vol. 1. Massachusetts: The Mit Press, 2000.

TESTAMENT The New. The Greek text underlying the English authorized version of 1611. London: Trinitarian Bible Society, 1994.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOMASELLO, M. et al. (Ed.). *The new psychology of language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TURNER, M. The Scope of Human Thought. *On the Human*, ago. 2009. Disponível em: <<http://onthehuman.org/humannature/?p=294>>. Acesso em: 10 jun. de 2010.

URRESTA, M. F. Los delirios no son alteraciones primarias del pensamiento. *Revista Colombiana de Psiquiatria*, v. 38, n. 4, p. 761-776, 2009.

VAN DEN BERG, J. H. *Pequena psiquiatria: para estudantes e para os que colaboram com o psiquiatra*. Trad. Francisco Van de Water. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

ANEXO 1

Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa **REFLEXÕES ACERCA DOS PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO NO DISCURSO MARGINAL: estudando a linguagem no contexto da esquizofrenia** que é coordenada pelo Professor Nelson Ferreira de Sousa Junior.

Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Essa pesquisa procura entender as relações entre linguagem e funcionamento da mente, como as pessoas com esquizofrenia compreendem e usam os sentidos das palavras. Assim, nosso trabalho se justifica quando procuramos confirmar se possíveis alterações no funcionamento da mente afetam a compreensão do falante.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: a) num primeiro momento, buscaremos informações, junto aos seus médicos, sobre sua vida e tratamento; b) em seguida, faremos entrevistas com você, quando gravaremos sua voz e sua imagem em diferentes momentos de comunicação; para esses procedimentos solicitaremos uma autorização sua.

Os riscos envolvidos com sua participação são: durante as entrevistas, podem ocorrer alguns desconfortos emocionais/mentais, que serão minimizados através das seguintes providências: a) em todos os momentos das entrevistas, você será acompanhado pela Psicóloga Sandra Maria de Vasconcelos Uchoa e/ou pelo estagiário em Psicologia Leandro Silva, ambos pertencentes ao Corpo Clínico do Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL), que você já conhece em seu tratamento; b) as entrevistas ocorrerão de modo espontâneo, em curtos períodos de tempo, podendo ser imediatamente interrompidas de acordo com seu desejo.

Você terá os seguintes benefícios ao participar da pesquisa: a) haverá uma ampla apresentação e explicação dos resultados obtidos tanto para você, conforme disposição clínica, quanto para o seu responsável, bem como para o Corpo Clínico do HPPSL; b) os resultados de nosso trabalho poderão contribuir para uma maior compreensão, pelos seus médicos, da sua linguagem e a formação de palavras nas suas conversas; c) no decorrer da pesquisa, você deverá ter um maior contato com seus psicólogos, e um maior número de avaliações e/ou interações psicológicas dispensadas a você, influenciando positivamente em seu diagnóstico e tratamento.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Se você tiver algum gasto que seja devido à sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite.

Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você terá direito a indenização.

Você ficará com uma cópia deste Termo e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para a psicóloga Sandra Maria de Vasconcelos Uchoa, no Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes, Av. Romualdo Galvão, 1402, Tirol, CEP 59.056-100, Natal, RN ou pelo telefone (84) 4005-3250.

Dúvidas a respeito da ética dessa pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRN no endereço, Praça do Campus Universitário da UFRN, Lagoa Nova, Caixa Postal 1666, CEP 59072-970 Natal/RN ou pelo telefone (84) 3215-3135.

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar voluntariamente da pesquisa **REFLEXÕES ACERCA DOS PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO NO DISCURSO MARGINAL: estudando a linguagem no contexto da esquizofrenia.**

Participante da pesquisa:

Responsável pelo participante:

Pesquisador Responsável:

Nelson Ferreira de Sousa Junior

Departamento de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Av. Salgado Filho, S/N, Lagoa Nova, CEP 59072-970, Natal, RN, Telefone (84) 3215-3582, E-mail: professor.nelson@gmail.com

Comitê de Ética e Pesquisa - UFRN

Praça do Campus Universitário da UFRN, Lagoa Nova, Caixa Postal 1666, CEP 59072-970, Natal/RN, Telefone (84) 3215-3135, E-mail: cepufrn@reitoria.ufrn.br

ANEXO 2

Corpus lingüístico de Abner

**TRANSCRIÇÃO DE FALA DE PESSOA COM ESQUIZOFRENIA
(COLETA 1.1.A)**

Tema: Ativadores de *frames*.

Estímulos interacionais: 3 cartões com vocábulos “TELEVISÃO” (substantivo), “VIAJAR” (verbo) e “ALEGRE” (adjetivo).

Informante: Abner, sexo masculino, ~40 anos (**A**).

Entrevistador: Nelson, Pesquisador (N).

Local: Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL), Natal/RN, Brasil.

Data: 16/12/2009 (quarta), das 15h, 27min e 47seg às 15h, 31min e 41seg.

	Áudio	Vídeo	T
N	/.../ Eu queria que:: você: conversasse um pouquinho comigo sobre algumas palavras que eu tenho aqui/ aí eu vou dizer as palavras/ e aí:./		[1]
A	((silêncio))		[2]
N	é:/ você sabe ler' num sabe"		[3]
A	pouquinho		[4]
N	pouquinho/ mas dá pra ler num dá"		[5]
A	((silêncio))	"A" consente com a cabeça	[6]
N	pode ser"		[7]
A	((silêncio))		[8]
N	tranquilo"		[9]
A	((quase sussurrando)) tranquilo		[10]
N	:pronto/ aí eu vou mostrar as palavras pra você: e aí:: você vai dizer o que é que vem à sua mente quando: eu fa:lo: e mostro as palavras pra você/ tá certo"		[11]
A	((silêncio))	"A" consente com a cabeça	[12]
N	a primeira palavra é te-le-vi-são		[13]
A	hm		[14]
N	o que é que vem à sua mente" sobre essa palavra		[15]
A	((rápido)) bom de assistir né'		[16]
N	ãhã		[17]
A	((silêncio))		[18]
N	aí que mais"		[19]
A	((silêncio))		[20]

N	o que cê/ cê gos:ta:"		[21]
A	assistir filme		[22]
N	filme"		[23]
A	hm		[24]
N	ai por que"	ãhãm/	[25]
A	((silêncio))		[26]
N	porque'		[27]
A	((silêncio))		[28]
N	o que é que faz/ você gosta de assistir filme por que"		[29]
A	passar o tempo		[30]
N	passar o tempo'		[31]
A	hm		[32]
N	ãhã/ você gostava/ sempre gostou de tv televisão"		[33]
A	((silêncio))	"A" consente com a cabeça	[34]
N	sempre né"		[35]
A	((silêncio))		[36]
	ok/ outra palavra/ a outra palavra é via-jar		[37]
A	é bom		[38]
N	viajar"	"A" consente com a cabeça	[39]
A	já viajei já: umas três vez já		[40]
N	foi"		[41]
A	foi		[42]
N	pra onde"		[43]
A	pra:/ ((sussurrando)) como é/ ((natural)) juazeiro	"A" abaixa a cabeça e o tronco	[44]
N	é"/ e como é que foi"		[45]
A	fui bem lá		[46]
N	foi"/ cê foi por que"		[47]
A	só:: andar mesmo		[48]
N	andar"		[49]
A	conhecer o: lugar né"		[50]
N	ãhã		[51]
A	((sussurrando)) isso aí	"A" consente com a cabeça	[52]
N	a outra palavra/ a-le-gre/ lembra alguma coisa"		[53]
A	quando a	"A" abaixa e	[54]

	gente tá alegre é porque tá bem	responde	
N	é”/ aí o senhor/ o que é que cê acha sobre essa palavra”		[55]
A	((silêncio))	“A” balança para frente e para trás	[56]
N	lembra alguma coisa: você		[57]
A	não/ não		[58]
N	é’ tá certo e as três juntas” / pode pegar se cê quiser	“A” balança e olha para “N” e para os cartões	[59]
A	mhm ((rápido e sussurrando)) quadradinha		[60]
N	hã”		[61]
A	sabe ler nã:o	“A” se aproxima e fala	[62]
N	num tá conseguindo ler não né’		[63]
A	não		[64]
N	mas/ alegre/ viajar/ televisão/ cê acha que elas têm alguma coisa entre elas”		[65]
A	tem	“A” consente com a cabeça	[66]
N	hã”/ tem”/		[67]
A	((silêncio))	“A” consente com a cabeça	[68]
N	o quê”/ viajar”		[69]
A	((silêncio))	“A” aponta para cartão “viajar”.	[70]
N	é”/ por que”		[71]
A	porque eu gosto de viajar	“A” sorri discretamente	[72]
N	cê gosta de viajar/ ((sussurrando)) gosta/ ((natural)) quando foi a última vez que o senhor viajou”		[73]
A	[ãntěj] passou um quatro tempo sem ir		[74]
N	é”		[75]
A	((silêncio))		[76]
N	mas e aí::		[77]
A	((tosse))		[78]
N	hã’		[79]
A	falei não	“A” levanta o dedo indicador	[80]
N	falou não né’ /.../		[81]

TRANSCRIÇÃO DE FALA DE PESSOA COM ESQUIZOFRENIA (COLETA 4.2.A)

Tema: Descrição de cena.

Estímulos interacionais: gravura colorida de uma praça pública contendo um rapaz ruivo observando um livro com imagens de animais, uma moça de cabelos castanhos ouvindo música com fones de ouvido, uma ciclista loira comendo um sanduíche, um jovem negro cheirando uma flor, um homem de cabelos castanhos e uma loira fitando e apontando para uma tigela com amêndoas e frutos, um porco-espinho irritado frente a um cão curioso, um simpático vendedor idoso de sanduíches/hambúrgueres e um menino ruivo com a mão direita abanando e com a língua de fora tomando uma xícara com um líquido quente.

Informante: Abner, sexo masculino, ~40 anos (A).

Entrevistador: Nelson, Pesquisador (N).

Psicólogo: Leandro (P)

Local: Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL), Natal/RN, Brasil.

Data: 30/12/2009 (quarta), das 14h, 36min e 23seg às 14h, 40min e 21seg.

	Áudio	Vídeo	T
N	/.../ Eu tenho: uma imagem aqui pra você descrever/ aí eu vou mostrar essa imagem/ aí você vai dizer tudo que você tá vendo aqui/ tá certo:" /		[1]
A	((silêncio))	"A" consente com a cabeça	[2]
N	pode ser"		[3]
A	pode		[4]
N	é esta a imagem/ cê pode me dizer o que você vê nesta imagem"		[5]
A	((sussurrando)) [hum]	"A" aponta para o cão	[6]
N	pode descrever"		[7]
A	((sussurrando)) [hum]		[8]
N	é" o que é que cê/ que é te chama a atenção" nessa imagem'		[9]
A	((rápido)) o povo lendo aí		[10]
N	hã"		[11]
A	o povo lendo né"		[12]
N	é"		
A	((silêncio))		[13]
P	quem tá lendo"		[14]
A	((silêncio))	"A" aponta para o	[15]

		rapaz com o livro	
P	joia		[16]
A	((silêncio))		[17]
N	é esse aqui né” o que mais que tão fazendo		[18]
A	tem um brincando		[19]
N	onde”		[17]
A	um cachorrinho	“A” aponta para o cão	[20]
N	ah		[20]
A	((risos))		[21]
N	que mais”		[22]
A	querendo olhá na comida né”	“A” aponta para o casal com a tigela	[23]
N	ahm		[24]
A	e olhando aqui	“A” aponta para o casal com a tigela	[25]
N	mhm		[26]
A	((silêncio))		[27]
N	alguma coisa te chama mais a atenção”		[28]
A	((rápido)) tem um cheirando aqui uma rosa	“A” aponta para o homem cheirando a rosa	[29]
N	ah		[30]
A	((silêncio))		[31]
	e o ambiente/ como é que cê acha que tá”		[32]
A	((rápido)) rapaz::/ tá chovendo né”		[33]
N	ãhãm		[34]
A	[ə] ((silêncio))		[35]
N	como é que cê acha que essas pessoas estão”		[36]
A	estão bem		[37]
N	é”		[38]
A	((silêncio))		[39]
N	como assim”		[40]
A	((silêncio))		[41]
	e as cores”		[42]
A	as cores tão boa		[43]
N	tão”		[44]
A	((silêncio))	“A” consente com a cabeça	[45]
N	como é	“A” coça as pernas	[46]

	que são essas pessoas”		
A	né” ((silêncio)) tem um véi aí	“A” coça as pernas	[47]
N	é”		[48]
A	é		[49]
N	só tem pessoas aqui”		[50]
A	também tem mulher	“A” aponta para a gravura	[51]
N	ah:		[52]
A	((silêncio))		[53]
N	o que que cê acha dessa figura”		[54]
A	tá tudo bem		[55]
N	tudo bem”		[56]
A	((silêncio))		[57]
N	agora posso guardar”		[58]
A	pode		[59]
N	vou guardar aqui embaixo/ tem alguma im/ algum ambiente que você: goste mais”/ qual lugar que você gosta mais de ficar”		[60]
A	((rápido)) rapaz ((risos))/ gosto de ir numa praia	“A” coça as pernas	[61]
N	é” cê pode dizer então como é esse lugar”		[62]
A	bonito né”		[63]
N	bonito/ tem mais o quê”		[64]
A	tem mais gente/ gente lá		[65]
N	é”		[66]
A	((silêncio))		[67]
	o que mais’		[68]
A	((silêncio))		[69]
	o que mais tem nesse lugar”		[70]
A	nada		[71]
N	mais nada”		[72]
A	((silêncio))		[73]
N	tem mais algum outro lugar que você gosta de ficar”		[74]
A	eu gosto de ficar lá na frente da casa lá sentado olhando		[75]
N	é”		[76]
A	observando as coisa		[77]
N	aí como é que é a frente dessa casa”		[78]
A	bonita ela		[79]

N	bonita” é		[80]
A	((silêncio))		[81]
N	fazem lá’ aí o que é que as pessoas		[82]
A	aula ficam passando: i:ndo pra: pras		[83]
N	é”		[84]
A	((silêncio))		[85]
N	/.../ legal		[86]

**TRANSCRIÇÃO DE FALA DE PESSOA COM ESQUIZOFRENIA
(COLETA 7.3.A)**

Tema: Injunção.

Informante: Abner, sexo masculino, ~40 anos (A).

Entrevistador: Nelson, Pesquisador (N).

Local: Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL), Natal/RN, Brasil.

Data: 04/01/2010 (segunda), das 15h, 03min e 08seg às 15h, 06min e 04seg.

	Áudio	Vídeo	T
N	/.../ eu queria saber o que é que você gosta de fazer”		[1]
A	((silêncio))		[2]
N	tem alguma coisa que você gosta de fazer”/ de/ ou consertar/ ou então construir”		
A	e:u: mexo com moto	aproxima-se e fala	
N	moto”		[3]
A	é		[4]
N	aí como é que faz isso”		[5]
A	na hora a gente troca umas pecinhas aí: [pra] trocar umas pecinha	coça as pernas e inclina-se	[6]
N	é:’ cê pode me explicar como é que:/ cê você me ensinar como é que mexe com moto”		[7]
A	((rápido)) rapaz/ é meio duro viu/ primeiro tem que abrir o negócio né’	movimenta as mãos em paralelo como se fizesse um nó	[8]
N	ahã		[9]
A	tem que		[10]
N	desmontar e ir olhando		
N	é”		[11]
A	é		[14]
N	aí se/ s/ como é que se/ como é que faz isso”/ como é que desmonta”		[15]
A	com uma chave	faz movimento de abrir com chave	[16]
N	com uma chave”		[17]
A	tem chave pra desmontar		[18]
N	se você fosse me ensinar como é que desmonta uma moto/ como é que		[19]

	seria me ensinar		
A	é só só é pegar a moto aí e:eu te ensino		[20]
N	é”		[21]
A	é mas é/ mas assim e:eu num ensino não	aproxima-se e olha para o lado direito ao falar	[22]
N	a aí você gosta de de mexer em moto”		[23]
A	é/ eu tinha uma motobicicleta	olha para o lado esquerdo ao falar	[24]
N	é”/ aí o que é cê mais gosta de mexer na moto”		[25]
A	rapaz é só a moto dar um prego que e:eu desmonto o motor		[26]
N	você desmonta o motor”		[27]
A	mhm		[28]
N	aí como é que você desmonta o motor”		[29]
A	com chave/ com um bocado de chave	movimenta inversamente as mãos em pinça para cima e para baixo	[30]
N	um bocado de chave’/ como é que são as chaves”		[31]
A	chave: chave dez/ chave onze/ treze/ chave catorze	indica tamanho com mãos em “L”	[32]
N	é” aí elas servem para quê”		[33]
A	é pra desmontar o motor	faz gesto de nó.	[34]
N	é”/ e qual o tamanho do motor”/ como é que é esse motor”		[35]
A	tem a medida deste tamanho	com as mãos, uma frente à outra, com as palmas abertas, move-as do centro para fora.	[36]
N	é” aí você vai pega a chave aí como é que você faz”		[37]
A	vou girando os parafusos	faz movimentos com a mão direita como girando chave.	[38]
N	é”/ Abner é difícil fazer isso”		[39]
A	rapaz/ pra mim num é não mas quando eu não sabia era difícil	coça as pernas.	[40]
N	é		[41]
A	agora e:eu aprendi sozinho mesmo a mexer		[42]
N	foi” como é que foi”		[43]

A	o carro deu prego [eu fui] desmontando devagarinho/ desmontei/ dei um jeito desmontei e montei de novo	olha para a esquerda ao falar	[44]
N	foi”		[45]
A	foi		[46]
N	que legal		[47]
A	quando num vou [əw] mesmo: montar os cara vive tomando dinheiro		[48]
N	hm/ aí agora ninguém mais come seu dinheiro”		[49]
A	não’	olha para a esquerda e ri	[50]
N	(risos) legal então/ aí/ quando foi a última vez que você fez isso”		[51]
A	((rápido)) tá com um bom tempo já		[52]
N	faz pouco tempo”		[53]
A	não dizendo que tá com bom tempo que num num monto		[54]
N	é”		[55]
A	é		[56]
N	quando foi mais exatamente”		[57]
A	rapaz/ em dois mil e seis eu durmo já aqui		[58]
N	foi”/ por quê”		[59]
A	você no último momento sai equivocado cara ruim demais	movimenta-se para a esquerda, para a direita e coça as pernas.	[60]
N	ãh		[62]
A	agora seu eu levantar ali ele ele apanha viu”		[63]
N	é” como assim”		[64]
A	((rápido e em volume decrescente)) se errar uma peça ele bota o dedo no cu do outro /.../	faz um círculo com o indicador e o polegar da mão direita e fala olhando para a mão.	[65]

TRANSCRIÇÃO DE FALA DE PESSOA COM ESQUIZOFRENIA (COLETA 9.4.A)

Tema: Exposição de opinião.

Estímulos interacionais: desenho animado que apresenta uma menina jogando beisebol na rua com seu cãozinho; então, ela acerta sua bola num policial, fazendo com que ele quase engula o telefone pelo qual fala com seu superior. O policial, então, grita agressivamente com a menina, ordenando que ela vá brincar no parque. No parque, a menina continua seu jogo, mas acerta acidentalmente o olho do mesmo guarda anterior, agora próximo a uma árvore. Ele se exaspera, toma o taco da menina e joga-o no chão; este bate na bola que, por sua vez, acerta o outro olho dele; então, o policial grita novamente com a menina ordenando que ela brinque de outra coisa.

Informante: Abner, sexo masculino, ~40 anos (A).

Entrevistador: Nelson, Pesquisador (N).

Local: Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL), Natal/RN, Brasil.

Data: 07/01/2010 (quinta), das 14h, 42min e 17seg às 14h, 44min e 01seg.

	Áudio	Vídeo	T
N	/.../ quem você acha que tem razão”		[1]
A	((silêncio))		[2]
N	tem alguém certo/ tem alguém errado”		[3]
A	((rápido)) se jogasse a outra dentro do parque ela tinha razão né’		[4]
N	é”		[5]
A	((silêncio))		[6]
N	por quê”		[7]
A	((silêncio))		[8]
N	como assim”		[9]
A	((rápido)) e ela tava lá’		[10]
N	aí/ você acha então/ quem é que tava errado”		[11]
A	((silêncio)) foi o policial		[12]
N	é”		[13]
A	((silêncio))		[14]
N	por quê”		[15]
A	((silêncio))		[16]
N	como assim”		[17]
A	na primeira e:ela tá errada/ né’/ primeira vez		[18]

N	é”		[19]
A	na segunda ((rápido)) ela tava certa		[20]
N	era”/ porque na primeira ela tava errada/ na segunda ela tava certa”		[21]
A	tava jogando na rua		[22]
N	era jogando na rua’		[23]
A	((silêncio))		[24]
N	por que jogar/é errado jogar na rua”		[25]
A	((silêncio))		[26]
N	como assim’		[27]
A	((silêncio))		[28]
N	aí ela tava jogando na rua né’		[29]
A	[ə]		[30]
N	e aí na segunda vez ela tava certa/ por que ela tava certa”		[31]
A	se tá dentro do campo podia:: jogar né”		[32]
N	e aí quem é que tava errado”		[33]
A	((silêncio))		[34]
	na primeira vez que é que tava errado”		[35]
A	ela		[36]
N	ela/ e na segunda vez quem é que tava errado”		[37]
A	o policial que veio olhar ela jogando		[38]
N	foi”/ aí”		[39]
A	((silêncio))		[40]
N	no todo/ nas duas vezes/ quem é que tá certo então		[41]
A	é o policial		[42]
N	policial/ por que ele tá certo nas duas vezes/ assim no todo/ no desenho”		[43]
A	((silêncio))		[44]
	sabe não”		[45]
A	não		[46]
N	mas cê gostou do desenho”		[47]
A	foi bom		[48]

TRANSCRIÇÃO DE FALA DE PESSOA COM ESQUIZOFRENIA (COLETA 11.5.A)

Tema: Imagem em movimento.

Estímulos interacionais: desenho animado, do estilo mudo (apenas com fundo musical), tendo como protagonista a pantera cor-de-rosa. A história se inicia com a pantera indo a um pátio a céu aberto com vários carros usados, uma loja automobilística. A pantera, então, toca num carro e o carro se desmancha. Depois, o vendedor mostra um pequeno carro conversível na cor azul que tem vários botões no painel. Assim, a pantera se encolhe e entra espremida no carro. Ela aperta um botão que faz subir uma antena, depois faz descer. Depois, liga o rádio, que é muito alto, fechando os olhos com o barulho. Como o carro parece ter vida própria, a pantera se interessa, dando muito dinheiro para o dono da loja. Ela então leva o carro para uma garagem e o pinta de rosa com um *spray*. O carro tosse com a tinta, desmaiando com o cheiro. Após isso, a pantera pega o carro e sai nele para um passeio. Ela para com o carro num semáforo vermelho ao lado de outro carro com um grande e comprido motor, tendo o motorista um capacete de corrida. Quando o semáforo fica verde, o carro de corrida arranca fortemente, cobrindo a pantera e seu carro com fumaça. Após tossirem, a pantera e o carro vão para outro semáforo vermelho, parando ao lado de uma idosa num carro bem antigo. A senhora, quando sai com o carro ao semáforo verde, também solta fumaça sobre a pantera e o carro, fazendo-os rodopiar, irritando o carro da pantera cor-de-rosa. O carro da pantera, então, acelera para alcançar a velhinha, a qual, ao se ver desafiada, aperta um botão, transformando seu carro antigo num supercarro, empinando-o e acelerando grandemente. O carro da pantera, contra a vontade do dono, empina-se e inicia um *racha* (corrida urbana) com a idosa, que, ao sair da cidade, joga a pantera e o carro de um penhasco. O carro da pantera abre, então, um paraquedas, acabando por descer na loja de carros usados onde foi comprado. A pantera, então, sai do carro e pega seu dinheiro de volta, devolvendo o veículo.

Informante: Abner, sexo masculino, ~40 anos (A).

Entrevistador: Nelson, Pesquisador (N).

Local: Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL), Natal/RN, Brasil.

Data: 14/01/2009 (quinta), das 15h, 11min e 40seg às 15h, 20min e 2seg.

	Áudio	Vídeo	T
N	eu queria mostrar um desenho pra você: de seis minutos/ né"/ já que você gostou de assistir o último desenho/ você gostou do último desenho"		[1]
A	((silêncio))	"A" consente com a cabeça	[2]
N	então/ aí/ mais um desenho hoje de: seis minutos/ e aí depois você vai contar pra mim o/ como é que você/ o que é que você achou desse dese:nho/ como é que era esse desenho/ tá certo"/ que você vai assistir mas eu não vou assistir/ tá bom"/		[3]

A	((silêncio))	“A” consente com a cabeça	[4]
N	aí você assist:te/ eu não vou assistir/ depois você vai me contar pra mim ((execução da animação)) /.../ e aí:’		[5]
A	((silêncio))		[6]
N	e aí:’		[7]
A	foi bom		[8]
N	foi bom”/ agora cê vai contar pra mim o que foi que você:: viu na historinha/ cê pode contar pra mim”	“A” consente com a cabeça	[9]
A	foi quando ((tosse))/ quando ela não queria deixar a pantera pode passar	“A” balança o corpo para frente e move a mão da direita para a esquerda	[10]
N	era”		[11]
A	((silêncio))	“A” põe as mãos sobre a mesa formando um quadrado	[12]
N	aí/ como assim”/ como é que começou a história’ conta pra mim		[13]
A	e a:: ((pigarro)) pantera ligou o carro e daí acabou três fica a rodinha	“A” faz movimento de fechadura, depois move a mão da direita para a esquerda e depois gira a mão em círculo três vezes sobre a mesa	[14]
N	é”		[15]
A	((silêncio))		[16]
	aí aconteceu mais alguma coisa”		[17]
A	teceu		[18]
N	que mais’		[19]
A	ela empina todinha ela	“A” move a mão de cima para baixo	[20]
N	foi”/ é”/ que mais”		[21]
A	ela andou com a velha		[22]
N	foi”		[23]
A	((silêncio))		[24]
N	aí como é que começou a/ a:/ a história”		[25]
A	((silêncio))		[26]
N	cê lembra como		[27]

	começou”		
A	((silêncio))		[28]
N	e como é que terminou a história”		[29]
A	terminou:u o carro no ferro-velho	“A” coça as pernas	[30]
N	foi”		[31]
A	na sucata		[32]
N	foi”		[33]
A	((silêncio))		[34]
	tem mais alguma coisa que cê quer me contar sobre a história”		[35]
A	tem não		[36]
N	cê acha como é que foi se você fosse dizer a história foi ruim foi boa foi média foi boa”		[37]
A	foi	“A” move-se para frente e responde	[38]
N	ãhã		[39]
A	((silêncio))	“A” balança para frente e para trás	[40]
N	como assim”/ ela foi boa”		[41]
A	((silêncio))	“A” consente com a cabeça	[42]
N	cê sabe explicar”		[43]
A	((silêncio))		[44]
N	não né”		[45]
A	((silêncio))		[46]
N	pronto/ agora Abner/ interessante né” a historinha/ não é”/		[47]
A	((silêncio))		[48]
N	a gente sempre tem historinha pra contar/ tem alguma história que você/ aconteceu com você”		[49]
A	((silêncio))		[50]
N	porque teve essa história que aconteceu aqui não foi”		[51]
A	((silêncio))		[52]
N	e aí/ o que é que foi que aconteceu com você”/		[53]
A	((silêncio))		[54]
N	alguma coisa que você gostou”		[55]
A	((silêncio))		[56]
N	tem algum história que cê lembre		[57]

	que aconteceu com você”		
A	tem não		[58]
N	ãhn:		[59]
A	tem não	“A” inclina-se para a frente e responde	[60]
N	tem não” nenhuma história que aconteceu com você”		[61]
A	((silêncio))		[62]
N	alguma coisa ou/ cê queira contar que aconteceu com você:		[63]
A	((silêncio))		[64]
N	tem alguma boa lembrança		[65]
A	tem não	“A” inclina-se para a frente e responde	[66]
N	não” não”	“A” balança para frente e para trás	[67]
A	((silêncio))	“A” nega com a cabeça.	[68]
N	porque eu quando eu era pequeno aconteceu várias coisa/ teve uma vez que eu fui pra escola:/ aí depois quando eu fiquei maiorzinho teve uma vez que eu viajei:/ aí depois teve uma vez que aí eu fiz outra viagem/ e você”/ tem alguma história”		[69]
A	((silêncio))		[70]
N	não”/ tem não”		[71]
A	não	“A” nega com a cabeça	[72]
N	não”		[73]
A	((silêncio))		[74]
N	tá certo /.../		[75]

ANEXO 3

Corpus lingüístico de Bachir

**TRANSCRIÇÃO DE FALA DE PESSOA COM ESQUIZOFRENIA
(COLETA 2.1.B)**

Tema: Ativadores de *frames*.

Estímulos interacionais: 3 cartões com vocábulos “TELEVISÃO” (substantivo), “VIAJAR” (verbo) e “ALEGRE” (adjetivo).

Informante: Bachir, sexo masculino, ~40 anos (B).

Entrevistador: Nelson, Pesquisador (N).

Local: Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL), Natal/RN, Brasil.

Data: 16/12/2009 (quarta), das 15h, 43min e 12seg às 15h, 51min e 42seg.

	Áudio	Vídeo	T
N	/.../ eu queria fazer umas perguntinhas pra você/ tá <i>Bachir</i>		[1]
B	tá certo		[2]
N	esses cartões aqui têm umas palavras aqui dentro e aí eu queria saber o que é que você pensa: quando eu vou/ eu vou mostrar:: e vou falar as palavras pra você/ aí eu queria saber o que é que você pensa tá/ quando eu falar as palavras/ tá certo” pode ser”/		
B	((silêncio))	“B” responde afirmativamente com a cabeça	[3]
N	aí você pode ficar bem à vontade/ tá bom”		[4]
B	tá certo		[5]
N	é::: com relação a esses cartões/ se sabe ler”	“B” cruza os braços	[6]
B	sei		[7]
N	sabe” sabe ler”/	“B” responde afirmativamente com a cabeça	[8]
B	((silêncio))		[9]
	tá legal/ aí eu vou falar as pala:vras/ né’/ vou mostrar pra você e aí você vai dizer o que é que você lembra o que é que você pensa/ tá certo”/ sobre essas palavras/ tá bom”		[10]
B	tá certo/ tá certo		[11]
N	o/ a primeira palavra é TE-LE-VI-SÃO		[12]
B	televisão/ ((silêncio)) televisão né”	“B” abaixa-se, olha para o cartão e	[13]

		aponta para ele	
N	ãhã		[14]
B	((silêncio)) televisão ((silêncio)) então aí/ é ver se fica bom é”		[15]
N	me fala o que é que você acha/ o que é que te lembra		[16]
B	é meio umas coisa [zão] sai lá de dentro	Move as mãos abertas apontando para si e para fora cinco vezes rapidamente.	[17]
N	ahã”		[18]
B	é:		[19]
N	que mais televisão te lembra”		[20]
B	((silêncio))		[21]
N	como assim ela lembr/		[22]
B	é uns desenho animado	“B” aponta para cima e põe a mão na orelha	[23]
N	ãhã		[24]
B	((silêncio))		[25]
N	aí como assim”		[26]
B	tô sabendo não		[27]
N	tá sabendo não né”/		[28]
B	((silêncio))	põe a mão no peito	[29]
N	mas é exatamente isso/ tá certo”		[30]
B	tá certo		[31]
N	que ma::is/ e a palavra VI-A-JAR		[32]
B	viajar né’/ viajar ((silêncio))		[33]
N	o que é que te lembra viajar’		[34]
B	lembra passear pelas árvores da cidade no caminho pra cá	Levanta a mão direita e faz movimento de distância	[35]
N	mhm		[36]
B	é ((silêncio))		[37]
N	como assim”		[38]
B	((em volume decrescente)) andar passeando bosque/ devagar bosque ((silêncio))	Levanta a mão esquerda e faz movimento de distância	[39]
N	ãhã e:: A-LE-GRE		[40]
B	alegre		[41]

	((silêncio))		
N	o que é que te lembra alegre		[42]
B	alegre porque:: fiquei bom já/ mandaram eu brincar na rua	Levanta a mão direita e faz movimento de distância	[43]
N	é'		[44]
B	é		[45]
N	mhm		[46]
B	certo		[47]
N	mais alguma coisa"		[48]
B	não		[49]
N	alegre"		[50]
B	não		[51]
N	e:: as três palavras juntas/ cê acha que elas têm alguma coisa em comum" TE-LE-VI-SÃ::O/ VI-A-JA::R/ e A-LE:-GRE		[52]
B	e alegre né'		[53]
N	televisão/ viajar/ e alegre/ você acha que elas têm alguma coisa em comum"/ cê acha/		[54]
B	é igual		[55]
N	elas são iguais"		[56]
B	são/ são		[57]
N	ãhã/ e qual delas que te chama mais atenção"		[58]
B	televisão		[59]
N	por quê"		[60]
B	como assim' porque eu gosto de assistir desenho animado	"B" coça o pescoço	[61]
N	hã		[62]
B	tv globinho		[63]
N	hã		[64]
B	((silêncio))		[65]
N	e qual você acha que::/ não te chama atenção'/ dessas daqui/ que você não se interessa		[66]
B	essa aqui/ alegre	"B" aponta para o cartão	[67]
N	alegre'		[68]
B	é		[69]
N	tá certo/ por quê"		[70]
B	Porque e:eu gosto de ve/ é ficar bom/ passeando/ vendo as árvores	Levanta a mão direita e faz movimento de distância	[71]
N	ãhã		[72]

B	((silêncio))		[73]
N	ver' aí ela não tem nada a		[74]
B	não		[75]
N	tem mais alguma coisa que essas palavras te lembram”		[76]
B	não		[77]

TRANSCRIÇÃO DE FALA DE PESSOA COM ESQUIZOFRENIA (COLETA 5.2.B)

Tema: Descrição de cena.

Estímulos interacionais: gravura colorida de uma praça pública contendo um rapaz ruivo observando um livro com imagens de animais, uma moça de cabelos castanhos ouvindo música com fones de ouvido, uma ciclista loira comendo um sanduíche, um jovem negro cheirando uma flor, um homem de cabelos castanhos e uma loira fitando e apontando para uma tigela com amêndoas e frutos, um porco-espinho irritado frente a um cão curioso, um simpático vendedor idoso de sanduíches/hambúrgueres e um menino ruivo com a mão direita abanando e com a língua de fora tomando uma xícara com um líquido quente.

Informante: Bachir, sexo masculino, ~40 anos (B).

Entrevistador: Nelson, Pesquisador (N).

Local: Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL), Natal/RN, Brasil.

Data: 30/12/2009 (quarta), das 14h, 52min e 42seg às 15h, 46min e 2seg.

	Áudio	Vídeo	T
N	/.../ eu vou te mostrar uma imagem aqui::/ aí você vai dizer o que você vê/ tá certo:"		[1]
B	tá certo		[2]
N	pode falar à vontade/ tá bom"		[3]
B	mhm/ aí eu digo o que é:."		[4]
N	é: cê vai dizer o que é que você vê:	"B" se inclina e olha para a gravura	[5]
B	((silêncio)) é:/ um cachorro com um cachorro né'	"B" aponta para a gravura e coça a cabeça	[6]
N	ãhã		[7]
B	um neguinho/ um vendedor de cachorro quente/ é::/ um estudante	"B" aponta para a gravura	[8]
N	aonde"		[9]
B	aqui		[10]
N	ã::		[11]
B	((silêncio)) é::/ tomando café né"/ um homem	"B" aponta para a gravura	[12]
N	que mais cê vê" você pode descrever essa imagem		[13]
B	escrever"/ desenhar"		[14]
N	descrever		[15]
B	escrever		[16]
N	falando/ explicar pra mim		[17]

B	quando outros quer ((fala incompreensível)) já foi ((silêncio)) vendendo cachorro hein'	"B" aponta para a gravura	[18]
N	ãhã		[19]
B	só isso	"B" para de olhar para a gravura e senta-se normalmente	[20]
N	isso" só		[21]
B	é		[22]
N	que cê tá vendo"/ tem mais alguma coisa que cê vê aqui"		[23]
B	não		[24]
N	tá:/ como é que tá o ambiente aqui dessa/ dessa imagem	"B" se inclina e olha para a gravura	[25]
B	numa sala né"		[26]
N	é'		[27]
B	um jardim né"	"B" aponta para a gravura	[28]
N	mhm		[29]
B	eles tão numa:/ nu:m/ numa:::/ num catimbim né"	"B" passa a mão acima da figura, da esquerda para a direita	[30]
N	ãhã		[31]
B	um jardinzinho		[32]
N	ã		[33]
B	tão numa		[34]
N	cê/		[35]
B	numa festinha de são né"	"B" aponta para a gravura	[36]
N	ã:/ cõ/ ãhã:		[37]
B	num piquenique né"		[38]
N	ã:		[39]
B	((silêncio))		[40]
N	o que é que te chama mais a atenção aqui"		[41]
B	atenção é::/ esses daqui/ esses dois namorados	"B" aponta para a gravura	[42]
N	é."		[43]
B	é		[44]
N	como assim"		[45]
B	os dois tá curtindo né"/ tá/ olha a:s/ a:: fruta na vasilha	"B" aponta para a gravura	[46]
N	mhm		[47]
B	((silêncio))	"B" olha para direita	[48]

N	tem mais alguma coisa”		[49]
B	não		[50]
N	não”/ tem não’		[51]
B	((silêncio))		[52]
N	cê algun/ e as cores”		[53]
B	a cor é linda viu’		[54]
N	é”		[55]
B	é	“B” afirma discretamente com a cabeça	[56]
N	mhm		[57]
B	((silêncio))		
N	tá certo/ vou guardar aqui/ tá certo”		
B	tá certo		[58]
N	agora eu quero saber assi:m outra coisa/ é:: tem algum lugar que você gosta de ficar”		[59]
B	é/ é lá em cima no quarto	“B” aponta para cima	[60]
N	é”/ então tem algum lugar que você gosta mesmo de ficar”		[61]
B	tem		[62]
N	onde”		[63]
B	é lá em cima onde eu tô lá	“B” aponta para cima e abre a mão	[64]
N	ãhan/ e aí/ como é lá”		[65]
B	é que é calmo/ um calorzinho bo:m	“B” põe os braços em paralelo ao tronco com cotovelos flexionados em 90°	[66]
N	é”/ por/		[67]
B	é		[68]
N	cê pode descrever pra mim como é”		[69]
B	num calor calor da sala	“B” faz, com as mãos abertas, movimentos de dentro para fora	[70]
N	é”		[71]
B	o sol chega esquentá lá e fica um calor bom	“B” faz, com as mãos abertas, movimentos de dentro para fora e passa a mão sobre o estômago	[72]
N	é:”		[73]
B	É	“B” afirma com a	[74]

		cabeça	
N	que faz/ o que é que fazem lá	ai o que é	[75]
B	dor:me	toma banho/	[76]
N	é:"		[77]
B	é	"B" afirma com a cabeça	[78]
N	e o que é que tem lá"		[79]
B	só as cama de dormir/ unir/ o banheiro	[hãms] tem	"B" passa a mão sobre o tórax e depois levanta a mão direita
N		mhm	[81]
B		é:	[82]
N	mais algum outro lugar que você gosta de ficar	tem	[83]
B	num tenho/ tenho não	"B" nega com a cabeça	[84]
N		tem não né"	[85]
B		não	[86]

**TRANSCRIÇÃO DE FALA DE PESSOA COM ESQUIZOFRENIA
(COLETA 8.3.B)**

Tema: Injunção.

Informante: Bachir, sexo masculino, ~40 anos (B).

Entrevistador: Nelson, Pesquisador (N).

Local: Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL), Natal/RN, Brasil.

Data: 30/12/2009 (quarta), das 15h, 13min e 18seg às 15h, 14min e 48seg.

	Áudio	Vídeo	T
N	hoje a gente vai só conversar mais/ conversar mais um pouquinho/ tá certo <i>Bachir</i> "/		[1]
B	tá certo	"B" afirma com a cabeça	[2]
N	pode ser"		[3]
B	pode		[4]
N	pron:to <i>Bachir/ Bachir</i> é:: cê gosta de fazer alguma coisa" conserta::r/ o:u construir alguma coisa"		[5]
B	não/ não	"B" nega com a cabeça	[6]
N	não tem nada que você goste de fazer"		[7]
B	não:/ eu estudo	"B" nega com a cabeça	[8]
N	você estuda"		[9]
B	lá no senai		[10]
N	é:"		[11]
B	é		[14]
N	aí como é que é lá"		[15]
B	é aula de desenho/ matemática/ português	"B" olha para a esquerda	[16]
N	é"/ aí como é que é lá"/ se você fosse me ensinar o é que é que você faz lá/ como é que você ia dizer o que cê faz lá"		[17]
B	escrevia no caderno né'	"B" faz, com a mão direita, gesto de escrever da esquerda para a direita sobre a mesa	[18]
N	é"/ aí/ como assim"	"B" afirma com a cabeça	[19]

B	as palavras		[20]
N	as palavras”		[21]
B	é		[22]
N	aí/ é/ o que é que você mais gosta de fazer”		[23]
B	gosto de: estudar né’		[24]
N	é”/ estudar”		[25]
B	é		[26]
N	aí como é que é estudar”/ como assim”		[27]
B	só lá no colégio/ colégio/ co/	“B” alisa o cabelo com a mão direita	[28]
N	como é que é o colégio		[29]
B	senai		[30]
N	senai”		[31]
B	é		[32]
N	aí/ onde é lá”		[33]
B	lá na/ perto da minha casa	“B” aponta para cima	[34]
N	é”/ perto da sua casa”		[35]
B	é	“B” afirma com a cabeça	[36]
N	ã::: legal/ aí se você for me ensinar como é que se estuda/ como é que/ cê pode me explicar como é que eu devo estudar”		[37]
B	escrevendo escrevendo		[38]
N	escreven:do/ que mais”		[39]
B	escrevendo/ só isso mesmo		[40]
N	eu tenho que usar alguma coisa pra estudar”		[41]
B	caderno e: lápis		[42]
N	é”		[43]
B	é		[44]
N	aí o que é que eu faço com o caderno e o lápis”		[45]
B	escreve o que a professora tá passando né”		[46]
N	é”	“B” afirma com a cabeça	[47]
B	é		[48]
N	a::: legal/ aí::/ se você fosse um professor/ e fosse me ensinar como é que se estuda/ como é que você ia me ensinar a estudar”		[49]
B	primeiro passava no	“B” faz, com a mão	[50]

	quadro	direita, gesto de escrever sobre um quadro	
N	é”		[51]
B	no quadro pra fazer	“B” faz, com a mão direita, gesto de escrever sobre um quadro	[52]
N	quando foi a última vez que você fez isso”		[53]
B	faz um bocado de mês já		[54]
N	um bocado de mês”		[55]
B	é	“B” afirma com a cabeça	[56]
N	mais ou menos quanto”		[57]
B	uns cinco mês		[58]
N	cinco meses”		[59]
B	é		[60]
N	certo/ aí o que é que você estudava lá”	a:/ tá	[62]
B	matemática/ português/ ciências	“B” passa a mão sobre as pernas	[63]
N	é”		[64]
B	é		[65]
N	a:/ legal/ e:i/ é bom vê-lo <i>Bachir/ valeu/ obrigado</i>		[66]
B	obrigado		[67]
N	quer dizer mais alguma coisa sobre o que você gosta de estudar”		[68]
B	quer não/ quer não		[69]

TRANSCRIÇÃO DE FALA DE PESSOA COM ESQUIZOFRENIA (COLETA 10.4.B)

Tema: Exposição de opinião.

Estímulos interacionais: desenho animado que apresenta uma menina jogando beisebol na rua com seu cãozinho; então, ela acerta sua bola num policial, fazendo com que ele quase engula o telefone pelo qual fala com seu superior. O policial, então, grita agressivamente com a menina, ordenando que ela vá brincar no parque. No parque, a menina continua seu jogo, mas acerta acidentalmente o olho do mesmo guarda anterior, agora próximo a uma árvore. Ele se exaspera, toma o taco da menina e joga-o no chão; este bate na bola que, por sua vez, acerta o outro olho dele; então, o policial grita novamente com a menina ordenando que ela brinque de outra coisa.

Informante: Bachir, sexo masculino, ~40 anos (**B**).

Entrevistador: Nelson, Pesquisador (N).

Local: Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL), Natal/RN, Brasil.

Data: 07/01/2009 (quarta), das 15h, 11min e 40seg às 15h, 16min e 37seg.

	Áudio	Vídeo	T
N	/.../ hoje eu vou passar um pedacinho de desenho pra você/ pode ser"		[1]
B	pode/ pode/ pode	"B" responde afirmativamente com a cabeça	[2]
N	tá certo/ eu vou colocar aqui ((execução da animação)) /.../ e aí"/		[3]
B	bem		[4]
N	o que é que você achou"		[5]
B	legal		[6]
N	prestou atenção no desenho"		[7]
B	prestei	"B" esfrega a mão esquerda sobre o peito	[8]
N	pronto/ aí o que é que/ como é que é a história" mais ou menos'/ cê lembra"		[9]
B	não	"B" nega com a cabeça e passa a mão na cabeça	[10]
N	não'/ ela tava jogando bola não é'/ essa menininha tava jogando bola/		[11]
B	era	"B" responde afirmativamente	[12]

		com a cabeça	
N	não era”		[13]
B	era		[14]
N	e aí ela acertou no policial		[15]
B	policial		[16]
N	aí o policial ficou com raiva/ a aí ele pegou e mandou ela brincar no parque		[17]
B	é no parque	“B” responde afirmativamente com a cabeça	[18]
N	aí ela foi pro parque/ brincar no parque e aí jogando bola acertou no policial de novo”		[19]
B	certo		[20]
N	aí ele brigou com ela/ a aí quem você acha que tá certo”/ a menina ou o policial”		[21]
B	o		[22]
N	é”/ como assim”		[23]
B	é		[24]
N	por quê”		[25]
B	((silêncio)) sei não	“B” abre as mãos em paralelo como se fosse explicar algo	[26]
N	por que ele tá certo”		[27]
B	((silêncio))		[28]
N	ele é que tá certo é”		[29]
B	é	“B” responde afirmativamente com a cabeça	[30]
N	por que ele tá certo”/ você acha que/ sabe não”		[31]
B	to na		[32]
N	sabe não”		[33]
B	((silêncio))		[34]
N	e a menina/ então/ quem é que tá errado”		[35]
B	a menina	“B” responde afirmativamente com a cabeça	[36]
N	a menina/ por que ela tá errada”		[37]
B	[wow] foi jogar bola dentro do parque		[38]
N	é:”		[39]
B	é		[40]

N	aí tem mais alguma coisa que você queira dizer sobre/		[41]
B	tenho não		[42]
N	o policial então ele não tá errado/		[43]
B	é		[44]
N	ou ele tá errado o policial”		[45]
B	tá não		[46]
N	tá não”		[47]
B	((silêncio))		[48]
N	por que ele não tá errado”		[49]
B	porque tá certo ele		[50]
N	é”		[51]
B	é		[52]
N	e a menina por que ela”/ ela tá certa”		[53]
B	a menina tá certa né”		[54]
N	ela tá certa”		[55]
B	tá	“B” responde afirmativamente com a cabeça	[56]
N	por que ela tá certa”		[57]
B	por que ela não entende né		[58]
N	é”		[59]
B	é		[60]
N	então quem é que tem a razão”/ a menina: ou o policial”		[61]
B	menina		[62]
N	a menina”/		[63]
B	é	“B” responde afirmativamente com a cabeça	[64]
N	é”		[65]
B	((silêncio))		[66]
N	por que ela/ ela tá certa”		[67]
B	tava brincando dentro do parque		[68]
N	é’		[69]
B	é	“B” responde afirmativamente com a cabeça	[70]
N	ã::		[71]

B	((silêncio))		[72]
N	quem é que tava errado”		[73]
B	o policial né”		[74]
N	o policial/ foi”		[75]
B	mhm	“B” responde afirmativamente com a cabeça	[76]
N	no primeiro momento ela tava brincando na rua/ e aí acertou o policial/ depois		[77]
B	depois		[78]
N	ela tava brincando no parque:./		[79]
B	é		[80]
N	e acertou o policial aí/		[81]
B	o policial		[82]
N	aí quem é que tava certa”		[83]
B	era o policial		[84]
N	o policial tava certo”		[85]
B	é		[86]
N	aham/ e quem é que tava errado”		[87]
B	a menina		[88]
N	a menina’		[89]
B	((silêncio))		[90]
N	aí por que a menina tava errada”		[91]
B	tava brincando né”	“B” levanta a mão esquerda com a palma aberta como se segurasse algo	[92]
N	é:”/ e por que o policial tava certo”		[93]
B	tava olhando já ((pausa)) no parque	“B” gesticula a mão direita na altura do peito	[94]
N	ãn:/ certo::		[95]
B	((silêncio))		[96]
N	you gostou do desenho”		[97]
B	gostei	“B” responde afirmativamente com a cabeça	[98]
N	foi legal”		[99]
B	legal /.../		[100]

TRANSCRIÇÃO DE FALA DE PESSOA COM ESQUIZOFRENIA (COLETA 12.5.B)

Tema: Imagem em movimento.

Estímulos interacionais: desenho animado, do estilo mudo (apenas com fundo musical), tendo como protagonista a pantera cor-de-rosa. A história se inicia com a pantera indo a um pátio a céu aberto com vários carros usados, uma loja automobilística. A pantera, então, toca num carro e o carro se desmancha. Depois, o vendedor mostra um pequeno carro conversível na cor azul que tem vários botões no painel. Assim, a pantera se encolhe e entra espremida no carro. Ela aperta um botão que faz subir uma antena, depois faz descer. Depois, liga o rádio, que é muito alto, fechando os olhos com o barulho. Como o carro parece ter vida própria, a pantera se interessa, dando muito dinheiro para o dono da loja. Ela então leva o carro para uma garagem e o pinta de rosa com um *spray*. O carro tosse com a tinta, desmaiando com o cheiro. Após isso, a pantera pega o carro e sai nele para um passeio. Ela para com o carro num semáforo vermelho ao lado de outro carro com um grande e comprido motor, tendo o motorista um capacete de corrida. Quando o semáforo fica verde, o carro de corrida arranca fortemente, cobrindo a pantera e seu carro com fumaça. Após tossirem, a pantera e o carro vão para outro semáforo vermelho, parando ao lado de uma idosa num carro bem antigo. A senhora, quando sai com o carro ao semáforo verde, também solta fumaça sobre a pantera e o carro, fazendo-os rodopiar, irritando o carro da pantera cor-de-rosa. O carro da pantera, então, acelera para alcançar a velhinha, a qual, ao se ver desafiada, aperta um botão, transformando seu carro antigo num supercarro, empinando-o e acelerando grandemente. O carro da pantera, contra a vontade do dono, empina-se e inicia um *racha* (corrida urbana) com a idosa, que, ao sair da cidade, joga a pantera e o carro de um penhasco. O carro da pantera abre, então, um paraquedas, acabando por descer na loja de carros usados onde foi comprado. A pantera, então, sai do carro e pega seu dinheiro de volta, devolvendo o veículo.

Informante: Bachir, sexo masculino, ~40 anos (B).

Entrevistador: Nelson, Pesquisador (N).

Local: Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL), Natal/RN, Brasil.

Data: 14/01/2010 (quinta), das 15h, 35min e 51seg às 15h, 43min e 29seg.

	Áudio	Vídeo	T
N	/.../ cê gosta de desenho/ né"/ cê falou que gosta		[1]
B	gosto/ gosto		[2]
N	de desenho/ então hoje tem outro desenho		[3]
B	outro desenho		[4]
N	é:/ agora preste bem atenção/ esse desenho você vai assisti:::r/ tá certo"/ e aí depois você vai ter que contar pra mim o/ o que aconteceu no desenho/ porque eu não vou assistir o desenho/ tá bom"		[5]

B	((silêncio))		[6]
N	você vai assistir/ eu não vou assistir/ e aí você vai ter que me contar o desenho/ tá bom”		[7]
B	te falei né”	“B” inclina-se para frente, com as mãos nos joelhos e fala	[8]
N	então eu vou/ aí você presta atenção no desenho tá bom” ((execução da animação)) /.../ e aí”		[9]
B	a pantera pegava o carro vinha e fazia/ subia ((fala incompreensível))	“B” com a mão direita, tendo a palma aberta para baixo, move-a em círculos, depois a sobe, desce, sobe novamente e desce novamente	[10]
N	é”		[11]
B	é		[12]
N	aí como assim”		[13]
B	ela andou com o carro/ o carro falava/ e ela andava	“B” move as mãos do centro para fora, num crescendo, depois faz movimento da direita para a esquerda com a mão direita	[14]
N	é”		[15]
B	((silêncio))		[16]
N	mais alguma coisa”		[17]
B	não		[18]
N	como é que foi que começou a história”		[19]
B	eu não lembro não/ não		[20]
N	e como é que terminou a história”		[21]
B	((fala incompreensível)) a pantera foi embora	“B” move as mãos do centro para fora, num crescendo, depois faz movimento de baixo para cima com a mão direita	[22]
N	é”		[23]
B	((silêncio))		[24]
N	você gostou/		[25]

	achou ruim a história”		
B	gostei/ gostei	“B” passa o polegar sobre o buço e responde	[26]
N	foi”/ por que/ cê sabe/ como assim você gostou”		[27]
B	porque já tinha visto	“B” aponta com o indicador direito para cima e responde	[28]
N	foi”		[29]
B	((silêncio))		[30]
N	cê já viu esse desenho já”/		[31]
B	já	“B” afirma com a cabeça	[32]
N	igual passou aqui já”		[33]
B	é	“B” afirma com a cabeça	[34]
N	a::/ que legal/ mas legal né a historinha que aconteceu”		[35]
B	é		[36]
N	aí acontece historinha com todo mundo/ não acontece”		[37]
B	acontece		[38]
N	é/ às vezes acontece várias coisas com a gente por exemplo eu quando era pequeno tem uma história que eu fui pra esco::la/ aí depois quando eu fiquei maiorzinho aí eu fiz uma via::gem/ aí depois eu já grande/ eu fiz outra viagem/ tem alguma história que aconteceu com você”		[39]
B	tem não/ tem não		[40]
N	tem não”/ nenhuma”		[41]
B	nenhuma		[42]
N	cê não lembra de nenhuma história que aconteceu com você”		[43]
B	lembro não	“B” nega com a cabeça	[44]
N	alguma que você goste		[45]
B	não	“B” cruza os braços e nega com a cabeça	[46]
N	não”		[47]
B	tenho não		[48]

N	não lembra não”		[49]
B	/.../	não	[50]

ANEXO 4

Corpus lingüístico de Domini

**TRANSCRIÇÃO DE FALA DE PESSOA COM ESQUIZOFRENIA
(COLETA 13.1.D)**

Tema: Ativadores de *frames*.

Estímulos interacionais: 3 cartões com vocábulos “TELEVISÃO” (substantivo), “VIAJAR” (verbo) e “ALEGRE” (adjetivo).

Informante: Domini, sexo masculino, ~40 anos (D).

Entrevistador: Nelson, Pesquisador (N).

Psicólogos: Sandra (P^ª) e Leandro (P).

Local: Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL), Natal/RN, Brasil.

Data: 17/01/2010 (domingo), das 14h, 56min e 03seg às 15h, 00min e 43seg.

	Áudio	Vídeo	T
N	/.../ eu mostrar umas/ umas palavras/ cê sabe ler”		[1]
D	sabe		[2]
N	é”/ pronto/ eu vou/ eu vou mostrar pra você ler/ e vou falar também as palavras/ aí você vai dizer a primeira coisa que vem à sua cabeça/ a primeira coisa que cê pensa quando eu mostrar e falar as palavras/ tá certo <i>Domini</i> ”		[3]
D	((silêncio))		[4]
N	pronto/ a primeira palavra é te-le-vi-são		[5]
D	((silêncio)) dez/ é só a nota e pronto/ dez	“D” pega o cartão com as duas mãos e põe do lado esquerdo da mesa	[6]
N	dez”/ o que é que você pensa quando cê”		[7]
D	a:: um técnico passando muitos programas de ciência ((fala incompreensível))	“D” pega o cartão do lado, olha e depois o põe ao lado novamente	[8]
N	tem mais alguma coisa que você acha sobre televisão”		[9]
D	((silêncio))		[10]
N	não/ né”/ a segunda palavra é vi-a-jar		[11]
D	eu vou parafrasear Olavo Bilac/ viajar é desdobrar a vida no meio	“D” pega o cartão com as duas mãos e põe do lado esquerdo da mesa	[12]
N	é”		[13]
D	é		[14]

N	tem mais alguma coisa que vem à sua cabeça quando cê pensa em viajar”		[15]
D	((silêncio))	“D” nega com a cabeça	[16]
N	e a outra é a-le-gre		[17]
D	quando me lembrava da minha namorada		[18]
N	é”		[19]
D	agora faço um leque assim/ as mulher que se abana as/ por que:: as mulheres abanam assim”/ tanta dor de dente”	“D” pega os cartões e se abana como com um leque	[20]
P ^α	não sei não		[21]
D	não leva mais não		[22]
P	não/não		[23]
D	quando os cara faz esses negócio assim é se abanando ((riso))	“D” pega os cartões e se abana como com um leque	[24]
N	e essas três palavras/ elas têm alguma coisa/ que você acha em comum entre e:las”/ televisão/ viajar/ e alegre/ tem alguma coisa a ver entre elas”		[25]
D	sei não/ televisão/ televisão/ viajar pode ficar assim/ viajar na sua imaginação/ se imaginar passando aqui fora/ ((fala incompreensível)) essa aqui vem do coração hein’/ alegria vem do coração	“D” pega os cartões e aponta para cada um deles quando fala	[26]
N	ãham		[27]
D	é um estado de espírito que é preciso andar dar o estado de espírito que precisa ser vivido/ concorda”		[28]
P ^α	concordo		[29]
D	agora eu posso ir”		[30]
N	e qual das três você mais gosta”		[31]
D	ãhm/ as três		[32]
N	as três”		[33]
D	((silêncio))		[34]
N	e qual você acha que não tem nada a ver”		[35]
D	nenhuma		[36]

TRANSCRIÇÃO DE FALA DE PESSOA COM ESQUIZOFRENIA (COLETA 14.2.D)

Tema: Descrição de cena.

Estímulos interacionais: gravura colorida de uma praça pública contendo um rapaz ruivo observando um livro com imagens de animais, uma moça de cabelos castanhos ouvindo música com fones de ouvido, uma ciclista loira comendo um sanduíche, um jovem negro cheirando uma flor, um homem de cabelos castanhos e uma loira fitando e apontando para uma tigela com amêndoas e frutos, um porco-espinho irritado frente a um cão curioso, um simpático vendedor idoso de sanduíches/hambúrgueres e um menino ruivo com a mão direita abanando e com a língua de fora tomando uma xícara com um líquido quente.

Informante: Domini, sexo masculino, ~40 anos (A).

Entrevistador: Nelson, Pesquisador (N).

Local: Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL), Natal/RN, Brasil.

Data: 18/01/2010 (segunda), das 14h, 52min e 42seg às 15h, 40min e 21seg.

	Áudio	Vídeo	T
N	/.../ eu queria que você dissesse:/ o que você vê nessa imagem/ pra mim/ tá certo"/ você vai descrever a imagem pra mim/ tá bom"/ <i>Domini</i>		[1]
D	((silêncio)) un/ não sei descrever é nada aqui/ ((silêncio)) sei não	"D" pega a gravura com as duas mãos, demora observando-a e nega com a cabeça	[2]
N	não"		[3]
D	((silêncio))		[4]
N	o que é que você vê aqui"/ você pode dizer pra mim"		[5]
D	desenho das pessoa	"D" gesticula em círculos com a mão esquerda	[6]
N	é"		[7]
D	é		[8]
N	como assim"		[9]
D	aqui o desenho das pessoa/ parece aqueles desenho animado da televisão	"D" aponta rapidamente para cada uma das pessoas da gravura	[10]
N	ãhã/		[11]
D	((silêncio))		[12]
N	se você fosse explicar pra mim/ como é que é então esse desenho/ poderia me		[13]

	explicar”		
D	((enfaticamente)) não/ guarda/ leva	“D” nega com a cabeça, levanta o desenho para próximo ao rosto e o empurra para “N”	[14]
N	é”/ por que”		[15]
D	num dá certo nada não	“D” nega com a cabeça	[16]
N	dá não”/ por que”		[17]
D	num dá certo nada não		[18]
N	é”/ ã:::/ o que é que cê acha que tem nele		[19]
D	num tô vendo nada aí	“D” nega com a cabeça	[20]
N	nada”/ ã:::/ é um desenho das pessoas né”/		[21]
D	((silêncio))	“D” consente com a cabeça	
N	elas tão fazendo alguma co:isa”/ elas tã/		
D	nada	“D” nega com a cabeça	[22]
N	nada”/ ã:/		[23]
D	posso ir”	“D” bate levemente com os punhos na mesa	[24]
N	eu queria fazer só mais uma pergunta/ entendeu”/ tem algum lugar que você gosta de ficar”		[25]
D	não		[26]
N	um lugar que você goste de i::r/ ou você goste de descansa::r/ de fica:r		[27]
D	descansar agora tem um lugar aí de cima/ por isso tenho que sair		[28]
N	é” ((risos))/ aí tem algum lugar que você goste de ir”		[29]
D	((silêncio)) /.../	“D” nega com a cabeça	[30]

**TRANSCRIÇÃO DE FALA DE PESSOA COM ESQUIZOFRENIA
(COLETA 15.3.D)**

Tema: Injunção.

Informante: Domini, sexo masculino, ~40 anos (D).

Entrevistador: Nelson, Pesquisador (N).

Local: Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL), Natal/RN, Brasil.

Data: 21/01/2010 (quinta), das 14h, 06min e 18seg às 14h, 12min e 43seg.

	Áudio	Vídeo	T
N	todo mundo gosta de fazer alguma coisa né"/ ou montar alguma coisa/ ou consertar:/ ou fazer um outra co::isa/		[1]
D	eu particularmente gosto mais de ler		[2]
N	é"		[3]
D	gosto bastante/ eu tava lendo a bíblia ((fala incompreensível)) tão importante ((fala incompreensível))		[4]
N	o que você gosta de fazer"/ se você fosse me ensina::r"/ como é que você iria fazer alguma coisa que você gosta de fazer"/ como é que você ia me ensinar"/ você me explica:do		[5]
D	((pigarro))		[6]
N	gosta de fazer alguma co:isa" você		[7]
D	mesmo só de ler		[8]
N	é"/ só de ler"/		[9]
D	((silêncio))		[10]
N	então se você fosse me ensinar/ imagine que você é um professor/ aí cê vai me ensinar como é que eu devo ler		[11]
D	<i>Domini</i> é o homem da bíblia ((silêncio))/ não derramar o sangue humano/ nem do leão/ nem do primo dele/ ganharás o pão no suor do teu rosto/ sustentai-vos em tudo o que tem vida e movimento/ eu vos deixei essas coisas/ todas quais come segundo vieres/ excetuando apenas a carne misturada com sangue da qual vos defendo que não comais/ recebo todo o animal [cler'isimo] desde quando comer menos a carne misturada com sangue/ casamento também/ deus deixou o casamento/ sexo entre pessoas do mesmo sexo não é lícito/ porque deus não deixou assim/ homem com homem/ mulher com mulher/ não deixou assim/ a inveja é pecado/ a cobiça/ a preguiça/ inveja/ avareza/ avareza/ a soberba/	"D" cruza os dedos como se fizesse uma prece, movendo, assim, as mãos enquanto fala. Em outro momento, quando fala sobre a ira e roubar armado, "D" faz movimento de pegar um revólver e depois abre as mãos em paralelo com as palmas para baixo.	[12]

	<p>mas têm pecados na bíblia que o homem a terra castiga/ foi castigar/ mas têm pecados que deus castiga/ só quem pode castigar é deus/ pois um feijão nos pés/ ((silêncio)) se um mato mata outro em ligeira defesa/ um pode castigar botando na cadeia/ né”/ mas ninguém pode chegar na delegacia e dizer/ prenda esse homem que ele é orgulhoso/ orgulho é pecado/ quer dizer/ isso aí só deus quem sabe tem pressa/ né”/ deixa eu ver um outro mandamento mais/ o adultério/ as palavras ofensivas que a pessoa pode dizer num nervoso/ a ira é pecado/ irai-vos mas não pequeis/ quer dizer que no mundo em que vivemos é quase que impossível a gente ser assim dito como que não o senhor/ quer dizer a pessoa irado pega vai roubar armado/ ((fala incompreensível)) jesus irai-vos mas não pequeis/ o aborto provocado é pecado/ o homicídio e as lesões corporais/ as lesões corporais são as intrigas/ né”/ inveja é pecado/ deixa eu ver aqui/ o furto/ e o que é o furto/ não é só a pessoa chegar pra assaltar com a mão armada/ é digamos assim também/ a pessoa roubar no peso/ na medida/ tomar dinheiro emprestado e não pagar/ essas coisa/ essas coisa conciliar com/ deixa eu ver/ o homem de deus é estrangeiros/ deus diz/ observareis tudo o que eu vos tenho dito/ não julgareis por nome de deuses estrangeiros/ nem o nome deles que você não possa por/ que dizer/ nós que estudamos/ nós sabemos que existiam deuses mitológicos/ dançando/ né”/ os chamados guerreiros fortes que as nações adoravam como deus/ isso aí deus disse/ não deixou eles se acharem fortes/ né”/ eram adorados como se fosse deus/ ((fala incompreensível))/ dá de comer aos que têm fome/ dá de beber aos que têm sede/ vesti os órfãos/ acolhei os nus/ visit/ visitai os enfermos/ visita::r os presos e encarcerados/ os presos e encarcerados eu não tenho coragem de ir não/ vão dar uma rebelião/ eu perigo minha vida/ também o que uma pessoa/ o que uma pessoa pode fazer é:: rezar pra eles se arrependem/ né”/ ((enfaticamente)) pronto/ ficar aqui no Gênesis que é um dos poucos mandamentos do livro</p>	<p>Quando “D” fala sobre o furto no peso e na medida cruza os braços, levantando apenas a mão esquerda quando fala sobre o castigo de Deus.</p> <p>“D” faz movimento de escrita desde o momento em que fala sobre dar de comer aos famintos até o fim de sua fala.</p>	
N	ã”		[13]
D	os mandamentos do gênesi eu acho que eu já citei tudo/ se houver outra oportunidade a gente conversa mais		[14]

N	tá certo	[15]
---	----------	------

TRANSCRIÇÃO DE FALA DE PESSOA COM ESQUIZOFRENIA (COLETA 16.4.D)

Tema: Exposição de opinião.

Estímulos interacionais: desenho animado que apresenta uma menina jogando beisebol na rua com seu cãozinho; então, ela acerta sua bola num policial, fazendo com que ele quase engula o telefone pelo qual fala com seu superior. O policial, então, grita agressivamente com a menina, ordenando que ela vá brincar no parque. No parque, a menina continua seu jogo, mas acerta acidentalmente o olho do mesmo guarda anterior, agora próximo a uma árvore. Ele se exaspera, toma o taco da menina e joga-o no chão; este bate na bola que, por sua vez, acerta o outro olho dele; então, o policial grita novamente com a menina ordenando que ela brinque de outra coisa.

Informante: Domini, sexo masculino, ~40 anos (D).

Entrevistador: Nelson, Pesquisador (N).

Local: Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL), Natal/RN, Brasil.

Data: 21/01/2010 (quinta), das 15h, 13min e 09seg às 14h, 22min e 04seg.

	Áudio	Vídeo	T
N	/.../ eu vou mostrar ago:ra um desenho/ cê já assistiu desenho animado”		[1]
D	eu tenho tanta raiva de desenho animado		[2]
N	por que você tem raiva de desenho animado”		[3]
D	num traz nenhuma mensagem pra gente		[4]
N	mas aí por isso mesmo é um desenho em que você vai me explicar quem é que tem razão”		[5]
D	desenho vem é ser mal/ nem tem razão/ né”		[6]
N	e aí você vai dizer quem é que tem razão/ tá certo”/ nessa história” ((execução da animação)) /.../	“D” olha atentamente para a animação	[7]
D	((durante a animação)) ((risos)) ela se livra de tudo e ainda cai a bolinha nele ((risos)) /.../		[8]
N	quem é que tem razão”/ você lembra como era a historinha”		[9]
D	ad/ me abstenho sem dizer nada		[10]
N	((risos)) a menina tava brincando de bola na rua/ aí acertou no policial/ aí o policial mandou ela brincar no parque/ aí ela brincando no parque/		[11]

	jogou a bola e acertou no policial de novo/ quem é que tá certo/ quem é que tá errado”		
D	eu num sei não		[12]
N	sabe não”		[13]
D	((enfaticamente)) não/ nada a declarar	“D”, com as palmas das mãos abertas, move as mãos e os braços em “X”	[14]
N	então/ tá certo /.../		[15]

TRANSCRIÇÃO DE FALA DE PESSOA COM ESQUIZOFRENIA (COLETA 17.5.D)

Tema: Imagem em movimento.

Estímulos interacionais: desenho animado, do estilo mudo (apenas com fundo musical), tendo como protagonista a pantera cor-de-rosa. A história se inicia com a pantera indo a um pátio a céu aberto com vários carros usados, uma loja automobilística. A pantera, então, toca num carro e o carro se desmancha. Depois o vendedor mostra um pequeno carro conversível na cor azul que tem vários botões no painel. Assim, a pantera se encolhe e entra espremida no carro. Ela aperta um botão que faz subir uma antena, depois faz descer. Depois, liga o rádio, que é muito alto, fechando os olhos com o barulho. Como o carro parece ter vida própria, a pantera se interessa, dando muito dinheiro para o dono da loja. Ela então leva o carro para uma garagem e o pinta de rosa com um *spray*. O carro tosse com a tinta, desmaiando com o cheiro. Após isso, a pantera pega o carro e sai nele para um passeio. Ela para com o carro num semáforo vermelho ao lado de outro carro com um grande e comprido motor, tendo o motorista um capacete de corrida. Quando o semáforo fica verde, o carro de corrida arranca fortemente, cobrindo a pantera e seu carro com fumaça. Após tossirem, a pantera e o carro vão para outro semáforo vermelho, parando ao lado de uma idosa num carro bem antigo. A senhora, quando sai com o carro ao semáforo verde, também solta fumaça sobre a pantera e o carro, fazendo-os rodopiar, irritando o carro da pantera cor-de-rosa. O carro da pantera, então, acelera para alcançar a velhinha, a qual, ao se ver desafiada, aperta um botão, transformando seu carro antigo num supercarro, empinando-o e acelerando grandemente. O carro da pantera, contra a vontade do dono, empina-se e inicia um *racha* (corrida urbana) com a idosa, que, ao sair da cidade, joga a pantera e o carro de um penhasco. O carro da pantera abre, então, um paraquedas, acabando por descer na loja de carros usados onde foi comprado. A pantera, então, sai do carro e pega seu dinheiro de volta, devolvendo o veículo.

Informante: Domini, sexo masculino, ~40 anos (D).

Entrevistador: Nelson, Pesquisador (N).

Local: Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes (HPPSL), Natal/RN, Brasil.

Data: 21/01/2010 (quinta), das 14h, 25min e 47seg às 14h, 33min e 34seg.

	Áudio	Vídeo	T
N	/.../ agora esse é um desenho que eu não vou assistir/ você vai assistir/ e eu vou ficar fazendo aqui outra coisa/ depois você vai me contar o que foi que você viu		[1]
D	((sussurrando)) meu amigo eu tô doidão pegue cinquenta aí ((execução da animação)) ((durante a execução)) a pantera é ruim demais/ nem gosto não tem razão de nada/ é ruim/ deus me livre /.../ ((durante a execução)) vontade de rir desse carro velho /.../ ((durante a	"D" olha atentamente para a animação	[2]

	execução)) essa pantera num/ eu sei como é o desenho /.../ ((durante e execução)) a pantera é ruim viu” /.../ ((durante a execução)) esse filme num leva a nada não/ num leva a nada/ num leva a porra nenhuma/ nem lembrar eu lembro /.../		
N	se você for contar pra mim o que passou aí”		[3]
D	homem		[4]
N	você poderia contar essa história pra mim”		[5]
D	nem prestei atenção		[6]
N	não”		[7]
D	isso é muito ruim		[8]
N	é muito ruim” ((risos))/ por que é ruim”		[9]
D	num tem mensagem não		[10]
N	num tem mensagem”		[11]
D	((silêncio))		[12]
N	se você fosse contar o que você assistiu aí/ que eu não tava vendo/ pode dizer pra mim”		[13]
D	num tinha nada edificante		[14]
N	não tinha nada’		[15]
D	nada edificante		[16]
N	como assim”		[17]
D	assim mensagem quando a gente sabe de uma coisa/ uma pessoa		[18]
N	a pantera fez alguma coisa”		[19]
D	é uma ficção muito mal feita		[20]
N	ela fez alguma coisa		[21]
D	eu não sei de nada		[22]
N	aham/ agora:./ só pra terminar/ tem alguma história que aconteceu com você que cê gostaria de me contar”		[23]
D	((silêncio))		[24]
N	qualquer história que aconteceu com você/ cê lem::bre		[25]
D	((sussurando)) o chaves não prestou ((fala incompreensível))		[26]
N	ahã		[27]
D	eu tava		[28]

	esperando agora se reiou/ durmi três horas da manhã/ se reiou		
N	ahã		[29]
D	qual o maior grito do mundo"/ agora vou lhe perguntar/ qual o maior grito do mundo"	"D" põe a punho cerrado sobre o lado esquerdo do peito	[30]
N	num sei		[31]
D	sabe não o maior grito do planeta terra"/ o grito do ipiranga		[32]
N	é"/ como é"		[33]
D	as cortes de dom manuel escravizaram e perseguem-nos:/ de hoje em diante nenhum laço nos unem mais/ nossas famílias à independência: ou morte/ o maior grito do mundo/ posso ir"		[34]
N	tem alguma história que você queira contar que aconteceu com você"		[35]
D	nã::o:		[36]